

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO
NÚCLEO DE REVISÃO DE COMISSÕES
TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS

EVENTO : Audiência Pública	Nº: 0181/99	DATA: 14/04/99
DURAÇÃO: 2h12min	PÁGINAS : 42	QUARTOS: 9
REVISORES: CLÁUDIA LUÍZA, MADALENA, ODILON, VEIGA		
SUPERVISORES: MYRINHA, ANA MARIA		

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

IVAN CANABRAVA — Subsecretário-Geral de Assuntos Políticos do Ministério das Relações Exteriores
VERA LÚCIA BARROUIN MACHADO — Diretora-Geral do Departamento da Ásia e Oceania
JOSÉ VICENTE PIMENTEL — Diretor-Geral do Departamento da África e Oriente Próximo
OSVALDO DE JESUS SERRA VAN-DÚNEM — Embaixador Extraordinário e Penipotenciário da Embaixada da República de Angola
ANTÔNIO ALVES DE CARVALHO — Conselheiro da Embaixada de Portugal
MARISSOL GUSMÃO — Representante do Comitê Brasileiro de Solidariedade a Timor Leste

SUMÁRIO: Debate sobre a situação dos direitos humanos nos países de língua portuguesa, especialmente no Timor Leste.

OBSERVAÇÕES

Há orador não identificado.
Há intervenções fora do microfone. Inaudíveis.
Reverendo Omar Klinch(?) - pág. 1
Ian Shimdmaker(?) - pág. 8
Ali-Alactas(?) - págs. 15 e 16
Não foi possível checar as grafias corretas dos nomes acima indicados, por falta de material de consulta que não nos foi enviado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Declaro abertos os trabalhos da presente reunião de audiência pública da Comissão de Direitos Humanos, que tem por finalidade debater a situação dos direitos humanos nos países de língua portuguesa, especialmente no Timor Leste.

Queria esclarecer, antes de compor a Mesa, que pensávamos em fazer uma audiência sobre os povos de língua portuguesa num prazo mais distante, em outra ocasião, mais preparados, antecedida de contatos prévios, mas o agravamento da situação do Timor Leste, na última semana, levou-nos a antecipar a realização desta audiência para hoje, tendo em vista que os fatos estão se desenrolando com muita rapidez e de forma muito preocupante.

Recebemos, por exemplo, um documento — aqui no Brasil há vários comitês de apoio ao Timor Leste — do grupo paulista O Clamor por Timor. Logo faremos a sua leitura. Antes disso comporei a Mesa convidando o Embaixador Ivan Canabrava, Subsecretário-Geral de Assuntos Políticos do Ministério das Relações Exteriores; o Dr. José Vicente Pimentel, Diretor-Geral do Departamento de África e Oriente Próximo do Ministério das Relações Exteriores; a Dra. Vera Lúcia Barrouin Machado, Diretora-Geral do Departamento de Ásia e Oceania do Ministério das Relações Exteriores; o Dr. Osvaldo de Jesus Serra Van-Dunem, Embaixador Extraordinário Plenipotenciário da Embaixada da República de Angola; o Dr. Antônio Alves de Carvalho, Conselheiro da Embaixada de Portugal e anuncio também a presença do Dr. Daniel Oliveira, Encarregado de Negócios da Embaixada de Cabo Verde, que pediu para participar desta reunião como ouvinte. Contamos também com a presença de diversas pessoas, a exemplo da Dra. Sueli Bellato, que trabalha com o Senador Tião Viana, de vários membros do Grupo Solidariedade ao Timor, aqui em Brasília, a Marissol, a Sueli e o Pádua farão a entrega, no momento oportuno, de uma carta do Reverendo Omar Klinch,(?) que é Secretário do Movimento Nacional de Direitos Humanos, e de vários outros que anunciaremos ao longo do tempo.

Quando optamos por fazer audiência numa quarta-feira, temos de conviver com a realidade de que muitos Deputados participam de muitas Comissões simultâneas — as atividades se concentram nas quartas —, mas iniciaremos nossa audiência e num certo momento acho que os demais colegas da Comissão estarão aqui presentes.

Antes de passar a palavra ao primeiro convidado, Embaixador Ivan Canabrava, informo que, semana passada, mantive contato com o Ministro das Relações Exteriores, inclusive tratamos do assunto Timor Leste. Foi na quarta-feira, ali naquela visita, que resolvemos antecipar esta audiência para hoje. Percebemos também a preocupação do Itamaraty com relação a essa situação.

Entramos em contato com o escritório português da Resistência Timorense, que passou algumas informações.

Antes de passar a palavra ao Dr. Ivan, quero dizer que essas informações vieram por fax, enviado ao Grupo O Clamor por Timor. Eu também mantive contatos telefônicos, logo informarei, e são do seguinte teor:

"(...) que no dia 10 de abril, sábado, O Clamor por Timor recebeu um telefonema de Roque Rodrigues, membro do Conselho Nacional da Resistência Timorense, manifestando a profunda preocupação da Resistência em relação à situação do seu país.

Os grupos paramilitares, armados e financiados por militares indonésios, parecem empenhados em exterminar, ou pelo menos intimidar, a população timorense.

Em Liquiça, a 40 km da capital, Dili, ocorreu um verdadeiro massacre, no qual foram mortas provavelmente umas 200 pessoas. Como sempre, é difícil comprovar o número exato, ainda mais que as pessoas foram literalmente esquarterjadas a golpe de machado, depois de terem sido obrigadas a sair, por meio de gás lacrimogêneo, da igreja onde estavam. Pascoala Barreto, membro da Direção Nacional do Conselho Nacional da Resistência Timorense, perdeu 47 familiares no massacre. Esse massacre, denunciado inclusive por Dom Ximenes Bello, foi noticiado em nossa imprensa.

Ontem, domingo, 11 de abril, correu a notícia de que Dom Bello tinha sido alvo de um atentado, do qual conseguiu escapar. A situação se deteriorou porque no dia 22 de abril se prevê que seja assinado um acordo em Nova Iorque entre os governos da Indonésia e de Portugal, com a mediação da

ONU, para a realização de uma consulta ao povo timorense, para verificar se aceita ou não a "autonomia", entre aspas, oferecida pelo governo indonésio.

Essa autonomia, como se sabe, é parcial, não incluindo independência econômica nem militar. Fica claro que há duas posições distintas e opostas na Indonésia.

Por um lado, o governo do Presidente Jusuf Habibie oferece uma autonomia parcial e até aceita negociar a independência, mas os militares não aceitam isso, consideram uma derrota. Estão arrumando serviço paramilitar para aterrorizar e intimidar a população, impedindo assim a livre decisão do povo sobre seu futuro.

Neste final de semana, conforme denúncia de Roque Rodrigues, as forças paramilitares estavam concentradas em volta de Dili ameaçando invadir a capital, o que provocaria novo banho de sangue. Isso só não ocorreu devido à presença em Dili de dois diplomatas australianos.

Xanana Gusmão, Presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorense, havia ordenado às suas tropas que depusessem as armas, para facilitar as negociações em curso. Frente à situação atual, Xanana mandou que os guerrilheiros retomassem as armas para defender a população, uma vez que as tropas da Indonésia, que ocupam a ilha, a quem compete defender o povo, não conseguem fazê-lo, cabe ao governo do povo, ao exército do povo, impedir esse banho de sangue. O povo tem, sem dúvida, direito de defender sua vida. Isso não pode ser visto como um ataque, mas como uma defesa de um direito sagrado.

No entanto, uma assessora do Presidente Xanana Gusmão, recém-chegada de Jacarta, disse que o Ministro da Justiça da Indonésia havia ameaçado Xanana de ser novamente colocado na prisão de segurança máxima se não apoiasse a negociação. Deve ficar claro que Xanana continua

a apoiar o processo de negociação em curso, mas tem a obrigação, como Presidente do CNRT, de defender seu povo.

Roque enfatizou a urgência de o Governo brasileiro cumprir um duplo papel. Por um lado, pedir ao Embaixador em Jacarta, Jadiel de Oliveira, que envie um representante a Dili, para monitorar a situação e impedir futuros massacres, tal como está sendo feito pelos diplomatas australianos, estão monitorando a situação. E solicitar a Kofi Annan, Secretária-Geral da ONU, que envie uma comissão a Timor Leste para acompanhar todo o processo de paz desde já. A resistência e queixa do que chama cumplicidade internacional e da omissão da ONU.

O Clamor por Timor do Grupo Solidário São Domingos pede, com a máxima urgência, aos Parlamentares e demais amigos do povo timorense que pressionem o Ministro Lampreia e o Presidente Fernando Henrique Cardoso, a fim de que sejam realizadas ações humanitárias, para evitar que Timor se transforme numa nova tragédia do tipo Ruanda, Kosovo.

Assinam Lira Azevedo e Elisa de Carvalho pelo Grupo O Clamor por Timor."

Desse modo, esse grupo informa sobre o pedido que nos é dirigido pela resistência timorense.

Quero também justificar o convite feito à Dra. Vera Machado e ao Embaixador José Vicente Pimentel e aos representantes de Angola, Moçambique e Cabo Verde, e se estivessem aqui Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe nós os convidaríamos também, porque temos o propósito nesta Comissão, aprovado pelo seu Plenário, de, ao longo deste ano, acompanhar não só a situação do Timor, mas também as de Angola e de Guiné -Bissau, que nos preocupam imensamente.

A Comissão de Direitos Humanos acha que nosso País deve, cada vez mais, articular-se com os povos de língua portuguesa. Temos uma imensa responsabilidade no desenvolvimento da situação no Timor, Angola e Guiné-Bissau. Evidentemente trataremos aqui, ou trataremos preferencialmente, das questões relacionadas com direitos humanos, mas quero informar que na Comissão de

Relações Exteriores foi constituída uma Subcomissão permanente para acompanhar a questão dos povos de língua portuguesa, especialmente o Timor, Angola e Guiné- Bissau, dada a situação que esses países enfrentam.

Hoje, de qualquer maneira, quero dizer aos nossos convidados que estamos recebendo o Deputado Neiva Moreira, um veterano combatente dessa causa dos povos de língua portuguesa, e o Deputado Geraldo Magela. Logo também ouviremos o nosso querido Deputado Neiva Moreira, que fundou e manteve durante um tempo extraordinário a revista **Terceiro Mundo**. Logo, logo ele também nos ajudará. Então, trataremos primeiro da questão do Timor, mas faremos, ao longo deste ano, outras reuniões e queremos manter interlocução com a Dra. Vera e o Embaixador José Pimentel sobre questões relacionadas aos povos de língua portuguesa.

Neste momento passarei a palavra ao Dr. Ivan Canabrava, Subsecretário-Geral de Assuntos Políticos do Ministério das Relações Exteriores e depois anunciarei outras pessoas presentes.

Com a palavra o Embaixador Ivan Canabrava.

O SR. IVAN CANABRAVA - Exmo. Sr. Deputado Nilmário Miranda, Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Sras. e Srs. Deputados, Exmos. Embaixadores, senhoras e senhores, foi com muita satisfação que recebi este convite para participar, na qualidade de expositor, desta audiência pública da Comissão de Direitos Humanos.

O tema Timor Leste é especialmente caro à diplomacia brasileira, e gostaria de agradecer à Comissão a oportunidade que me foi dada de pronunciar algumas palavras sobre a situação dos direitos humanos no Timor Leste.

Na minha exposição vou referir-me a fatos políticos, porque é impossível acompanhar o que acontece em termos de direitos humanos em Timor sem se situar nesse contexto político muito especial vivido por Timor. Antes de entrar na minha exposição, segundo um roteiro que tracei, gostaria de assinalar um ponto muito importante.

Estive duas vezes na Indonésia e duas vezes no Timor e tive amplas entrevistas. Na última vez tive 102 ou 103 entrevistas apenas na parte do Timor Leste, fora as de Jacarta, e o que senti é que o Brasil, evidentemente, tem uma influência; o Brasil tem desempenhado um papel construtivo. Agora, muito dessa

força e da legitimidade da posição brasileira advêm exatamente desse apoio e desse interesse que o tema Timor desperta em vários segmentos da população brasileira, inclusive, sobretudo, no Congresso brasileiro.

De modo que devo assinalar que esta audiência, como várias outras iniciativas que foram tomadas antes, além desse interesse do Congresso brasileiro e de outras associações e instituições brasileiras pela causa do Timor, sem dúvida nenhuma, legítima ainda mais a influência brasileira ou qualquer iniciativa brasileira com relação ao Timor.

Um segundo ponto que gostaria de assinalar é que eu acho que se o Brasil desempenhou e vem desempenhando um papel construtivo, nós nos pautamos exatamente pelo adjetivo construtivo, que a iniciativa tem de ser construtiva. E, como os senhores sabem, em vários desses casos algumas das iniciativas podem e devem ser divulgadas, e outras, infelizmente, não — elas não surtiriam efeito se fossem imediatamente anunciadas.

Há uma parte de nosso trabalho que, infelizmente, não pode ser conhecido publicamente porque trata de momentos muito delicados. Cito o exemplo das grandes violações ocorridas na semana passada no Timor Leste: divulgamos um comunicado do conhecimento de V.Exas.; porém, paralelamente, foram tomadas outras medidas não divulgadas para não perderem efeito. Nosso objetivo é a melhora da situação do Timor Leste, e a posição brasileira tem sido reconhecida como positiva.

Temos mantido permanente articulação com os países da língua portuguesa, particularmente com Portugal. Em minha segunda viagem ao Timor Leste, alguns meses atrás, a caminho de Jacarta, detive-me em Lisboa para conversar especificamente com o Encarregado do Timor Leste, Embaixador Fernão Neves(?), da Chancelaria portuguesa, sobre os objetivos da minha viagem e de que maneira poderíamos potencializar nossas iniciativas.

Desejo deixar claro que Portugal está envolvido na negociação direta, a principal, a política, que é a negociação tripartite Indonésia-Portugal-Nações Unidas. O Brasil não deseja, neste momento, estabelecer nenhuma via alternativa a esse canal político ao qual emprestamos todo apoio político.

Acreditamos, e os fatos mostram, que essas negociações tripartites têm conseguido levar o assunto a avançar sensivelmente. Politicamente, a coisa vem

caminhando bem, inclusive com grandes desdobramentos na evolução de posições. A Indonésia recusava-se a admitir sequer uma autonomia mais ampla, agora já admitiria até a independência. Porém, de qualquer maneira, as violações e mesmo os protestos que têm havido nesse movimento político requerem ainda grande atenção de todos nós que acompanhamos esse problema muito complexo.

A questão está no trilho correto, tratada nessa moldura política, mas evidentemente é necessário que a comunidade internacional acompanhe e pressione as partes no sentido de evitar a violência — uma violência causada por qualquer uma das partes seria extremamente negativa para o processo.

As últimas violações de direitos humanos perpetradas por forças paramilitares em Timor causaram clamor internacional e, mais do que isso, vêm causando gestões e iniciativas junto ao Governo indonésio, responsável em pôr termo a essa situação. O Brasil não ficou de fora dessas iniciativas.

O problema do Timor Leste, V.Exas. sabem, ganhou enorme visibilidade internacional após a entrega do Prêmio Nobel da Paz ao Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo e ao Prof. José Ramos-Horta — indonésios nascidos no Timor Leste —, em 1996, ambos interlocutores que me têm dado o privilégio de freqüentemente conversar sobre o Timor.

Nosso País sente-se vinculado ao Timor por uma ampla gama de fatores, entre os quais a afinidade de caráter cultural, histórico e lingüístico, elementos que informam o interesse que a sociedade brasileira mantém pelos assuntos timorenses, inclusive esta egrégia Casa, e conferem maior legitimidade à ação diplomática do Brasil.

No plano político, a atuação brasileira vem se desenvolvendo de forma construtiva, sem impor qualquer tipo de protagonismo e com a necessária discrição, requisito fundamental para o exercício do papel que o Brasil deseja ter no encaminhamento pacífico da questão.

Temos, como já assinalei, dado pleno apoio ao foro tripartite de diálogo, constituído pelos Chanceleres da Indonésia e de Portugal, sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU. Contatos sobre a questão timorense vêm sendo regularmente mantidos pelo Governo brasileiro em diversos níveis. Temos contatado autoridades dos Governos português e indonésio, membros da resistência timorense, a própria ONU — meu último encontro foi com o Embaixador

Ian Shimdmaker, representante do Secretário-Geral para o Timor. Nesse sentido, é significativo o Prof. José Ramos-Horta, em entrevista concedida à imprensa brasileira, ter elogiado o que chamou de postura positiva do Brasil.

A atuação brasileira, porém, é importante destacar, não pretende sobrepor-se e nem constitui uma alternativa ao diálogo tripartite. Na nossa opinião, é o único foro legítimo reconhecido pela comunidade internacional para o entendimento negociado entre as partes. É claro que nesse foro tripartite os avanços que vêm sendo registrados...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Desculpe-me interrompê-lo, Dr. Ivan Canabrava, mas o Deputado Paulo Delgado, Vice-Presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, foi designado pelo Presidente para participar de nossa Mesa junto com a Comissão de Direitos Humanos. (Pausa.)

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Pode continuar. (Pausa.) Já está aqui o Deputado Paulo Delgado.

O SR. IVAN CANABRAVA - Quando digo que esse foro tripartite tem logrado grandes avanços, não quero dizer que todos os problemas estejam equacionados. Um problema grave, por exemplo, que existe ainda dentro do foro tripartite é que não está assegurada formalmente a consulta direta aos timorenses — esta será feita e vem sendo feita através do representante pessoal do Secretário-Geral da ONU, Embaixador Ian Shimadaker(?). No entanto, seria mais democrático se os timorenses estivessem representados nesse foro. Como está prevista a consulta popular para a autonomia, os timorenses, evidentemente, terão oportunidade de manifestar sua opinião. Deixo assinalado que o foro seria, sem dúvida, mais representativo se tivesse sido incluído desde o princípio um representante das diversas facções timorenses.

Em 1996, ocorreu um desdobramento importante na política brasileira com relação ao Timor, quando o Presidente Fernando Henrique Cardoso, na reunião de cúpula da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, em Lisboa, fez um pronunciamento em que manifestou o apoio do Brasil, os esforços em prol da autodeterminação do povo timorense.

No ano seguinte, em 1997, na reunião da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, realizada em Salvador, foi adotado um procedimento importante, o Estatuto do Observador, pelo qual o Timor Leste foi aceito como observador nas reuniões da Comunidade, podendo qualquer facção, qualquer grupo timorense enviar representantes à reunião. Na verdade, até agora apenas a Fretilin tem demonstrado interesse e participado das reuniões.

No campo específico da Comissão de Direitos Humanos da ONU, em 1998 a União Européia, após negociações com a Indonésia, decidiu retirar o projeto de resolução sobre a situação dos direitos humanos no Timor Leste, o qual já contava, devo dizer, com o co-patrocínio do Brasil. O que se adotou nessa reunião foi uma declaração consensual lida em plenário pelo Presidente da Comissão, a qual ressalta a necessidade de o Governo indonésio cumprir com os compromissos assumidos nas sessões anteriores da Comissão de Direitos Humanos, incluindo a adoção de várias medidas concretas para o julgamento e a libertação de timorenses detidos ou condenados, quais sejam, tratamento humano àqueles que estão sob custódia e esclarecimento das circunstâncias em que ocorreu o incidente de Dili, em 1991, até então o maior incidente ocorrido. Infelizmente, Liquiça pode se revelar, com os números conhecidos, tão grave ou mais do que o incidente de Dili.

Houve, paralelamente, atuação por parte da Alta Comissaria das Nações Unidas sobre Direitos Humanos no sentido de pedir ao Governo indonésio que autorizasse a instalação, em Jacarta, de um funcionário do escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Direitos Humanos com acesso a Timor Leste.

Na realidade, apesar de todos os esforços da comunidade internacional, continuam a ser cometidas graves violações aos direitos humanos no Timor. O Secretário-Geral da ONU, em seu último relatório da CDH, em 1998, ressalta a existência de várias das denúncias nesse contexto. O Secretário-Geral baseou-se, inclusive, em informações do Relator Especial Sobre Tortura da CDH, que fazem referência a casos de tortura.

Devo dizer que nas duas vezes em que estive na Indonésia, tanto na Comissão de Direitos Humanos em Jacarta como com o pessoal da Comissão de Justiça e Paz no Timor, ouvi várias acusações, e é lógico que existem violações. Há versões de que essas violações seriam mais do que toleradas: seriam instigadas

por forças regulares do exército indonésio. Outra versão é de que isso seria basicamente um trabalho das forças paramilitares.

Sem dúvida, os grandes propugnadores das violações são os grupos pró-integração, que não possuem maioria e sentem-se ameaçados por uma possível proclamação de independência no Timor.

Nesse sentido, diria que o trabalho mais importante que vem sendo feito é o de conciliação nacional. Xanana Gusmão, em minha opinião, é o líder que reúne todas as condições para fazer esse trabalho de costura, reunindo a sociedade timorense, ainda muito dividida. Criou a Comissão de Paz e vem tentando conciliar os diversos grupos timorenses, tranquilizando-os, afirmando que não haverá acerto de contas e nem vinganças em função de problemas ocorridos no passado.

A conciliação, a costura, é fundamental. Não vejo como poderá existir um país independente Timor Leste — e pelo que tudo indica existirá — sem haver um consenso, uma costura. Acredito que Xanana é o homem especialmente capacitado para isso. Não digo que seja o único. Conheci outras pessoas que também me impressionaram profundamente, como os Bispos D. Basílio e D. Carlos. No entanto, por possuírem atividades ligadas a pastorais, não podem dedicar-se inteiramente à política. Contudo, afirmo que a Igreja Católica possui um grandioso papel a desempenhar no Timor. O respeito que os bispos inspiram na população é fato absolutamente impressionante. São dois elementos muito importantes, nesse contexto, no Timor.

Como já disse, na questão da utilidade dos Direitos Humanos, uma das possibilidades que exploramos seria, talvez, algum tipo de cooperação na área de direitos humanos entre o Brasil e a Indonésia, o que beneficiaria não só o Timor como também outras regiões da Indonésia. O mais importante é assegurar um mecanismo que impeça a violação dos direitos humanos — não sabemos ainda que tipo, mas será uma força de paz.

Eu explicava ao Deputado que hoje em dia é muito mais difícil criar uma força de paz. As pessoas normalmente imaginam que ninguém quer criar uma força de paz porque é muito caro. Há quatro anos o orçamento do DPQO, que trata de forças de paz, era maior do que o orçamento regular das Nações Unidas — algo em torno de 3 bilhões e 500 milhões de dólares. Hoje esse orçamento é de 600 bilhões de dólares, o que já indica um pouco o grau de dificuldade em criá-la.

Acredito que haverá algum tipo de presença internacional, de monitoramento, para impedir a ocorrência de fatos absolutamente lamentáveis como o de Liquiça. Que esses fatos ocorram sem o conhecimento do Governo Central ou sem a inspiração do Governo Central até acredito, mas isso não tranqüiliza ninguém. O fato é que não podem e não devem ocorrer. E para que não ocorram é fundamental que exista em Timor mais do que dois diplomatas (ininteligível), que não vão impedir, mas exista um corpo, um mecanismo que possa monitorar e acompanhar esse tipo de trabalho.

Não gostaria, neste momento — pediram-me, inclusive, para ser breve —, de passar a fazer um grande histórico das conversações ou de cansar esta audiência pública com a leitura de um texto que ainda tem algumas páginas. Contudo, digo que politicamente há um fato importante. Embora esses fatos lamentáveis ocorridos recentemente tenham sido objeto da mais firme rejeição por parte de todos os países da Comunidade Internacional, inclusive o Brasil, que pública e privadamente fez chegar ao Governo indonésio a sua opinião, não houve uma mudança na disposição de se chegar a um acordo. Houve, sim, um pedido de adiamento da próxima reunião. Não necessariamente isso quer dizer que a reunião não se realizará.

(Não identificado) - A do dia 22?

O SR. IVAN CANABRAVA - A do dia 22, de altos funcionários.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. IVAN CANABRAVA - E vai ter lugar na véspera da reunião ministerial.

Então, fica garantido que nesse contexto poderão ainda chegar ou terminar as negociações da ampla autonomia, como os senhores sabem, excluindo a parte de moeda, defesa e relações externas, que ficariam com a Indonésia.

O projeto é bom — e eu tive oportunidade de conversar longamente com o Embaixador Ian Shimadaker (?), um dos inspiradores desse projeto. Pessoalmente, acho que ele não vai ser aceito. Infelizmente, as desconfianças fundamentadas, diria, dos timorenses em relação à Indonésia são tão grandes que, acho, não há clima de confiança para que se aceite e se acredite na autonomia.

Por outro lado, de acordo com a minha experiência pessoal no Timor, também o desconhecimento sobre o sentido da autonomia é muito grande. Das

peessoas com quem conversei, muito poucas realmente sabiam o que significava a autonomia, mas o sentimento prevalecente que notei era exatamente um sentimento de muita desconfiança. Se em todos esses anos tivemos esse tratamento, por que vai mudar com a autonomia? É mais ou menos nesse sentido.

Não tendo autonomia, a Indonésia já indicou que poderia aceitar a independência nos seguintes termos: há uma lei aprovada que diz que o Timor é parte integrante da Indonésia. O que esse governo faria? Encaminharia à próxima assembléia, eleita brevemente, um projeto de lei que permite o desligamento de Timor da Indonésia, via independência. É um fato importante. Evidentemente, parece ser essa a preferência da maioria da população timorense, mas é muito importante que isso não leve a uma situação de caos, isto é, entre a rejeição da autonomia e a independência tem de haver necessariamente um período de transição, inclusive para permitir que sejam criadas as estruturas no Timor, de modo a levar adiante um país independente. É preciso dar tempo aos líderes para se organizarem. Isso é um dado muito importante, e já existe uma grande preocupação nesse sentido. Nesse período, há várias idéias. Como o Timor seria administrado? Com a presença de um grupo das Nações Unidas ou de outros países? Enfim, isso vem sendo objeto de várias discussões.

Como já assinali, o Brasil não é parte — e nem poderia ser — desse mecanismo tripartite que só inclui Portugal, Indonésia e Nações Unidas, embora, nesse contexto, tenhamos feito várias gestões e mantido permanente contato com os três autores principais, além dos timorenses, evidentemente.

Recentemente, fomos convidados — e participamos — para as primeiras reuniões do Grupo Informal de Amigos de Timor, criado pela Austrália, país vizinho e um parceiro natural. A posição da Austrália é muito importante, porque ela era o único país que tinha reconhecido a anexação do Timor à Indonésia, coisa que ninguém da Comunidade Internacional tinha feito, além da Indonésia e da Austrália. A Austrália, como os senhores sabem, mudou de posição; já admite inclusive a independência também e tem grande interesse. Pela proximidade, pela área de influência e pela pujança do próprio país, a Austrália será fatalmente um parceiro importante do Timor Leste. Ela tem um papel a desempenhar nesse campo. O que não quer dizer que nós, países da Comunidade de Língua Portuguesa, não tenhamos, num certo sentido, até mesmo uma certa primazia. E a

Comunidade está muito bem representada por Portugal nessas negociações tripartites.

O Brasil é o único país que tem relações diplomáticas com a Indonésia e embaixada residente. Portugal tem hoje em dia um escritório de interesse em Jacarta e dois outros países da Comunidade de Línguas Portuguesas, Guiné-Bissau e Moçambique, têm relações com Jacarta, mas não têm embaixadas residentes.

Enfim, se pudesse fazer uma avaliação final, diria que sou otimista com relação ao final dessa negociação. Vejo, primeiro, que a negociação está sendo muito bem conduzida por Portugal e pelas Nações Unidas, e há um engajamento indonésio nessas negociações. Não vejo, sinceramente, nenhuma vantagem para a Indonésia no fracasso dessa negociação. A Indonésia atravessa um momento muito difícil. E não foi gratuitamente que houve mudança de posição: era necessário ter um pouco de calma para resolver outros problemas da Indonésia, deixando de lado o Timor. Evidentemente, o Timor pode ser considerado, como sempre foi — e é a verdade —, um caso à parte da Indonésia. O separatismo do Timor não é a mesma coisa de Ilha de Java e de outros. Há uma colonização portuguesa de 400 anos, há uma língua, uma cultura diferente. Isso, para a Indonésia, é mais fácil do que, por exemplo, se o governo impedisse que se chegasse a bom termo nessa negociação e, então, o problema do Timor contaminaria, a meu ver, muito mais facilmente os outros separatismos indonésios.

Acho que a Indonésia teria a ganhar, neste momento — e eles finalmente entenderam isso —, com uma transição ordeira do Timor, e vão chegar a um acordo. Isso não quer dizer que durante esse período não venham a ocorrer forças que não concordem com isso. As forças pró-integração do Timor, por exemplo, que são minoritárias, fazem esse tipo de atividade a que nós já nos referimos, inclusive com saldo extremamente trágico de vítimas, e se tem de estar preparado para esse tipo de coisa.

Acho, porém, que há gente inclusive no próprio Timor. Pessoas com quem conversei, timorenses, em destaque Xanana Gusmão, que me causou profunda impressão — quando eu o visitei, ele ainda estava na prisão... Sem dúvida nenhuma, seria injusto eu dizer que não há outra gente, outros timorenses de grande calibre e que podem perfeitamente pilotar esse barco em direção à

independência, à consolidação de um país que será pequeno, com uma população pequena, mas que será um grande país e muito bem-vindo à nossa Comunidade de Língua Portuguesa.

Se V.Exa. me permitir, Sr. Presidente, pararia por aqui. Associao, inclusive, duas características: uma em comum com o Deputado, porque sou mineiro, e diplomata, e dizem que são duas classes que gostam muito de falar. De modo que tenho que me policiar e pararia por aqui.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Obrigado, Dr. Ivan Canabrava.

Antes de passar a palavra à Dra. Vera Lúcia Barrouin C. Machado, anuncio que a Comissão de Justiça e Paz, de São Paulo, pediu para comunicar que estava impossibilitada de comparecer, mas que está à disposição das decisões que forem tomadas a partir desta audiência.

Estão também presentes aqui o Sr. John Mariz e Adriana, da Embaixada Americana; Tarcísio Ildefonso, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Partido dos Trabalhadores; Sueli de Paula, Marissol Gusmão e Pádua, do Comitê Solidariedade ao Timor Leste, de Brasília; Sueli Bellato, da Comissão de Justiça e Paz e Assessora do Senador Tião Viana, mais os senhores: Ruy Casaes, Eugenio Garcia e Antonio Salgado, do Ministério das Relações Exteriores. Passo, sem delongas, a palavra à Dra. Vera Machado.

A SRA. VERA LÚCIA BARROUIN C. MACHADO - Muito obrigada.

Sr. Presidente da Comissão de Relações Exteriores, Deputado Nilmário Miranda, tenho imenso prazer em ...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. VERA LÚCIA BARROUIN C. MACHADO - — perdão, Presidente da Comissão de Direitos Humanos, corrigindo, e também, então, Deputado Paulo Delgado, Presidente da Comissão de Relações Exteriores, acho que a convocação deste encontro é absolutamente oportuna não só porque é muito estimulante para nós vermos o interesse que a questão do Timor está despertando na sociedade civil brasileira, como também porque é uma oportunidade única de divulgação das ações que o Itamaraty tem tomado com relação ao Timor. Acho que o Embaixador Canabrava, Subsecretário de Assuntos Políticos do Itamaraty, já fez uma

explicação bastante ampla a respeito da questão e do desempenho do Itamaraty. Eu gostaria só de chamar a atenção para alguns pontos que me parecem bastante relevantes em todo esse contexto. Primeiro, que a atuação brasileira, de fato, mudou de 1995/1996 para hoje. E como mudou? Eu acho que havia, desde a invasão do Timor pelas tropas indonésias e anexação do Timor como uma província indonésia, uma tensão muito particular do Itamaraty no Conselho de Segurança das Nações Unidas, quando o caso foi, pela primeira vez, abordado em foro multilateral e, subseqüentemente, nas Assembléias-Gerais das Nações Unidas e em todas as resoluções, algumas das quais nós co-patrocinamos. Sempre nos opusemos à situação de fato, nós nos preocupamos com a questão de direitos humanos e pedimos uma solução justa, equilibrada e internacionalmente aceitável para a questão. Fizemos o mesmo quando a questão do Timor passou a ser considerada na Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas. Acho importante notar que depois, sobretudo, da outorga do Prêmio Nobel ao Prof. Ramos-Horta e ao Bispo Ximenes Belo, nós tenhamos passado de uma atuação nos foros multilaterais para uma atuação bilateral. Então, canalizamos toda uma série de reivindicações e de pedidos de um ambiente mais amplo e até mais difuso, se quiserem, para um contato direto que se deu. Aliás, antes da outorga do Prêmio Nobel, talvez, não estou bem certa, mas, se não me engano, antes, com a visita do Chanceler Ali-Alactas (?) ao Brasil, que se deu em 1996, talvez em setembro daquele ano. Então, essa foi a primeira visita de uma autoridade indonésia ao Brasil, apesar de o Ministro Lampreia, desde o momento em que assumiu, ter demonstrado sempre uma preocupação especial com o Timor, que o fez encontrar-se com o próprio Chanceler Ali-Alactas (?) em paralelo a uma sessão da Assembléia-Geral da ONU — aliás, a sessão justamente de 1996. Isso foi em princípio de setembro daquele ano. Outra questão que me parece relevante é especularmos um pouco por que ocorre isso, por que a Indonésia também abandonou uma posição de extrema inflexibilidade para uma postura muito mais propícia à negociação. Isso sempre falando em foros diplomáticos e na discussão política. Não estou dizendo que a situação militar tenha, com isso, mudado a sua natureza. Mudou, acho que muito claramente, em função da grande crise financeira que atravessa a Indonésia, que tem conotações muito particulares no contexto da grande crise financeira da Ásia, porque tem um componente político muito

importante. Nós vemos que o Presidente Suharto foi obrigado a renunciar diante de um grande clamor popular pela democratização do país e no meio de uma grande insatisfação com as situações econômicas que estavam afetando particularmente a Indonésia. Então, o que a Indonésia tem atualmente é não só uma grande tarefa de reestruturação econômica, mas está na agenda, e é um dos compromissos da atual liderança indonésia, promover a atualização da vida política do país, permitindo, por exemplo, o registro e a atuação de novos partidos políticos e novas regras para o jogo político propriamente dito.

É claro que tudo isso se faz numa atmosfera muito difícil, porque a reestruturação econômica do país é tarefa absolutamente complexa, que envolve interesses da elite de Suharto, que se retirou. Além disso, há compromisso firmado com o FMI, falta total de liquidez no sistema bancário do país, diminuição de cerca de 17% do Produto Interno Bruto, perda do poder aquisitivo da população e sensível pauperização da classe média — classe que se havia formado durante todo o período em que Sukarno e Suharto estiveram no poder, sobretudo o último, que é o grande promotor do desenvolvimento indonésio. Então, hoje em dia o país passa pelo processo traumático e complicado de reajuste não apenas econômico, mas também político.

Nesse contexto, surge a questão do Timor. Há imensa pressão internacional e interesse por parte de toda a comunidade ocidental para que a questão se resolva da melhor maneira possível. Paralelamente à crise indonésia, existe a flexibilização da posição de Ali-Alactas(?) e outros Ministros, inclusive o da Justiça. Além disso, foi feito o anúncio de que o Timor poderia tornar-se província autônoma, parecido com o que hoje ocorre em Hong Kong. A diferença é que a vida econômica do Timor deveria ser regida por regras que partissem de Jacarta. No caso de Hong Kong, como os Srs. Deputados sabem, o sistema econômico foi preservado de maneira absolutamente intacta. Além disso, relações exteriores e Exército ficariam a cargo de Jacarta, e não dos timorenses.

O embaixador Ivan Canabrava teve o privilégio — que infelizmente eu não tive — de ir a Dili e a Jacarta para discutir essa questão. Em primeiro lugar, aparentemente, havia falta de compreensão por grande parte da população a respeito do conceito de autonomia. De fato, o comprometimento dos segmentos locais com a causa timorense não é pela autonomia, mas, sim, pela independência.

Claro que esse é o grande temor de quem trata do assunto, seja em Dili, seja em Jacarta. Apesar disso, por mais de uma vez, o Presidente Jusuf Habibie declarou que, a partir de 1º de janeiro do ano 2000, ele não gostaria de ver a questão do Timor na agenda política do país.

O que muito preocupa é, em primeiro lugar, a perda de vidas humanas em episódios como os de Liquiça. É preciso que seja feita a apuração profunda dos fatos, em área de pouco acesso. Isso começou a ser feito pela Comissão de Direitos Humanos da Indonésia, que tem sido órgão de notável atividade, e pela Cruz Vermelha Internacional. É muito possível que também a Organização das Nações Unidas se junte ao esforço de identificação daquilo que de fato ocorreu.

Além da perda de vidas e da violação continuada dos direitos humanos, há preocupação com a possibilidade — a qual espero que não ocorra — de ruptura do cronograma que estava praticamente acertado e que iria ser sacramentado na reunião entre os chanceleres dos dois países e o Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, a respeito dos destinos políticos do Timor.

A reunião dos altos funcionários que preparavam o encontro dos chanceleres foi adiada. Além disso, a reunião de reconciliação entre timorenses pró-independência e pró-autonomia também não será realizada. Até agora, não temos nenhuma indicação de que o encontro entre os chanceleres de fato ocorrerá, apesar de esperarmos que sim, mesmo porque acredito que o Governo da Indonésia agora se vê na obrigação de dar explicações à opinião pública internacional sobre o que aconteceu e sobre medidas que deve estar tomando para impedir voltem a se repetir episódios violentos como o do dia 6 de abril.

Os incidentes nos foram imediatamente comunicados por nossa embaixada e provocaram todas as medidas que o Embaixador Ivan Canabrava explicou: declarações, notas à imprensa e manifestações nos mais diferentes níveis de toda a nossa preocupação.

Ainda nesse cronograma estava previsto que em maio começariam a ser articuladas as bases para a consulta popular sobre a autonomia, que, se rejeitada, segundo o comprometimento do Chanceler Alactas(?) e do Ministro da Justiça, levaria à independência do Timor; independência essa que ainda estaria subordinada ao referendo do Congresso indonésio, que será renovado em 9 de junho, dia em que haverá eleições gerais no país, difíceis, porque muito

provavelmente o Golkar, partido hegemônico, terá baixas consideráveis. Portanto, em virtude das razões que expliquei anteriormente, o clima político geral do país não é tranqüilo. A partir da eleição da Assembléia- Geral e da submissão da questão aos novos Parlamentares, a independência poderia ser concedida, ou seja, trata-se de grande cadeia de eventos que se vê ameaçada por causa do que vem ocorrendo.

Em relação ao que o Itamaraty vem realizando, o Embaixador Ivan Canabrava foi abundante nas suas informações. De qualquer maneira, estaremos aqui para tornar pontual alguma questão ou prestar os esclarecimentos que se façam necessários.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Obrigado, Dra. Vera Lúcia Barrouin C. Machado, Diretora-Geral do Departamento de Ásia e Oceania do Ministério das Relações Exteriores.

Passo a palavra ao Dr. José Vicente Pimentel, Diretor-Geral do Departamento de África e Oriente Próximo do Ministério das Relações Exteriores, que esteve aqui também em outras ocasiões, como no debate sobre Guiné-Bissau.

O SR. JOSÉ VICENTE PIMENTEL - Sr. Presidente da Comissão de Direitos Humanos, Presidente da Comissão de Relações Exteriores, Sras. e Srs. Deputados e demais autoridades presentes, em nossa divisão de trabalho no Itamaraty, compete-me cuidar de assuntos vinculados ao Timor Leste apenas quando se enquadram no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, na qual esse país tem o **status** de observador e se tem feito representar continuamente.

Na verdade, em reuniões que precederam a própria institucionalização da CPLP, o Timor Leste se fez representar, como disse o Embaixador Ivan Canabrava, sempre ou quase sempre por representantes da Fretilin. A CPLP tem sido uma plataforma de apoio constante ao Timor Leste, e continuará sendo.

Não creio que me caiba acrescentar outros elementos àqueles que já foram abundantemente expostos pelo Subsecretário de Assuntos Políticos e pela Diretora-Geral do Departamento de Ásia e Oceania do Itamaraty.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Passo a palavra ao Dr. Osvaldo de Jesus Serra Van-Dúnem, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Embaixada da Representação de Angola.

O SR. OSVALDO DE JESUS SERRA VAN-DÚNEM - Sr. Presidente da Comissão de Direitos Humanos, Deputado Nilmário Miranda, distintos membros do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, membros da Comissão de Relações Exteriores e distintas senhoras e senhores, na seqüência do que informaram todos aqueles que me precederam, cabe-me simplesmente transmitir, em nome do Governo de Angola, nossa preocupação constante e permanente em relação ao que se passa em Timor.

Essa é uma causa comum. Como os senhores sabem, tal como aconteceu com o Timor, houve tempos em que Angola esteve anexada à Indonésia, e todos sabem como a anexação foi feita. Foram tempos em que nós e outras ex-colônias portuguesas sofremos o mesmo balanço, mas em condições, de certa forma, distintas, que determinaram a seqüência do processo de forma igualmente distinta.

De resto, o que foi aqui informado pelo ilustre Subsecretário-Geral Ivan Canabrava e pela Diretora-Geral Vera Lúcia Barrouin C. Machado é mais do que suficiente para nos situarmos em termos de que a independência do Timor é hoje causa que começa a ter destaque na vida da sociedade brasileira não apenas por suas razões fundamentais, mas porque há preocupação internacional muito grande com o assunto.

Devemos estar unidos no sentido de que essa preocupação seja conduzida de forma a que não se cometam os erros que costumam ocorrer em processos idênticos.

Refiro-me sempre ao processo que melhor conheço, o angolano. De fato, nem sempre a comunidade internacional tem possibilidade e tranqüilidade suficientes para fazer uma análise criteriosa e clara a fim de determinar mecanismos práticos e concretos de avaliação, acompanhamento e orientação. Essa é nossa preocupação permanente.

Sentimos que quando chega o momento em que, pelas razões já bem focadas pela Dra. Vera Lúcia Barrouin C. Machado, as forças e condições internas e externas criam possibilidades para, por um lado, o próprio Governo da Indonésia flexibilizar o processo e, por outro, as forças timorenses também se organizarem

melhor, surgem aspectos que dificultam a negociação. Trata-se de aspectos de fragilidade interna, pseudo ou criadas pelo regime que domina. Essas são sempre nossas preocupações.

A comunidade internacional tem de fazer um grande esforço conjunto e ficar alerta para estancar, se possível, esses adiamentos, para que todo o cronograma de ações, já aprovado, seja cumprido.

Finalizo agradecendo ao Deputado Nilmário Miranda a informação fornecida no início deste encontro, relacionada com a possibilidade de a Comissão de Relações Exteriores regularmente realizar debates, particularmente sobre a situação de dois países (se for possível, de todos) membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa — CPLP, Angola e Guiné-Bissau, que estão atravessando fase difícil, de afirmação como países independentes.

Vejo aqui nosso velho amigo Neiva Moreira, que permanentemente está ligado aos problemas quer de Angola, quer de Guiné, quer de Moçambique, enfim, de ex-colônias portuguesas. Gostaria de deixar claro aqui que estaremos à disposição para organizarmos aquilo que for possível para bem compreendermos o fenômeno, as causas e os processos em curso, e, o mais cedo possível, tornar razoável o desejo do nosso povo de independência e de paz, na expectativa de que os direitos humanos sejam fato em nossos distantes países.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Agradecemos a V.Exa. a participação, Embaixador.

A presença dos Deputados Paulo Delgado e Neiva Moreira, Vice-Presidente e membro da Comissão de Relações Exteriores, mostra que as duas Comissões atuam conjuntamente tanto na questão de Timor, Angola e Guiné-Bissau quanto para estreitar os laços entre os povos de língua portuguesa.

Antes de passar a palavra aos Srs. Deputados, vamos ouvir o Conselheiro da Embaixada de Portugal, Antônio Alves de Carvalho.

O SR. ANTÔNIO ALVES DE CARVALHO - Sr. Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, ao representar Portugal neste contexto concreto desta audiência pública, cabe-me efetivamente dizer apenas e tão-só duas ou três palavras.

Primeiramente, registro, com muito agrado, a realização desta audiência pública, que virá provar, uma vez mais, o cuidado, a atenção e a preocupação constantes que sabemos que o Congresso Nacional, em particular a Câmara dos Deputados, tem concedido ao problema de Timor Leste. Pessoalmente, posso constatar essa responsabilidade e ser testemunha dela, não só pelas vezes que estive aqui presente em audiências públicas como também pelos contatos regulares que sempre mantivemos, a Embaixada de Portugal e a Câmara dos Deputados, com o Comitê Brasiliense de Solidariedade a Timor Leste, e também por contatos que temos mantido com o Grupo de Amizade Brasil/Portugal, que existe no âmbito desta Casa.

Por outro lado, devemos registrar a palavra que não poderia deixar de ser dita sobre a presença de altíssimos representantes e dignitários do Ministério das Relações Exteriores, o Sr. Embaixador Ivan Canabrava, a Dra. Vera Lúcia Machado e o Dr. José Pimentel, com quem mantemos sempre diálogo, no acompanhamento constante do dossiê, como o Sr. Embaixador Canabrava deixou muito bem e claramente expresso.

E não gostaria de deixar de registrar também a presença dos representantes do Comitê Brasiliense de Solidariedade a Timor Leste, organismo não-governamental com quem mantemos e temos procurado manter sempre constante diálogo, num processo de auscultação de sensibilidades diversas que sabemos existem no seio da sociedade brasileira e esses comitês, organizações, organismos e instituições sabem divulgar de forma que consideramos muito positiva.

Ainda cabe ao representante de Portugal palavra de esclarecimento tão-só relativamente ao processo de negociação em curso. Foram feitas oitivas várias vezes, quer pelo Sr. Embaixador Canabrava, quer pela Dra. Vera Lúcia, que nas próximas reuniões efetivamente vão ter lugar. E vou esclarecer dois aspectos: primeiro, a reunião de altos funcionários foi adiada não porque nós tivéssemos conhecimento, não por razões diretamente ligadas aos acontecimentos em Liquiça, mas apenas e tão-só por um atraso na apreciação do processo de autonomia pelo Ministro da Indonésia, que terá, enfim, justificado esse pedido de adiamento da parte da Indonésia não para 13 de abril, como inicialmente estava previsto, mas exatamente para a véspera do encontro na esfera ministerial.

Por outro lado, respondendo às ponderações da Dra. Lúcia, tivemos hoje a confirmação, pelo porta-voz das Nações Unidas e por comunicado de nossa missão naquela organização em Nova Iorque, de que efetivamente o encontro ministerial terá lugar. Não existem indicações contrárias à sua realização. Isso significa que o quadro institucional de contato e negociação se mantém.

Nesse contexto, com minhas últimas palavras, quero deixar muito claro que Portugal vai continuar a manter exatamente a mesma posição: não vai abandonar jamais a mesa de negociações, independentemente dos acontecimentos que no terreno possam vir a ter lugar. Esperamos que mais nenhum tenha lugar, particularmente dessa natureza e desse teor.

Portugal, gostaria também de deixar claro, desde o início desta nova fase processual, desde que a Indonésia abriu caminho para, primeiro, a consulta sobre autonomia e, segundo, a eventualidade da independência, nunca deixou de "denunciar", digamos, entre aspas, em sentido figurado, solicitar e requerer a necessidade de presença internacional no território — na antevisão de que a situação pudesse sair fora do controle das autoridades em Jacarta —, para não aumentar o perigo, com as forças armadas da Indonésia ali. Infelizmente, os acontecimentos ocorridos nesta semana em Liquiça provaram que tínhamos efetivamente razão.

Não queremos dizer que no contexto das negociações tínhamos sido os únicos a denunciar ou prever esse tipo de situação. Não. O próprio Secretário-Geral Kofi Annan e o Sr. representante de Portugal mediram e aceitaram consensualmente a implementação da comissão que tinha sido proposta por Xanana Gusmão e com a qual o próprio Kofi Annan tinha concordado, bem como também a implementação, ou, se quisermos, a reativação de uma Comissão de Justiça e Paz, projeto já relativamente antigo, para precisamente irmos monitorizando-nos e acompanhando a evolução do terreno.

Por conseguinte, Portugal, reitero e repito, vai manter exatamente a mesma posição e vai estar, em 22 de abril, em Nova Iorque, para continuar a discutir aquela que espero seja a versão final do acordo global, que vai incluir a metodologia sobre o processo de consulta — a ter lugar, espera-se, em julho — aos timorenses sobre a questão da autonomia: "sim" ou "não" à autonomia; alternativa, a independência.

Quero também indicar que o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Jaime Gama, ontem, ou há dois dias, em conversa com a Sra. Madeleine Albright, solicitou os bons ofícios dos Estados Unidos, por intermédio, suponho, do seu Vice-Presidente, que brevemente se dirigirá à Indonésia — se não o Vice-Presidente, algum outro responsável —, para, nesse quadro, exercer seus bons ofícios, no sentido de solicitar à Indonésia que mantenha comportamento, segundo as palavras do Ministro Gama, compatível com o atual processo de negociação em curso.

Suponho seja de bom senso aguardarmos até 22 de abril, para ver o que teremos pela frente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Muito obrigado, Dr. Antonio Alves de Carvalho.

Com a palavra o Deputado Neiva Moreira; em seguida, o Deputado Paulo Delgado.

O SR. DEPUTADO NEIVA MOREIRA - Sr. Presidente, Srs. membros da Mesa, fiquei muito satisfeito com as exposições do Embaixador, da Dra. Vera Lúcia, do funcionário do Itamaraty, do Sr. representante de Portugal e também do Embaixador de Angola, que nos recordou aqueles velhos e difíceis dias em que a artilharia do Zaire assediava Luanda quase dentro dos subúrbios da capital angolana — momentos extraordinários, que marcaram profundamente minha vida de jornalista e estimularam meu esforço, minha disposição e meu empenho nesse processo de libertação dos países de língua portuguesa.

A exposição desse alto funcionário do Itamaraty foi muito competente, eficaz e clara, e deixou-nos a impressão de que os assuntos de Timor Leste, tão fundamentais para o futuro da nossa comunidade, estão sendo acompanhados de perto pelo Itamaraty.

É possível, pelo que noto, em contatos com pessoas de Portugal e de Timor Leste, que se esperassem posições menos tímidas do Governo brasileiro nesse campo, porque a importância internacional do nosso País e o nível de relações econômicas entre Brasil e Indonésia justificariam uma posição mais exigente em relação à conduta da Indonésia. Mas eu recebo com tranquilidade a informação do Embaixador Canabrava de que há dois níveis de relacionamentos: o público, que é

correto, e o diplomático, que talvez atenda de melhor forma a essa reivindicação quanto às pressões que devemos exercer sobre o governo indonésio.

Nestes últimos dias, preocupei-me com o problema de Timor Leste, vendo lá não apenas uma mudança interna, mas uma mudança do governo indonésio em relação àquele outro país. Todos sabemos, ninguém aqui desconhece que não há um segmento da população timorense empenhado em defender posições diferentes da independência. O que há lá dentro são funcionários, milícias e tropas paramilitares do governo indonésio que recebem e cumprem ordem do governo de Jacarta, na medida dos seus interesses. Se resolvem agora tomar posições mais duras — há inclusive esse morticínio brutal ocorrido recentemente —, naturalmente isso é estranho às nossas posições quanto à Indonésia e pode resultar numa certa embolia da situação interna, apesar da dramaticidade que ainda se verifica, como as informações da Dra. Vera.

Isso pode ser um sintoma negativo de que estão aparentemente saindo mas na verdade querendo ficar, como muitas vezes foi proposto ao governo de Angola, ao Movimento Popular de Libertação de Angola, de Moçambique e demais países de língua portuguesa, que tiveram de rejeitar a proposta, que não atendia às suas reivindicações — proposta do governo português da época, e não do governo português depois de 25 de abril.

Temos de nos preocupar muito com isso, porque, com todo esse trabalho admirável, feito sobretudo por Portugal, podemos fazer cobranças a respeito das posições portuguesas anteriores, mas todos nós devemos reconhecer a importância e a seriedade com que Portugal tem encarado esse problema de Timor Leste; isso é realmente importante. A forma que se adotou com Hong Kong, por exemplo, nada tem a ver. Ninguém que trata de problemas internacionais, asiáticos, latino-americanos ou europeus pode desconhecer que o real poder que se exerce hoje em Hong Kong é o chinês. A China exerce um poder real. Mas por que destruir instituições que estão secularmente corretas e, digamos assim, muito consentâneas com a mentalidade e as aspirações daquele povo? Isso nada significa, em relação à sua representação política. Esse é o exemplo que Angola pode dar.

Nossos amigos do Itamaraty podem desempenhar um papel muito importante, dentro do que vou dizer. É necessário que o Congresso se sinta mais próximo dos problemas diplomáticos. Hoje está sendo um dia até muito especial

nesta Casa, pois tivemos um longo e apaixonado debate na Comissão de Relações Exteriores, com um Deputado defendendo as posições internacionais da OTAN sobre esse cruel, desnecessário e absurdo bombardeio que a Iugoslávia está sofrendo. E muitas opiniões pró e contra os acontecimentos foram exaradas, inclusive em relação ao Ministério de Relações Exteriores.

Começamos a sair do círculo interno de nossas preocupações de País gigantesco, onde tratar dos problemas do Amapá envolve uma distância maior do que tratar dos problemas do Paraguai. A presença do Itamaraty, que tem nesta Casa assessores muito competentes e permanentemente atentos às nossas inquietações, pode desempenhar papel fundamental.

O Governo da Indonésia (não sei se isso atualmente é norma política; pela informação e pelas palavras do representante de Portugal, não seria uma norma política, mas, digamos assim, mais um episódio dessa longa jornada que se trilha; acho que não, tenho dúvidas) talvez hoje se sinta mais fortalecido ou com menos dificuldades para assumir posição mais dura em relação a Timor Leste. De maneira que, no meu entendimento, o Congresso e o Ministério das Relações Exteriores são muito importantes. Por isso, louvo a atitude do Presidente Nilmário.

Hoje estamos num dia muito complicado na Câmara, com processos contra Deputados. O fato de termos pouca assistência nesta Comissão não representa desinteresse. Mas fica esta advertência, Srs. Embaixadores: será que o Itamaraty está chegando ao limite de suas possibilidades na questão de Timor Leste? Será que não está cumprindo um dever social, humanitário e histórico? Ou não estamos realmente empenhados em que esse último ponto da cadeia de países de língua portuguesa saia desse circo de terror e de dominação que é a Indonésia?

Gostaria que V.Exa. levasse esta inquietação nossa. Tive a honra, como jornalista, de ter acompanhado de perto, com bastante intensidade, esse período extraordinário, as gestas de libertação dos países de língua portuguesa. Um deles, Angola, ainda está em luta para manter essa sua aspiração histórica.

É o que tenho a dizer nesta reunião.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Obrigado, Deputado Neiva Moreira.

Estão inscritos os Deputados Paulo Delgado, Fernando Gabeira, Pedro Wilson, Nelson Pellegrino e Nilmário Miranda.

Com a palavra o Deputado Paulo Delgado.

O SR. DEPUTADO PAULO DELGADO - Sr. Deputado Nilmário Miranda, Presidente da Comissão de Direitos Humanos, Srs. Diplomatas brasileiros, Srs. Diplomatas estrangeiros, colegas Deputados, senhoras e senhores, a posição da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, que fui encarregado por seu Presidente, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, de trazer-lhes, vai na direção de apoiar integralmente a ação da Comissão de Direitos Humanos e aprofundar a cooperação entre as duas Comissões no processo de acompanhamento e manutenção da chama de defesa da autonomia de Timor Leste.

A posição da diplomacia brasileira, como disse o nobre Deputado Neiva Moreira, é confortadora para nós, porque vemos que o Itamaraty não tem permitido que Timor Leste caia no esquecimento e só seja lembrado da pior maneira possível, pelas tragédias provocadas pela obsessão da Indonésia em manter o poder em um território que não quer mais sua presença.

A Organização das Nações Unidas tem tido oportunidade de se revelar como entidade multilateral necessária em alguns episódios. Ela tem fracassado na luta mundial pela agenda positiva, e está provado que fracassou como organização multilateral na Europa, no episódio da Iugoslávia, mas pode recuperar seu prestígio em outras partes do mundo, levando seus membros a se posicionarem favoravelmente a eleições, ao referendo ou a qualquer forma de consulta em Timor — consulta livre, que seja monitorada pelas Nações Unidas e que vai refletir aquilo que todos já sabemos, como, na verdade, aconteceu com praticamente todas as ex-colônias do mundo.

O colonialismo — é só ler a obra de Sartre — não conseguiu em nenhum país do mundo nada diferente daquilo que ocorreu em outras nações, a não ser ganhar tempo para impedir que a autodeterminação dos povos se afirmasse. É esse o sentido da luta em Timor, que nós da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados aprovamos, e sentimo-nos bastante confortáveis ao ver, sendo o Brasil o país com a maior população de língua portuguesa do mundo, na companhia de Angola, Portugal, Cabo Verde, todas as nações preocupadas com Timor Leste.

O desafio nosso é vencer essa "normalpatia"; quer dizer, a normalidade do mundo tornou-se uma doença: as pessoas imaginam que guerra, intervenções

militares e problemas humanos são normais e que miséria, fome, injustiça e desrespeito a direitos humanos fazem parte da normalidade, derivam da complexidade da vida. Na verdade, são o resultado de políticas equivocadas. A doença é a política e ela é que tem que ser mudada. O horror econômico tem solução se conseguirmos acabar com o horror político. O horror militar também tem solução. O problema do horror hoje — perdoem-me os franceses, que estudam mais do que eu essa questão — é o problema político, e é politicamente que ele tem de ser resolvido.

O SR. PRESIDENTE (Nilmário Miranda) - Obrigado, Deputado. Antes de passar ao palavra ao Deputado Gabeira, registro também a presença do Dr. Márcio Gontijo, Vice-Presidente da Seção Brasileira da Anistia Internacional.

O Deputado Gabeira tem a palavra.

O SR. DEPUTADO FERNANDO GABEIRA - Sr. Presidente, senhores convidados, como perdi dois terços da exposição do Embaixador Canabrava, posso estar dizendo algumas bobagens — o que não quer dizer que se a tivesse acompanhado inteiramente não diria também.

Talvez possamos refletir juntos sobre minhas opiniões. Primeiramente falarei sobre a intervenção do Deputado Paulo Delgado. Não creio que a ONU tenha falhado na Iugoslávia. Falharam os Estados Unidos e a Europa em atrair a ONU para esse processo. O Brasil, como país de porte médio, sente-se profundamente atingido com essa decisão de bombardear a Iugoslávia, sem que a ONU tenha sido o fórum determinado da discussão.

Quanto a Timor Leste, o que gostaria de saber é se poderíamos trabalhar juntos, nós brasileiros, num primeiro momento, num projeto que tivesse princípio, meio e fim. O princípio seria a denúncia desses massacres de que tivemos notícias, no dia 6 de abril; e mais: não sei se o Embaixador observou **in loco**, mas aqui vimos, na televisão, que essas milícias integracionistas estão todas armadas. Seria necessário haver pressão sobre o governo da Indonésia para desarmá-las, ou, durante o processo político, dificilmente deixarão de lançar mão de suas armas.

Segundo ponto: qual é a garantia? Como estamos trabalhando e como vamos trabalhar o monitoramento da consulta popular? Até que ponto esse monitoramento será decidido só no contexto das reuniões mais fechadas? A ONU terá um processo mais amplo de monitoramento? O Brasil poderá estar presente

nesse processo? Temos, de certa maneira, assegurado nosso lugar no acompanhamento das eleições ou das decisões plebiscitárias.

Terceiro ponto, que me parece importante também: suponhamos que Timor tenha autonomia ou independência. Autonomia ou independência é uma questão de correlação de forças. Tenho observado vários povos em luta que começam pedindo independência e, num momento tático, aceitam a autonomia como gradação necessária. Mas em ambas as hipóteses — suponho que autonomia vai representar também responsabilidade administrativa e econômica —, como poderíamos intervir, como comunidade luso-brasileira, e até que ponto o Brasil poderia estar presente neste processo? Levanto, do ponto de vista de presença que explore um pouco a língua comum, a possibilidade de trazer quadros timorenses para se formarem no Brasil, de as nossas editoras terem presença lá. Estamos preparando-nos para isso? Ou, se não estamos, não seria interessante que já começássemos a pensar nesse processo também?

São as interrogações que tenho, ressaltando que não ouvi toda a sua exposição. Muito provavelmente foram respondidas na primeira parte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Temos mais quatro Deputados inscritos. Vamos ouvir mais um, o Deputado Pedro Wilson, e passarei, então, a palavra ao Embaixador Canabrava, e depois aos três Deputados restantes. Ao final a Mesa fará uma intervenção e o Comitê Brasiliense de Solidariedade a Timor Leste também.

Com a palavra o Deputado Pedro Wilson.

O SR. DEPUTADO PEDRO WILSON - Sr. Presidente, Deputado Nilmário Miranda, parabeno-o pela realização deste evento, que retoma a tradição — aliás, iniciada por V.Exa., quando primeiro Presidente desta Comissão — de trazer à discussão e ao debate uma solução urgente e pacífica para Timor Leste.

Além de saudá-lo e aos presentes, representantes do Itamaraty e Embaixadores das Comunidades de Língua Portuguesa, manifesto-me sobre a urgência dessa questão.

Estivemos há dois anos no Parlamento português. Saúdo Portugal por ter feito ingentes esforços no sentido da solução pacífica. O Brasil tem avançado agora nesses esforços. Infelizmente, há algum tempo, o Presidente Fernando Henrique Cardoso poderia ter tido muito mais ação, o que certamente daria outro tipo de

encaminhamento. Mas não podemos mudar o passado; que tentemos, pois, mudar o presente e o futuro.

O que eu gostaria de levantar sobre essa questão urgente é que me parece que há campanha sistemática, patrocinada pelo governo de Jacarta, no sentido de confundir a opinião pública mundial, divulgando que o grupo de Xanana Gusmão é minoritário, e também o do Bispo Bello e toda a luta pela independência. Gostaria de refletir sobre a possibilidade, diante da ausência de uma ação da ONU ou dos países que possam estar presentes lá, de assassinato das lideranças principais de Timor Leste, para depois acontecer aquilo que chamamos de "solução forçada" — pois é a primeira vez que se registra na História mundial essa extraordinária manifestação das pessoas contra a independência do território.

Poderiam até querer a independência para o lado deles, mas há forças dizendo que não querem a independência de Timor, manifestações de 10 mil pessoas. Então, pressupomos — não sei se os dados estão corretos — que haja manifestação da população. Quer dizer, há fortes grupos manifestando-se contra a independência, para que o Timor continue anexado à Indonésia.

Agora, tive contacto com pessoas recentemente, e parece-me que esse tipo de acontecimento — morte de diversos grupos; ontem foram quatro, outro dia treze, no outro sessenta — pode atingir Xanana Gusmão e outras lideranças. Muitos pensam que só Xanana Gusmão está preso, mas existem outros líderes presos, como José Ramos Horta e o Bispo D. Ximenes Bello, que têm papel importante no processo de independência, que queremos seja pacífico.

Levantaria a necessidade de uma ajuda humanitária. Xanana Gusmão já está apelando para a presença das forças da ONU lá, mas o perigo é iminente, porque essas pessoas estão presas e pode haver muitas conspirações no sentido de assassiná-las, o que facilitaria o jogo de poder das forças de Timor que apóiam a Indonésia.

Os acontecimentos lá estão muito velozes. Estamos discutindo, mas podemos ser ultrapassados pela História antes de conseguir uma solução que resgate as lideranças históricas de Timor, que lutam pela independência.

Volto a destacar o importante papel do Brasil e de Portugal, que temos acompanhado. Se o Brasil realmente entrar na negociação, junto com a Secretaria-Geral da ONU, poderemos ter uma solução pacífica e urgente, porque o

que se está desenhando lá nos últimos seis meses é justamente o contrário: é dar tempo ao tempo para que as forças de Timor Leste que apóiam a Indonésia se tornem majoritárias, mais fortes, e a independência passe a ser apenas exigência de grupos minoritários.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Com a palavra o Embaixador Ivan Canabrava.

O SR. IVAN CANABRAVA - Muito obrigado, Sr. Presidente. Gostaria de responder a duas perguntas; em primeiro lugar, à do Deputado Neiva Moreira, com quem compartilho o entusiasmo pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Acho que os três anos e meio que passei em Angola não me deixaram outra opção senão ficar eternamente ligado à comunidade angolana de uma forma muito especial. Dizia ao Embaixador Van-Dúnem, com quem estive em Angola há um mês, para reuniões, que ao voltar para lá tenho aquele sentimento de que sempre estou voltando à casa, e os assuntos de Angola sempre despertam o meu interesse prioritário. É um laço muito forte, sem dúvida. E respondo à sua pergunta, Sr. Deputado, que me pareceu muito interessante — se o Itamaraty está no limite da sua atuação. Eu não hesito ao dizer-lhe que não, o Itamaraty não está no limite da sua atuação. E não está porque vejo que esse processo é evolutivo. V.Exa. vê, por exemplo, que começamos com a iniciativa de desenvolvermos com a Indonésia um canal através do qual poderíamos exercer alguma influência.

Na visita do Ministro ao Brasil, houve, como mencionado pela Embaixadora Vera Machado, a criação de um memorando de consultas políticas, em 1996. Depois disso, fizemos duas reuniões em Jacarta, das quais participei, quando tivemos a oportunidade de conversar com os indonésios, de informar a eles os pontos, as gestões. Hoje posso dizer que levei na primeira e na segunda viagens pedidos do Governo brasileiro no sentido da libertação de Xanana Gusmão, da retirada das tropas de Timor, da diminuição gradual dessa presença militar e, evidentemente, da inclusão de um grupo maior de timorenses no diálogo que se pretendia estabelecer naquela época. Era impossível, por exemplo, excluir pessoas como Xanana e outros.

Neste momento, estamos fazendo gestões e adiantamos um pouco mais as iniciativas junto à Indonésia para chamá-la à responsabilidade nessa questão da perpetração de atos de violações de direitos humanos. E, evidentemente, no

momento da independência teremos de assumir papel cada vez mais atuante. Então, vejo isso como um processo evolutivo, em que a participação do Itamaraty e do Governo brasileiro vai-se tornando cada vez mais importante.

Agora, o nexos de tudo isso é o interesse, repito, da sociedade brasileira, do Congresso, pelo assunto. Essa iniciativa e outras dão-nos legitimidade e a noção de que somos parceiros confiáveis; isto é, temos de obter a confiança da Indonésia, dos timorenses e de Portugal, senão não teremos nenhuma influência. Podemos anunciar todas as medidas, mas não terão nenhum efeito. Diria que vejo essa atuação tornar-se cada vez mais de protagonista, segundo a própria evolução dos fatos.

Com relação à pergunta do Deputado Fernando Gabeira, S.Exa. mencionou a denúncia às milícias governamentais; ela não só constou de um comunicado de imprensa, mas também tomamos medidas por outros canais. Seria impossível o Brasil não tomar atitude mais concreta sobre dado dessa natureza.

Com relação à garantia de monitoramento da consulta popular, evidentemente é uma preocupação básica de países diretamente vinculados a essa negociação; é o caso de Portugal, das Nações Unidas e do Brasil. Evidentemente haverá monitoramento, não resta dúvida. Dado o precedente do referendo anterior, que não foi acompanhado pelas Nações Unidas, com muito mais razão essa consulta popular será objeto de acompanhamento. Isso será definido provavelmente no dia 22.

Com relação à presença do Brasil no contexto de autonomia e independência, não há dúvida; hoje em dia, o elemento que nos limita muito, no Itamaraty, são os cortes orçamentários. Afetam diretamente os projetos de assistência técnica etc. Mas Timor certamente será objeto de projetos do Brasil.

Tive a oportunidade, quando falei com Xanana Gusmão na prisão, de trazer de volta algumas áreas em que ele próprio sugeriu que poderíamos prestar assistência. Nesse momento, outra área não foi mencionada. Por exemplo, a assistência na organização das eleições. Quer dizer, uma vez proclamada a independência, que tipo de assistência poderíamos prestar, por intermédio do Tribunal Eleitoral? Evidentemente são assuntos sobre os quais devemos conversar.

Temos experiências em áreas que serão do interesse de Timor. Embora o português não seja a língua majoritária, é falada por grande número de timorenses.

Portanto, o português é importante, e aqueles que falam português poderão eventualmente beneficiar-se imediatamente, e os que não falam aprenderão. O Timor Leste independente falará muito mais o português. O fato de o português não ter sido tão disseminado nos últimos anos deve-se à política da Indonésia de praticamente criar todas as dificuldades para o uso da língua. De modo que o Brasil tem essa responsabilidade, e deve exercê-la. Acho que temos, mesmo num período de vacas magras como o que atravessamos agora, de incluir Timor como grande prioridade, não só porque é importante para o Brasil, mas também porque eles precisam da nossa ajuda.

Com relação à pergunta do Deputado Pedro Wilson, a campanha de Jacarta no sentido de convencer que o Grupo Xanana é minoritário existe. Há essa tendência. Mas não acho que seja minoritário. E mais: houve diferença entre a primeira e a segunda viagem que fiz. Na primeira havia uma insistência muito maior de querer apresentar os grupos pró-integração como majoritários, e não são. Evidentemente não posso jurar; não tenho levantamento, mas é óbvio, por tudo que ouvi e falei, que não são majoritários. Mas esses grupos são influentes, temem o acerto de contas e fazem muita baderna, porque não querem perder os privilégios. É muito fácil imaginar, porque eles praticamente foram os donos da situação nesse período. Quem era pró-integração era amigo do rei. Hoje em dia, num outro contexto, com a independência, eles vão perder esse papel. E daí a delicadeza do momento e a importância, repito, desse trabalho feito por Xanana Gusmão e por outros, ou seja, uma costura entre todos os grupos timorenses no sentido da reconciliação, para que todos possam caminhar na mesma direção.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Com a palavra o Deputado Nelson Pellegrino, Vice-Presidente da Comissão de Direitos Humanos.

O SR. DEPUTADO NELSON PELLEGRINO - Sr. Presidente, senhores convidados, infelizmente também perdi uma parte da intervenção do Dr. Ivan Canabrava, mas as intervenções subseqüentes deram a dimensão da preocupação do Governo brasileiro e do que tem feito, por intermédio da sua diplomacia, no sentido de buscar a independência de Timor.

Penso, Embaixador, que, como foi assinalado pelo Deputado Pedro Wilson, a situação do Timor se tem agravado, tem evoluído numa rapidez que talvez a

nossa diplomacia não tenha alcançado, ou não tenha entendido. Se entendeu, talvez não tenha tido agilidade para dar soluções. É sabido que praticamente um terço da população já foi exterminado; é sabido que a ONU já enviou resoluções para que as tropas sejam retiradas de Timor e tomou uma série de medidas que garantem o ambiente necessário para que haja o processo de independência, e é sabido que nos últimos tempos tem havido uma intensificação desses massacres, com a eliminação até mesmo de população civil por esses grupos paramilitares.

É evidente que não quero trazer para a Comissão de Direitos Humanos o debate sobre a guerra na Iugoslávia, mas há algum tipo de relação. Os sérvios têm patrocinado o extermínio da população albanesa em Kosovo. E isso tem estimulado, por parte da OTAN e dos Estados Unidos, ação enérgica na Iugoslávia, com bombardeios e sanções, no sentido de evitar esse massacre e buscar solução para o problema dos albaneses em Kosovo. Não notamos, Embaixador, esse mesmo interesse em relação ao problema do Timor. Se fizermos as devidas comparações, as situações são muito semelhantes, do ponto de vista da ação, do extermínio, da crueldade. Perguntaria a V.Exa. como a diplomacia brasileira, diante do agravamento dessa situação, vê neste momento a iniciativa de uma ação mais eficaz.

O Deputado Neiva Moreira expressou a nossa preocupação quando perguntou a V.Exa. se a diplomacia brasileira estaria no limite de ação e de opções. V.Exa. procurou responder e disse que não. Isso significa dizer que poderíamos tomar atitude mais intensa, mais enérgica, mais eficaz no sentido de acelerar esse processo. Então, pergunto a V.Exa.: será que não é hora de a diplomacia brasileira esgotar ou pelo menos aumentar cada vez mais e de forma mais acelerada as suas ações, buscando solução para o problema?

Estamos fazendo parte, ainda que no esquema de rodízio, do Conselho de Segurança da ONU. Pergunto se não é o momento de sugerir ao Conselho que faça pressão maior em relação à Indonésia, assegurando o ambiente necessário para que todo o processo de independência sobre o qual V.Exa. falou tenha resultado.

O Deputado Pedro Wilson manifestou preocupação que é nossa. O principal líder desse movimento, Xanana Gusmão, está em prisão domiciliar neste momento, mas está sob a custódia das autoridades da Indonésia. Não há nenhuma garantia

hoje de que não haverá uma ação contra ele e outras lideranças. Pergunto a V.Exa.: será que não é hora de a diplomacia brasileira optar por uma ação mais enérgica, mais direta, mais ofensiva em relação a esse problema de Timor Leste?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nilmário Miranda) - Inscrevi-me para falar neste momento. Os Srs. Deputados Neiva Moreira, Fernando Gabeira e Paulo Delgado já expressaram nossa preocupação e nosso interesse. A Câmara tem uma tradição de quatro anos. Passei às mãos do Sr. Embaixador e vamos distribuir também para os outros convidados o histórico da formação da Frente Parlamentar Pró-Timor Leste, que desde 1995 tem atuado e realizou várias audiências públicas. Na Comissão de Relações Exteriores já houve uma Subcomissão para Timor Leste. Em vários momentos esta Comissão esteve presente em foros internacionais sobre Timor Leste, e participamos também de muitos eventos ligados ao assunto pelo Brasil afora.

Quero apenas fazer algumas propostas, e peço ao Embaixador que as leve ao Itamaraty. Em primeiro lugar, que fosse pedido ao Embaixador brasileiro em Jacarta, Jadiel Ferreira de Oliveira, que fosse a Dili neste momento de crise e de perigo e garantisse a presença quase contínua de pessoas da Embaixada até que haja, no dia 22, a reunião, até que a ONU mande observadores; além disso, que o Brasil se associe à Austrália e mantenha diplomatas em Timor Leste, para inibir esses massacres.

Em segundo lugar, o Embaixador Ivan Canabrava pôde perceber, a Dra. Vera Lúcia também, que todos aqui sugerem a ação emergencial do Brasil e o apoio a uma ação emergencial da ONU, ou que pelo menos alguns observadores se desloquem para lá. Sabemos ser uma atuação de mais peso, que depende da reunião do dia 22, de recursos, mas evidentemente a ONU pode ter um comissário ligado aos direitos humanos em Timor e na Indonésia agora, para acompanhar esse momento crítico, quando há riscos para as próprias lideranças. Já sabemos que mais de 2 mil pessoas voltaram para Timor Leste e para a Indonésia, diante da possibilidade de ser concretizado o referendo sobre a autonomia ou a independência. Já houve o deslocamento de mais de 2 mil pessoas. Não pode haver risco para essas pessoas, não pode haver retrocesso. Então, o Brasil reconhece a necessidade de ações emergenciais.

Há uma outra reivindicação, de mais tempo, que agora talvez possa ser viabilizada: que haja pelo menos uma pessoa da resistência timorense no Brasil de forma permanente. Mantivemos aqui, durante um longo período, representantes dos palestinos, muito antes de se concretizarem esses acordos que levaram à criação da unidade palestina. Tivemos aqui no Brasil, há muito tempo, uma representação da OLP. Não tinha o **status** de Embaixada, mas mantinha o Congresso Nacional e a sociedade brasileira informados sobre a importância daquela causa. Então, acho que é hora de o Brasil receber uma pessoa do Conselho Nacional da Resistência Timorense, de forma permanente, que vivesse em Brasília e mantivesse contato com o nosso Governo, com a sociedade brasileira e com a América Latina. E que o Brasil concretamente ofereça a estudantes de quadros dirigidos pelo futuro governo timorense condições para realizar cursos de formação.

Todos nós consideramos mais ou menos irreversível, se tudo continuar como está, a autonomia ou a independência de Timor. Houve um avanço na CPLP. Antes os timorenses participavam como convidados; depois passaram a observadores. A meu ver, deveriam ser reforçados os laços da CPLP como forma de cooperação a Timor.

Estamos pensando também — é bom que o Itamaraty saiba disso, assim como os Embaixadores de Angola, de Portugal e de Cabo Verde — em viabilizar nos próximos dias a ida de uma comissão a Timor Leste e à Indonésia. O Sr. José Aparecido de Oliveira, Embaixador brasileiro em Portugal, um dos pioneiros do CPLP, seu maior incentivador em nosso País, dispõe-se a ir; falei com S.Exa. ontem, assim como com a atriz Lucélia Santos, que, junto com a atriz Bete Mendes, tem participado de ações pró Timor Leste.

Nossa idéia é que pessoas como o Embaixador José Aparecido de Oliveira, as atrizes Lucélia Santos e Bete Mendes e uma representação da Câmara dos Deputados e do Senado Federal façam contato com o governo e o parlamento indonésio, com instituições, universidades, Ordem dos Advogados, mantenha contato direto com a Comissão de Direitos Humanos da Indonésia, vá a Timor Leste, faça contato com os bispos, com as partes, visite Xanana Gusmão e mostre ao Congresso e ao País a nossa vontade, a vontade da sociedade de buscar solução para o problema.

Certamente contaremos com a sensibilidade dos Presidentes da Câmara e do Senado; temos o apoio do Senador José Sarney, que preside a Comissão de Relações Exteriores e se orgulha de ter sido o primeiro Presidente brasileiro a pronunciar-se na ONU em favor de Timor Leste, em 1985 ou 1986, se não me engano, quando da visita de Ramos Horta. Vamos formar essa comissão e queremos contar com a presença da Dra. Vera Lúcia e do Embaixador Ivan Canabrava.

Quero finalmente dizer ao Embaixador Van-Dúnem que a Comissão de Direitos Humanos e a Subcomissão permanente da Comissão de Relações Exteriores, da qual faço parte também, e os povos de língua portuguesa pretendem reunir-se o mais rapidamente possível com V.Exa. e com o representante dos interesses de Guiné-Bissau aqui no Brasil — no caso, o Consulado situa-se no Rio —, para discutirmos a situação e apoiarmos da maneira que for possível a luta do povo angolano pela paz, pelos direitos humanos e pelo direito à independência.

Vou passar a palavra ao Deputado Ivan Paixão, mas antes convido o Deputado Nelson Pellegrino a assumir por alguns instantes a Presidência. Vou atender um caso urgente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nelson Pellegrino) - Deputado Ivan Paixão, V.Exa. está com a palavra.

O SR. DEPUTADO IVAN PAIXÃO - Sr. Presidente, Srs. Embaixadores, fazendo um estudo da questão de Timor Leste observa-se que, após a descolonização portuguesa, em 1974, a região enfrentou a guerra civil, da qual saiu vitoriosa a Fretilin, que declarou de imediato a criação da República Democrática do Timor Leste. Logo em seguida ocorre, então, a invasão de Timor Leste pela Indonésia, que perdura até hoje.

Minha preocupação é que esses países que buscam a sua autodeterminação sofrem conseqüentemente esse problema, e agora aprofunda-se a questão de Timor Leste.

Quero perguntar ao Embaixador Ivan Canabrava quais as ações que o Brasil vai desenvolver no acompanhamento da sistemática de consulta popular, do plebiscito que definirá a autonomia ou a independência de Timor Leste. Pergunto se o Brasil tem estratégia para fazer o acompanhamento desse plebiscito, porque Timor Leste surge como território de grandes riquezas petrolíferas. E também quero

saber se nesse período de anexação, por parte da Indonésia, do território Timor Leste houve exploração dessas riquezas cuja existência se pressupõe, ou seja, se há pesquisas, prospecções de petróleo, se de fato há interesse econômico para a anexação do território à Indonésia. As riquezas minerais são uma causa importante para essa anexação?

Quanto aos vários idiomas lá falados, não sendo o português o predominante em Timor Leste, isso não vai propiciar a perpetuação da facção vencedora — ou da independência, ou da autonomia? Não se faz necessário que o Brasil acompanhe a realização do plebiscito e os acontecimentos a seguir, sob pena de ocorrer o mesmo fato registrado em outros países de língua portuguesa, onde, após a independência, continuou havendo embates e dificuldades para a implementação definitiva da autodeterminação, do crescimento e do desenvolvimento?

São essas as perguntas: se existe realmente interesse pelas riquezas petrolíferas de Timor Leste por parte da Indonésia, se esse país desenvolveu ações para explorar essas riquezas após a anexação e se o Brasil vai acompanhar o plebiscito, se o Brasil tem um plano de auxílio para essa nova nação que poderá surgir — dado que nela também se fala a língua portuguesa —, assessorando, vamos assim dizer, a sua implantação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nelson Pellegrino) - Sr. Embaixador, demais convidados, devido ao adiantado da hora, há um temor de nossa parte, porque nosso Regimento estabelece que a reunião da Comissão ou qualquer audiência pública não poderá concorrer com a Ordem do Dia. Tendo em vista que a Ordem do Dia se inicia às 17h e já estamos perto desse horário, minha sugestão é conceder a palavra aos últimos oradores inscritos, os representantes do Comitê Brasiliense de Solidariedade a Timor Leste. Logo após, V.Exa. e os demais integrantes da Mesa poderão fazer as considerações.

Passo a palavra ao representante do Comitê Brasileiro de Solidariedade a Timor Leste.

A SRA. MARISSOL GUSMÃO - Cumprimento os membros da Mesa, as autoridades, os Deputados e os demais presentes. Representamos o Comitê Brasiliense de Solidariedade ao Povo de Timor Leste desde 1996. Peço permissão à Mesa para ler documento que expressa a posição do Comitê em relação à questão de Timor Leste.

No momento em que o mundo assiste estupefocado ao despejo de milhões de dólares na forma de artefatos bélicos sobre o território da Iugoslávia, destruindo generalizadamente alvos civis e militares, refinarias e quartéis, fábricas e escolas, e matando seres humanos de todas as etnias e religiões — sérvios, albaneses, montenegrinos, cristãos ortodoxos, mulçumanos — há, de fato, grande dificuldade em se dar visibilidade ao mais novo capítulo de uma tragédia genocida que desabou sobre Timor Leste, nação ocupada pela Indonésia, expressivo cliente da indústria bélica, que vê seus lucros se multiplicarem no teatro de guerra europeu.

Inicialmente, vale entender as diferenças e semelhanças entre os dois conflitos, assim como a evidente diferença de tratamento que interessadamente é dispensada a um e a outro conflito.

Invadido em 1975 por tropas da Indonésia, apoiadas pelos Estados Unidos da América, Timor Leste viu o sangue de um terço de seus compatriotas escorrer pelo solo daquela ex-colônia portuguesa. Como é possível que um terço de uma população — estimativa aceita pela ONU, por inúmeros governos e organizações internacionais — seja eliminado num verdadeiro genocídio, sem que o mundo se estarreça com essa carnificina? É que durante muitos anos um sofisticado manto de silêncio escondeu dos olhos da humanidade essa monstruosa operação de destruição de um povo que também fala a língua de Saramago. Foi necessário que o Prêmio Nobel da Paz laureasse a resistência desse povo na figura de dois timorenses, o jornalista Ramos Horta e o Bispo D. Ximenes Bello, para que o mundo descobrisse que o extermínio em massa não havia terminado com os nazistas.

Apesar da posição assumida pela ONU em favor de um referendo e da retirada das tropas da Indonésia de Timor Leste, como passos necessários para uma solução pacífica, essas resoluções da ONU jamais foram cumpridas com o necessário rigor e aplicação com que se cumpriram resoluções da mesma ONU, autorizando o bombardeio, por exemplo, do Iraque. É nesse contexto de dois pesos e duas medidas, e dependendo dos atores envolvidos, que deve ser analisada a política externa do Governo brasileiro. O Itamaraty acaba de dar o seu aval à operação militar lançada pela OTAN contra a Iugoslávia, admitindo a argumentação dessa aliança de que se trata de um "bombardeio humanitário" (entre aspas). Por que o Governo brasileiro, em nome da lógica e da coerência, não defende com o

mesmo rigor uma ação da ONU contra a agressão da Indonésia, que, comprovadamente, já dizimou um terço da população timorense? Por que assiste agora passivamente à organização de grupos paramilitares indonésios em Timor Leste que se lançam à realização de massacres de civis, como o que ocorreu há poucos dias, em Liquiça, com a execução de 51 cidadãos no interior de uma igreja, onde se refugiaram? Será porque entre os apoiadores da máquina de guerra da Indonésia estão exatamente os grandes credores da nossa dívida externa impagável?

Curiosa a diplomacia brasileira: num caso, contra a Iugoslávia, apóia a opção pelos "bombardeios humanitários" (entre aspas), quando os próprios especialistas militares já reconhecem que a operação pode resultar num grande fracasso, cogitando-se, inclusive, no emprego de armas radioativas. Do outro lado, contra a Indonésia nenhuma ação enérgica, apenas meras declarações diplomáticas, o que na prática se traduz como uma enorme tolerância para com o extermínio em massa de civis, no caso, de Timor Leste.

Essa quase omissão brasileira em relação à tragédia de Timor Leste lança dúvidas quanto à pretensão brasileira de ocupar um cargo permanente no Conselho de Segurança da ONU.

O que reivindicamos aqui é que o Brasil atue no cenário internacional à altura de sua pretensão de ser membro do Conselho de Segurança da ONU e à altura de seu papel de protagonista e de suas tradições pacifistas, exigindo a imediata retirada das tropas indonésias do território timorense, a convocação de um referendo supervisionado pela ONU, para que o próprio povo de Timor Leste decida o seu futuro. Ao atuar dessa forma, o Brasil estaria cumprindo o princípio da autodeterminação dos povos, inscrito na Constituição brasileira.

Essa é a posição do nosso comitê. Várias entidades de solidariedade, sindicais e da sociedade civil, atuam dessa forma, pretendendo melhor esclarecimento do Governo brasileiro, bem como posição mais enérgica e mais firme em relação a Timor Leste.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nelson Pellegrino) - Como é do conhecimento da Comissão e dos convidados, infelizmente a Ordem do Dia começou e há solicitação do Presidente da Casa para que se encerrem as atividades. Mas havia combinado com o Deputado Nilmário Miranda conceder a

palavra ao Embaixador Ivan Canabrava, pedindo desculpas aos demais representantes diplomáticos, brasileiros e estrangeiros, porque não lhes poderei conceder a palavra.

Tem a palavra o Sr. Embaixador Ivan Canabrava.

O SR. IVAN CANABRAVA - Tentarei ser o mais breve possível. Em primeiro lugar, Deputado, respondendo à sua pergunta sobre o posicionamento da diplomacia brasileira diante do agravamento da situação de Timor, já me referi às medidas tomadas, algumas de caráter público e outras que não foram anunciadas com relação aos incidentes de Liquiça, que evidentemente nos causaram maior preocupação. Espero que nas próximas semanas haja a reunião de Nova Iorque e não se registrem desdobramentos graves como esse.

Não posso falar em futurologia, mas, se essa situação perdurar, teremos de assumir papel mais duro, que vai envolver consultas a outros protagonistas. Não poderia dizer agora quais são os caminhos, mas certamente várias medidas teriam de ser examinadas. O Brasil em momento algum assistiu passivamente a nada do que se faz em Timor Leste, porque seria a negação de toda nossa política externa.

Com relação à primeira pergunta do Deputado Ivan Paixão, acho que sim, o acompanhamento da consulta popular será decidido nesse foro tripartite. Embora não exista decisão, para responder honestamente à pergunta de V.Exa., acho que dificilmente deixaremos de ter alguém lá no dia dessa consulta.

A respeito das riquezas de Timor Leste, com base na minha observação pessoal, a maior delas é realmente o povo. Pelo menos até agora não se descobriu grandes riquezas no território. Há, sim, prospecção de petróleo por parte de algumas companhias australianas, mas não há ainda nada que justifique exploração comercial. Há possibilidade de desenvolvimento da agricultura, e, como eles dizem, a possibilidade de se explorar o turismo mais tarde, mas não existem riquezas minerais comercialmente justificáveis. Isso leva à conclusão de que o novo país, a nova nação necessitará de apoio e auxílio internacional.

Em relação ao plano de ação para a nova nação, em termos de língua portuguesa, já nos adiantamos e propusemos um acordo à Indonésia, aprovado recentemente pelo Congresso; isto é, daremos bolsas a estudantes. Pensávamos em conceder essas bolsas especificamente a estudantes timorenses. Com a evolução do assunto, provavelmente em julho ou agosto já poderemos conceder as

bolsas, negociando não mais dentro dessa moldura do acordo com a Indonésia, mas por meio de um entendimento direto com Timor, caso assim seja decidido.

A intervenção da representante do Comitê Brasiliense de Solidariedade ao Povo do Timor Leste foi longa e comporta vários pontos. Devo dizer que o tempo não me permite comentar todas as observações. Sem dúvida nenhuma, é muito positivo existir aqui um trabalho de arregimentação e de apoio a Timor. Já disse que isso dá maior legitimidade a qualquer atuação brasileira. Abordarei rapidamente dois pontos, sem me deter neles.

Não houve por parte do Itamaraty um aval à política de bombardeio. O Brasil não poderia, de forma alguma, apoiar o uso da força. Nossa posição é mais matizada; enfim, mais complexa. Não podemos apoiar o uso da força. Evidentemente reconhecemos que a questão chegou a um nível muito grave de violação de direitos humanos, mas o Brasil não apóia o uso da força.

Em segundo lugar, quanto à afirmação de que o Brasil assiste passivamente aos massacres, tenho a impressão de que o documento lido aqui foi escrito antes das minhas observações. Já respondi a essa pergunta, mencionando o que tínhamos feito.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Nelson Pellegrino) - Agradecemos ao Embaixador Ivan Canabrava, ao Embaixador de Angola, Dr. Osvaldo de Jesus Serra Van-Dúnem, ao Srs. José Vicente Pimentel, Daniel Oliveira, Antonio Alves de Carvalho, à Sra. Vera Lúcia Machado e aos demais presentes a participação.

Acredito que a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal cumpriu seu papel, dando sua contribuição ao procurar fazer uma interlocução com o Poder Executivo, no caso com o Ministério das Relações Exteriores, e não só para ser informada sobre as ações que o Governo brasileiro vem realizando; a preocupação inicial da Comissão é com os direitos humanos e com as ações para assegurá-los e para condenar as violações que vêm ocorrendo em Timor Leste.

Sr. Embaixador, espero que V.Exa. encaminhe ao Itamaraty o conjunto de preocupações aqui manifestadas pelos membros da Comissão, inclusive as sugestões de seu Presidente, Deputado Nilmário Miranda. É nosso desejo que continue esta parceria entre a Comissão e o Ministério das Relações Exteriores, juntamente com a mobilização da sociedade civil e do Comitê de Solidariedade,

para que possamos alcançar o objetivo comum de ver Timor Leste independente,
com autodeterminação e respeito aos direitos humanos.

Agradeço aos presentes.

Está encerrada a reunião.



Projeto: Timor – o rosto coberto pela guerra

Solicito apoio para a publicação do livro *Timor – o rosto coberto pela guerra*. Composto predominantemente de fotografias tiradas durante a minha viagem à ilha, tem como objetivo mostrar aos brasileiros o rosto desse povo em guerra pela liberdade.

O interesse em Timor Leste cresce a cada dia no país e o espaço para a divulgação de fatos relacionadas à ex-colônia portuguesa ocupada pela Indonésia também. Este livro vem na hora exata para saciar a necessidade de informações da população, que nada sabe sobre os habitantes da ilha, e para cobrar de nossa diplomacia uma maior atuação na solução do conflito.

A meta é a impressão de 1000 exemplares, dos quais 350 serão distribuídos gratuitamente a escolas públicas de ensino fundamental, médio e superior, além de bibliotecas e institutos culturais no Brasil e em Portugal. A data de lançamento seria a terceira semana de agosto, sintonizando brasileiros e portugueses para o plebiscito que apontará o futuro de Timor Leste, marcado para o final desse mês. Um debate entre articulistas de política internacional e representantes de organizações direitos humanos acompanhará o evento que terá cobertura da mídia.

Agradeço desde já, aguardando retorno o mais breve possível,

Leonardo Sakamoto

Jornalista

tel.: (011) 5841-2698

leosaka@hotmail.com

A) PROJETO *TIMOR - O ROSTO COBERTO PELA GUERRA*

Após seis meses de pesquisa no Brasil, dez dias de contatos e encontros com fontes em Portugal viabilizaram a aceitação de um repórter brasileiro pela resistência em solo timorense. Lisboa, Porto. Para estruturar o projeto foi fundamental o apoio da Universidade do Porto, através do Prof. Antônio Barbedo de Magalhães – autor de vários livros sobre Timor Leste e um dos maiores especialistas no assunto em Portugal.

Paris. Bangkok, Jacarta, Bali. Dili, capital de Timor Leste. Nas semanas seguintes, tive a oportunidade de conhecer, analisar e discutir a cultura, política, ideais e sonhos do povo maubere, sobreviventes de um massacre que consumiu aproximadamente 40% de sua população.

Através dos 18.899 km² de território, captei conceitos de democracia e liberdade, aspirações pelo ensino da língua portuguesa – proibida até pouco tempo atrás – e a esperança por uma atuação brasileira na resolução do conflito. Na selva com a guerrilha, conheci os projetos da luta armada e, entre especialistas e políticos, as configurações econômicas e sociais para uma possível nação livre. Tornei-me a primeira pessoa de um país da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) a ter acesso ao acampamento central da guerrilha e viver o seu cotidiano.

Foram mais de 70 entrevistas, de personalidades internacionais, como Xanana Gusmão (líder máximo da resistência e preso em Jacarta) e José Ramos-Horta (Prêmio Nobel da Paz), até a população mais carente – vítima direta das violações de direitos humanos. A entrevista a Xanana Gusmão teve algumas cenas “cinematográficas” que incluíram a confecção de uma carteira de identidade falsa pela resistência e um gravador escondido para entrevistá-lo na Penitenciária de Cipinang, em Jacarta.

Devido à perseguição do serviço militar indonésio e de uma malária que apanhei no acampamento (41° C de febre e calafrios) a viagem foi encurtada. Após um período de internação em São Paulo e a apresentação das fotos e de parte de meu diário de viagem como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (nota dez com unanimidade), começaram as palestras em escolas de primeiro e segundo grau. O objetivo: estender o debate sobre liberdade, democracia e cidadania entre os jovens, discutindo o problema timorense e a realidade brasileira.

Parte do material foi veiculado pela imprensa nacional e em alguns jornais portugueses, com um excelente retorno por parte dos leitores. Jovens interessados em participar de projetos relacionados a direitos humanos têm procurado entidades influenciadas por estas matérias ou pelas palestras.

Foram tiradas quase 2 mil fotografias. Uma exposição itinerante tem mostrando o Timor Leste aos brasileiros. Inaugurada em dezembro na Universidade de São Paulo, passou pela Câmara dos Vereadores (onde discurssei em prol de uma atuação mais eficaz de nossa diplomacia), Praça Benedito Calixto, Anistia Internacional entre outros lugares.

B) PUBLICAÇÃO

Com fotografias coloridas e em preto e branco retratando o povo, costumes, paisagens, economia e, principalmente, a guerrilha e os efeitos da dominação indonésia. Textos explicativos acompanharão cada foto, contando uma história ou analisando a realidade apresentada. Trazendo esse conjunto para o universo brasileiro, trechos de meu diário de viagem estarão dispostos no decorrer da obra.

Sob minha responsabilidade, um grupo de profissionais das áreas de design gráfico, editoração e texto se reuniram para auxiliar no projeto, dispensando assim a intermediação de uma editora comercial e barateando o processo.

O projeto conta ainda com o apoio da Universidade de São Paulo, da Anistia Internacional e do Grupo Clamor por Timor.

Em fase de confecção, o livro terá as seguintes características:

Público-alvo

- Brasileiros, principalmente de São Paulo e Rio de Janeiro, e portugueses – concentrando a distribuição nas cidades de Lisboa e Porto.
- Formadores de opinião (jornalistas, empresários, políticos, professores)
- Estudantes universitários e de 2º grau
- Este perfil engloba pessoas das classes A, B e C – com bom poder aquisitivo

Formato

230 mm x 160 mm, 120 páginas de miolo + 4 de capa.

Impressão e acabamento

Cor em todas as páginas, lombada quadrada. Miolo em papel couche liso L2 90 gramas e capa plastificada em couche liso L2 180 gramas.

Tiragem inicial

1000 exemplares.

Distribuição

A distribuição poderá ser feita das seguintes formas:

- Através do próprio autor e de organizações não-governamentais (ONGs) aos institutos culturais, bibliotecas, escolas e órgãos do governo brasileiro e português
- Distribuidora comercial (modo tradicional)
- Venda por consignação
- Cota para o patrocinador

C) ORÇAMENTO

Item	especificação	quantidade	valor (R\$)	valor (US\$)
Fotolito	páginas	496	2.800	1.619
Provas coloridas	páginas	124	3.200	1.850
Impressão e acabamento	livros	1.000	6.500	3.757
Design gráfico		1	2.000	1.156
Revisor		1	500	289
Total			15.000	8.671

D) RETORNO AO PATROCINADOR

Por que investir em cultura?

O investimento em cultura através do chamado Marketing Cultural é uma ferramenta que surge no mercado com o intuito de impulsionar vendas e serviços. Tem como função principal agregar valor à marca de uma organização através de associações com projetos de cunho cultural comunitário.

Entre os benefícios para a empresa que investe está o aumento do faturamento/vendas decorrente da divulgação e fixação da marca e conseqüente melhora da imagem institucional.

Ganho de Imagem Institucional

O patrocinador terá um espaço para o seu logotipo na parte inferior da capa do livro e na sua folha de rosto, dando assim visibilidade à sua marca e ao seu apoio cultural. Além disso, todos os banners, faixas e cartazes ou qualquer material de divulgação e lançamento estarão acompanhados de sua logomarca.

Investir em cultura significa estar presente em lugares de grande público, estar associado a momentos de manifestação artística, histórica e política de uma sociedade. O apoio à cultura expressa bem a vontade da empresa de projetar seu compromisso com a sociedade e, nesse caso específico, com a defesa dos direitos fundamentais do ser humano.

E) DIÁRIO NA CAPITAL DO CONFLITO

Quando Dili surgiu por trás das nuvens, causou-me certo espanto. Algo de familiar, sensação de déjà vu. Do alto, a cidade parecia um amontoado de tetos de zinco abraçados por morros a sua volta. Boréu, Rocinha, Alemão... Não havia a Gávea e muito menos o trailer do Viajandão, trocado por carrocinhas que vendiam sopa. O que não impedia, porém, que a bola estufasse as redes de uma pelada na praia. Alguns navios de guerra descansavam na baía, essa tão porca quanto a Guanabara. E, de braços abertos, a estátua de Cristo redimia (em uma poética meio invertida) não a cidade, mas o pôr-do-sol do alto de uma montanha.

Estava impossível relaxar. Apesar das semelhanças, Dili não era Rio e Timor não é Brasil. Seis meses de planejamento, duas semanas de contatos em Portugal, dias de encontros em Jacarta. Tudo isso para culminar em uma grande dor de barriga no avião. Que desculpa alguém que está prestes a ser deportado deve dar? Fiquei imaginando a cara dos colombianos que são descobertos em situação irregular pela Imigração em São Paulo tentando se explicar em castelhano para uma turma que mal fala o próprio português.

No saguão do aeroporto, o exército indonésio se voltou aos estrangeiros. Eram revistados, mostravam o passaporte - com certeza seriam seguidos. Se eu queria ser o único *voyeur* da história teria que ser também cara-de-pau.

- *Bapak selamat pagi!* O método de dar bom dia e cair fora funcionou bem. Dou graças a Deus minha mãe ter escolhido um japonês e não um finlandês para se casar. Olhos puxados e pele queimada de sol funcionam como um bom disfarce entre malaios e javaneses.

Peguei um táxi e fui para o hotel que os exilados timorenses em Portugal tinha aconselhado como o mais seguro. Só depois fiquei sabendo que o estabelecimento possuía algumas comodidades que não constavam no anúncio, como microfones escondidos, minicâmeras de TV, telefones grampeados. E além de toda essa infra-estrutura, um pessoal de primeira: espões - de funcionários timorenses a proprietários chineses - prontos a entregar você às autoridades locais ao primeiro sinal de conspiração. Quando eu mudava de quarto, antes de abrir a boca para qualquer coisa (se você estivesse em um lugar em que não se podia confiar em ninguém acharia natural conversar consigo mesmo) revirava tudo de ponta cabeça em busca de algum dedo-duro eletrônico.

Oito horas da noite, toque de recolher. Fiquei no meu quarto esperando uma sirene gritar pela noite mas o que ouvi foi só o silêncio. Um silêncio que doeu mais que uma bomba porque explodiu por dentro. Uma angústia toma conta de tudo, parecendo que o mundo acabou lá fora e que só resta você. Nessas horas lembrava daqui, para tentar manter a razão. Passado um tempo, a gente volta a si com o barulho dos caminhões do exército que rasgam a noite em uma ou outra patrulha. Um toque informal: ninguém disse nada para você, mas você sabe que não é para sair de casa.

De vez em quando eu rompia essa lei e fazia um passeio noturno. Jantava

em um restaurante a uns dois ou três quilômetros do hotel e voltava caminhando. Pouquíssimas pessoas nas ruas. Mesmo para os que vem de fora não é difícil saber onde estão os postos militares do exército. Lâmpadas coloridas colocadas na fachada indicavam um local proibido. Pareciam instalações de Natal, porém não piscavam, vigilantes. Fina ironia muçulmana.

Tinha vontade de conhecer o Cemitério de Santa Cruz, onde centenas de estudantes foram mortos em 1991. Julião Mausiri, um membro da resistência timorense, levou-me até lá. "Olha aquela árvore. Ali meu amigo caiu depois de levar tiros pelas costas." Vasos de flores tombados pelo chão, cruces quebradas, capim alto. Tudo dava a impressão de que o tempo tinha desistido de existir em Santa Cruz. "Em cima deste túmulo uma garota foi violentada por um soldado." De repente, parecia que tudo acontecera no dia anterior. "O exército ficou a espreita lá esperando que os estudantes chegassem." Tirei apenas fotos em preto e branco nesse dia. Não me atrevi a pintar de cores aquele lugar.

Partes de Dili haviam se tornado tão malditas que acredito nem os matandook, xamãs da ilha, poderiam purificá-los com suas mágicas, rezas e amuletos. Um desses lugares, o prédio onde eram realizados os interrogatórios do serviço secreto. Algo como o nosso Dops. Em nada diferenciava das demais construções a não ser pelas histórias que podem se ouvidas dos que conseguiram sair de lá. O lixo resultante das sessões de tortura era encaminhado para valas comuns, cavadas como trincheiras nos arredores da cidade. Houve épocas em que tratores faziam o serviço de coveiros. Ruanda, Burundi, Timor, muda só o nome. Estive no lugar em que estaria uma dessas valas com mais de 300. Ironicamente, próximo de onde foi erguido um altar para receber João Paulo II em sua visita à ilha. Hoje, o mato cresceu, vidros foram quebrados e a construção cheira a urina.

Assim como o avião do papa veio, foi embora, sumindo por entre as nuvens, deixando Dili para trás. Algum tempo depois, tomei o mesmo caminho e segui viagem para o Brasil. Indiferentes a toda esse movimentação, homens, mulheres e crianças mortos pela guerra esperam o dia em que possam realmente descansar em paz.

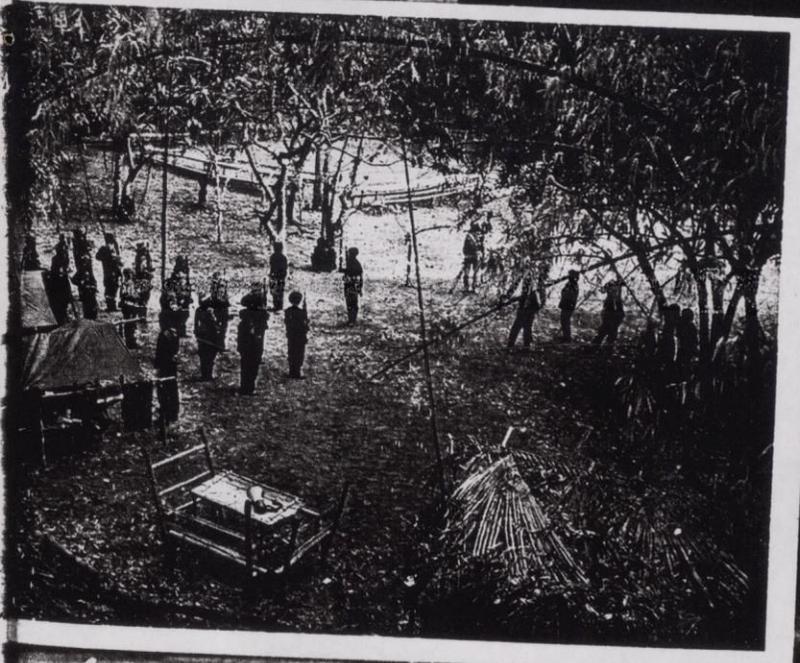
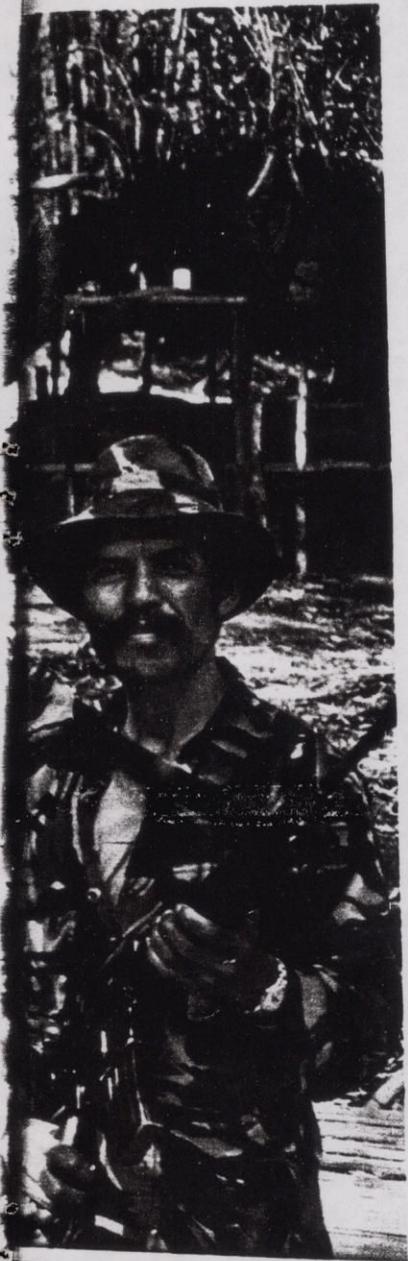
Seguem cópias das reportagens publicadas nas revistas *Caminhos da Terra* (Editora Abril) e *Caros Amigos* e de algumas cartas de leitores.

UM BRASILEIRO NA GUERRILHA DO TIMOR

Escondido no meio do mato,
o repórter Leonardo Sakamoto
conheceu como é viver num
acampamento da luta armada

Falar a língua portuguesa facilitou a aproximação do repórter Leonardo Sakamoto (ao lado, de camiseta azul) com a resistência armada, com a qual ficou no acampamento (abaixo)

Na tarde do dia 11 de setembro do ano passado, sob um sol causticante de quase 40 graus, o jornalista brasileiro Leonardo Sakamoto suava pelos corredores do movimentado aeroporto de Jacarta, capital da Indonésia. Mas foi ao entregar o passaporte para o nada amistoso policial que fiscalizava a saída de estrangeiros do país que sentiu as pernas tremerem como nunca. Se fosse pego com o que carregava na bagagem, estaria metido numa grande encrenca. Sakamoto voltava de uma viagem de um mês pelo Timor Leste, onde se embrenhara no mato com guerrilheiros da Falintil, movimento armado que luta pela independência desse pequeno país desde 1975, quando as forças militares do ex-ditador Suharto promoveram a ocupação sangrenta da ilha. O repórter carregava dezenas de filmes fotográficos que registravam o dia-a-dia daqueles combatentes, além de uma fita com o depoimento do guerrilheiro Xanana Gusmão, um dos símbolos dessa luta, com o qual falou na penitenciária de Cipinang, em Jacarta, depois de burlar leis indonésias. Primeiro jornalista brasileiro a entrar nessa guerrilha que fala português — Timor Leste é ex-colônia portuguesa —, Sakamoto ainda contraiu malária e acabou perdendo 20 quilos nas selvas e num hospital paulistano até se recuperar da doença. Mas trouxe aos leitores de TERRA o relato de sua experiência na Guerrilha do Timor.





FOTOS LEONARDO SAKAMOTO

Sakamoto participou de patrulhas com os guerrilheiros pelas montanhas próximas ao posto-base. Durante essas saídas, os combatentes simulavam ações de guerra (ao lado)



“Tive de fazer um acordo com o comando da resistência. Nem tudo que vi poderia ser revelado”

“Sem estrelas no céu, a noite seguia escura como nunca tinha visto. Um grupo de dez perseguidos políticos timorenses, que vive na clandestinidade, me conduzia ao principal acampamento da resistência armada. Cruzávamos lodaçais no meio da mata densa que pareciam intermináveis. Foi quando ouvi alguém bradar assustadoramente:

— Corram! Acho que indonésios viram a gente!

Na escuridão, vi ao longe luzes acendendo freneticamente, uma a uma. Lá estava um dos postos do exército da Indonésia, que ao longo dos últimos 23 anos de guerra deixou um rastro de 200 000 mortos no Timor Leste, além de uma lista monstruosa de outras 100 000 almas que se foram por falta de comida. Ou seja, mais de um terço de sua população no início do conflito. Correndo, atravessamos rios, brejos com plantações de arroz e diversas pinguelas. Em uma delas, a madeira podre quebrou e fui à lama. Gritei por socorro e duas pessoas do grupo vieram me puxar. Horas depois paramos para descansar e, exausto, adormeci num chão úmido e barrento. O comandante veio me questionar:

— Se quiser desistir, podemos te levar de volta.

Segredos da selva. Mas não era o que eu queria. Afinal, foi complicado chegar até ali. Um país em guerra civil não revela seus segredos militares a ninguém, e confiar em estranhos pode ser o mesmo que assinar o próprio atestado de óbito. Eu sabia do rigor dessas leis desde que resolvi conhecer de perto a luta armada pela independência do Timor Leste. Sabia também que jornalistas de várias partes do mundo tentaram entrar na pequena ilha e acabaram voltando com as mãos abanando. Mas eu tinha diferenciais a meu favor: meu idioma é o português (a língua da resistência), além de ser fisicamente semelhante àquele povo do Pacífico — sou filho de pai japonês e mãe brasileira. Antes de voar para a Indonésia, passei duas semanas em Portugal, o representante oficial do Timor perante à ONU, onde mantive contatos com refugiados que vivem em Lisboa e em Porto, incluindo o próprio José Ramos Horta (o advogado timorense que ganhou o Nobel da Paz de 1996). Consegui nomes que deveria procurar em Jacarta. E um deles me conduziu até Dili, a capital do Timor



Há 23 anos vivendo na floresta, Ratelai se afastou dos amigos e só se comunica com a família por meio de cartas



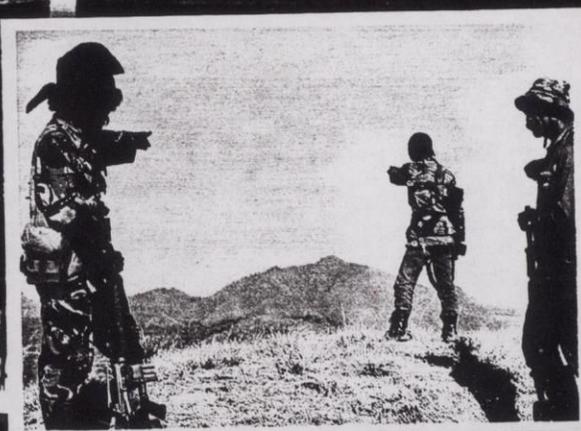
Plantações de arroz: uma das poucas fontes de sobrevivência para o povo timorense, que continua morrendo de fome



Ular vive com pesadelos da guerra: perdeu o pai e a mulher grávida



Guerrilheiros se divertem com uma granada roubada do inimigo indonésio



Estratégia: os cumes das montanhas ficam sob vigilância

Leste, de onde seria levado ao acampamento central das Falintil, as Forças Armadas para Libertação Nacional de Timor Leste, montado no alto de uma montanha.

Em Dili, fui metido numa van, entre sacos de arroz, que rodou por 2 horas até um vilarejo. Um dos acordos com a Falintil foi que, após voltar ao Brasil, não poderia revelar os nomes que me abriram as portas à guerrilha nem a posição dos acampamentos. O que posso dizer é que quando chegamos ao posto-base, depois de escapar ileso daquela tal noite escura, já amanhecia. Os guerrilheiros estavam de pé, carregando seus fuzis para o treino da alvorada. Não há armas pesadas no acampamento, como canhões ou bazucas, e os sons de rifles sendo armados e desarmados são ouvidos durante todo o dia. Muitos dos que empunham os fuzis M-16, AR-15 e Uzi são jovens que mal passaram dos 18 anos. De acordo com Matan-Ruak, comandante geral das Falintil, os assaltos ao material bélico indonésio são a principal fonte para o armamento da guerrilha. O número de guerrilheiros em ação no Timor é um segredo. Nas cidades, as pessoas dizem — ou querem crer — que eles são milhares. A guerrilha diz que são uns 2 000.

Guerra sem trégua. No dia seguinte à minha chegada, participei de uma patrulha pelos arredores, e do cume de uma montanha pude observar a soberba fortaleza natural que protege os rebeldes. Um imenso desfiladeiro serve de passagem obrigatória para quem entra ou sai da região. Postos avançados, no alto e bem guarnecidos, parecem tornar impossível uma invasão inimiga.

Lá de cima olhei para aquela selva densa e pensei em muitos daqueles homens que há mais de duas décadas vivem escondidos no mato, encarando a batalha contra o exército da Indonésia. Ou seja, são longos anos sem tomar banho quente, dormir numa cama, encontrar amigos ou visitar um médico. O banheiro ali se resume a um buraco no chão, e as poças d'água, muitas vezes barrentas, servem de lavatórios ou para matar a sede. A comida é caçada pelos guerrilheiros ou doada pelos vilarejos. O cardápio não varia muito: carne de macaco, de veado ou enguia, às vezes arroz e macarrão — preparados por meia dúzia de mulheres, esposas de guerrilheiros. Ao todo, éramos cerca de 100 pessoas no acampamento.

Nas tendas, tudo que eles têm são algumas poucas roupas, radinhos de pilha, um livro ou outro para quem sabe ler, papel e caneta para escrever à família que ficou distante nas vilas. Conversando com Falur Ratelai, um dos comandantes das Falintil, perguntei se 23 anos vivendo na selva não era tempo demais.

— Fico o necessário para ver minha pátria livre, respondeu. Aqui, cada guerrilheiro adota um nome: Falur Ratelai, por exemplo, significa 'pombo sem sepultura'.



Um raro momento de paz no Timor Leste: jovens jogam bola durante o pôr-do-sol numa praia de Dili

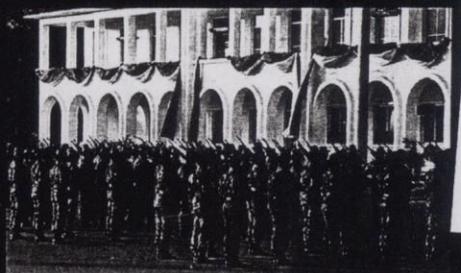
INFERNO NAS SELVAS TIMORENSES



A História da guerra civil que esparrama tragédias pelo Timor Leste, ex-colônia portuguesa que ocupa metade da Ilha de Timor, no Pacífico Sul, só correu mundo depois que o Prêmio Nobel da Paz de 1996 foi atribuído ao advogado José Ramos Horta e ao bispo Carlos Ximenes Belo — líderes da luta pela independência do território de 18 quilômetros quadrados, área menor que o Estado de Sergipe. Em dezembro, completou-se 23 anos de sua ocupação pelo exército indonésio, período em que 200 000 timorenses foram mortos pelos invasores (além de outros 100 000 que morreram por inanição). A população do país hoje soma 600 000 pessoas.

Os interesses expansionistas do ex-ditador Suharto, que perdeu o poder em meados do ano passado, foram um dos fatores que levaram à ocupação do pequeno país. A crise social e econômica que hoje assola a

Indonésia de 200 milhões de habitantes, no entanto, a enfraqueceu. Por causa de pressões internacionais, o governo de Jacarta concordou recentemente em oferecer autonomia parcial ao Timor, como nas áreas da educação, da saúde, por exemplo. Porém, refutou os pedidos de independência e continua mantendo suas tropas nas selvas da pequena ilha.



Exército indonésio: sem arredar o pé da ilha



Cemitérios lotados: 300 000 pessoas morreram no Timor desde 1975



Sem emprego, muita gente vive de vender frutas nas ruas

“O exército da Indonésia usou nativos como escudo para invadir o Timor, além de destruir as matas com napalm”

Educado até a quarta série por militares portugueses num vilarejo do Timor, Ratelai saiu para tentar a vida em Dili e acabou se envolvendo com a guerrilha. No final dos anos 70 viu o exército indonésio usar parentes e amigos como escudo humano para ocupar o país, além das bombas de napalm destruindo suas belas florestas. “Parecia o Vietnã!”, conta. Com olhos fundos, em meio a uma assustadora cabeleira, o comandante Ular Rihik Krarás também convive com o terrível fantasma da guerra. Sua mulher, grávida, e seu pai foram obrigados a cavar a própria sepultura antes de ser metralhados.

Durante as longas noites que passei no acampamento, deitado numa desconfortável cama de bambu, uma quantidade impressionante de mosquitos me irritava e sugava meu sangue sem piedade. Tanto assim que, dias depois, ao descer no aeroporto de São Paulo, queimava com uma febre de 41°C. Tinha contraído malária.

Farsa internacional. Antes de retornar ao Brasil, no entanto, me arrisquei mais uma vez. Queria ouvir o líder máximo daquela luta: Xanana Gusmão, preso em Jacarta, capital da Indonésia, condenado a vinte anos de cadeia. Minha aparência de asiático me ajudou. Consegui uma identidade falsa de cidadão indonésio, escondi um gravador na calça e entrei na penitenciária de Cipinang. De bermuda e camiseta, Xanana surgiu sorridente. Informado por uma rede de comunicação clandestina, ele já sabia quem eu era e mostrava-se feliz com a primeira visita de um jornalista brasileiro. Estava indignado com a declaração do governo da Indonésia de que as tropas começavam a se retirar do Timor.

Como eu mesmo vi, a desocupação do território timorense é uma farsa diante da ONU. Os navios repletos de soldados saem de Dili, mas dão meia volta para aportar no lado leste da ilha. Depois que deixei o Timor, o comando da guerrilha, por meio de rádios modernos e potentes, manteve vários contatos com o aqui no Brasil. Contudo, no início de dezembro, de acordo com a Embaixada do Timor Leste em Angola, o exército indonésio teria invadido um vilarejo e travado combate com as Falintil, massacrando guerrilheiros. Desde então, não recebi mais mensagens daqueles grotões da Ásia.”

PARA IR MAIS LONGE

Clamor por Timor, grupo de apoio ao Timor no Brasil, tel. 011/864-0844

Timor Leste: Terra de Esperança, livro de Antonio Barbedo de Magalhães, editado pela Universidade do Porto, tel. 00351-2-699519

entrevista exclusiva

Xanana Gusmão

na cadeia

por Leonardo Sakamoto

7 de dezembro de 1975: tropas da Indonésia, sob a ditadura do general Suharto, invadem o Timor Leste e promovem a ocupação sangrenta da pequena ilha. Em poucos dias, morrem dezenas de milhares de pessoas. Às vésperas do início da invasão, o secretário de Estado americano Henry Kissinger havia mantido uma entrevista com Suharto, em Jacarta, capital da Indonésia. Mera coincidência? Difícilmente. O ditador era peça-chave da estratégia geopolítica dos Estados Unidos para a bacia do Pacífico, especialmente após a vergonhosa retirada das tropas americanas do Vietnã (1973). Basta lembrar que Suharto tomou o poder na Indonésia, em 1966, graças a um golpe de Estado sangrento em que depôs o general Sukarno, líder político nacionalista e um dos principais articuladores da Conferência de Bandung, que deu origem ao Movimento dos Não-Alinhados. O golpe de Suharto contra Sukarno custou a vida de pelo menos 600.000 apoiadores do Partido Comunista da Indonésia.

Protegido por Washington, Suharto impôs uma feroz ditadura também em seu país, comandando um governo absolutamente corrupto, cujos postos-chave eram exercidos por membros de sua própria família. A ocupação do Timor Leste, parte da estratégia expansionista de Suharto, só se manteve durante duas décadas graças ao terror político. Segundo as Nações Unidas, durante os 23 anos de ocupação foram assassinados 200.000 timorenses, cerca de 1/3 da população total. Era comum a prática de tortura nas prisões, a perseguição a qualquer pessoa suspeita de auxiliar a guerrilha ou mesmo de manter postura crítica em relação aos ocupantes. A mobilização do aparato repressivo tinha, como pano de fundo, a tentativa sistemática de destruir as tradições culturais locais. Nada disso conseguiu quebrar a resistência das organizações que lutam pela independência do Timor Leste, que, apesar de tudo, e contra todas as probabilidades, organizaram uma heróica guerra de guerrilha.

Xanana Gusmão, comandante das Forças Armadas para a Libertação do Timor Leste, capturado em 1992 e condenado a 20 anos de prisão, é um dos grandes símbolos dessa luta. Não por acaso, os timorenses José Ramos Horta e dom Carlos Felipe Ximenes Belo, agraciados com o Nobel da Paz de 1996, graças à luta pela independência de seu país, dedicaram o prêmio a Gusmão. O pesadelo começou a acabar no início de 1998, quando a queda do ditador Suharto criou um vazio de poder político na Indonésia, que, combinado à crise financeira e às pressões internacionais, tornou impossível a Jacarta manter o Timor Leste sob ocupação. Hoje, o país vive uma situação de transição, ampliando cada vez mais sua autonomia e grau de liberdade em relação ao antigo ocupante. Nesse quadro, Gusmão deverá exercer um papel importante. Não é à toa que muitos o comparem a Nelson Mandela, o articulador do fim do *apartheid* na África do Sul.

Gusmão foi entrevistado, com exclusividade, na penitenciária de Cipinang (Jacarta) por Leonardo Sakamoto, o primeiro jornalista brasileiro a ter acesso ao líder guerrilheiro. A entrevista, aliás, só foi obtida graças a um lance cinematográfico. É o próprio Sakamoto quem conta: "Passei mais de um mês no Timor Leste, para fazer uma reportagem sobre o povo, a guerra civil e os mais recentes acontecimentos na região. Fui o primeiro estrangeiro que fala português a entrar no acampamento das Falintil, a guerrilha timorense. Como sou mestiço, meio oriental, pareço-me fisicamente com um indonésio. Aproveitando dessa circunstância, aprendi o básico da língua deles e consegui um cartão de identidade falso, garantindo, assim, passe livre na penitenciária de Jacarta para entrevistar Gusmão".

O líder guerrilheiro do Timor Leste, preso em Jacarta, diz por que confia numa solução próxima para seu país.

A guerrilha é considerada em todo o mundo o símbolo da resistência timorense. Como tem sido a luta armada contra o exército indonésio, mais equipado e com mais contingentes?

Tínhamos quase 30.000 homens armados nos três primeiros anos da guerra. Estávamos todos concentrados no meio do mato. Apenas uns 5% da população estava nas vilas. E as coisas não eram tão fáceis para a Indonésia. Depois disso, não suportamos as grandes operações desenvolvidas em 77, 78 e 79 e mandamos os timorenses se renderem. O exército indonésio tinha começado a usar a população como escudo humano: avançavam com os timorenses à frente. Não íamos atirar no nosso povo. Muitos guerrilheiros renderam-se também. Ficamos cerca de 2.000 no mato e fomos agüentando apenas com poucas centenas. A guerra, nos três primeiros anos, era guerra de posição em que a gente se encontrava cara a cara, frente a frente com o inimigo. Depois passamos à guerra de guerrilha e isto mudou tudo. Entocávamos, combatíamos quando quiséssemos, de forma a ter muito mais mobilidade. Não eram dois mil homens de uma vez só que atacavam, mas em pequenos grupos que combatiam e se retiravam, combatiam e se retiravam. Os próprios soldados indonésios diziam que, quanto menor fosse o nosso número, mais difícil seria nos combater.

A região do Sudeste Asiático, considerada um milagre do desenvolvimento econômico, mergulhou em uma profunda crise no ano passado. Isto abalou a estrutura política de vários países - inclusive da própria Indonésia. A partir desse quadro, como o senhor definiria a atual situação do Timor Leste?

Levando em conta que, desde o início da luta há 23 anos, nós estávamos enfrentando um dos regimes políticos mais duros do mundo, não podemos deixar de dizer que, hoje, estamos muito mais confiantes de que o problema do Timor Leste vai se resolver. Sempre acreditamos que havia de chegar um tempo em que as mudanças se processariam. Eu devo dizer que toda esta conjuntura política, com o processo de reformas na Indonésia, é favorável a nós.

E o que pode acontecer a curto prazo?

Você deve saber que a ONU está organizando um encontro entre as três partes envolvidas diretamente na questão [Indonésia, Portugal e Timor Leste]. Uma vez acertado, há uma perspectiva



para se discutir um estatuto especial para Timor - colocando no papel compromissos e as ações a serem tomadas nos próximos anos. Além disso, não separamos estas negociações dos fatos que podem vir a se desenvolver na Indonésia. Temos esperanças que, depois das eleições gerais, ocorra uma mudança total.

Qual seria o candidato à presidência da Indonésia mais favorável ao Timor Leste?

Megawati [filha do ex-presidente Sukarno] ou Amien Rais [líder da segunda maior organização muçulmana]. Ou seja, oposição.

No Timor, o senhor é considerado a pessoa mais indicada a dialogar com a Indonésia e Portugal. Existe uma grande pressão internacional para a sua libertação. Isso pode acontecer nos próximos meses?

Não posso dizer isso ainda. Mas espero que depois das eleições eu seja solto.

O governo indonésio alega que a independência do Timor levaria a uma nova guerra civil lá, como a que antecedeu à invasão em 1975.

Isso é apenas um argumento para assustar a comunidade internacional. Só quem não está a par da situação política é que pode pensar que vai acontecer uma coisa assim. Primeiro, a guerra civil foi entre dois partidos nacionalistas, que queriam um país independente [antes da invasão indonésia, dois partidos políticos lutaram entre si no Timor: AUDT, que defendia uma independência de Portugal lenta e gradual, e a Fretilin que queria imediatamente. Morreram nessas lutas aproximadamente 1,5 mil pessoas]. Segundo, os que prevêem uma nova guerra civil são precisamente os que defendem a autonomia. Querem que os grupos paramilitares continuem fazendo das suas como têm feito até agora: amedrontar nosso povo, perseguir, prender.

O senhor recebeu há pouco tempo a visita de Ivan Cambrava, secretário para assuntos políticos do Ministério das Relações Ex-

teriores do Brasil. *Estive com ele no Timor e afirmou que o senhor concorda com a tese de que uma independência agora seria impossível e que o primeiro passo a ser dado seria a autonomia.*

Bem, eu não disse isso... Aprecio muito o trabalho e a atenção dele em ter vindo e sobretudo a preocupação do presidente brasileiro. Pois conforme o senhor Cannabrava me disse, Fernando Henrique o havia designado especialmente para ver nosso caso. Isto é uma atenção que apreciamos muito. Mas na verdade o que eu disse a ele foi que defendemos um referendo, uma consulta popular para o povo do Timor decidir o seu futuro entre a integração com a Indonésia, a autonomia e a independência. Mas não para amanhã. Porque, indubitavelmente, todos têm consciência que existem duas forças no Timor: a pró-integração – embora saibamos que seja uma minoria desgraçada – e a pró-independência. Disse a ele também que consideramos necessário um “período de transição”, para curarmos as feridas, para que nos preparemos para o referendo e sobretudo para depois do referendo. Os timorenses se compreendem, aceitam opiniões alheias. Mas precisamos de um tempo para garantir aos que querem a integração que, depois do referendo – pois temos a certeza absoluta de que o povo quer a independência –, nada lhes acontecerá.

Isso equivale à autonomia oferecida pelo governo indonésio?

Eu não me importo com nomes. O importante é o conteúdo e os objetivos deste período que será, essencialmente, para criarmos as infra-estruturas. E, não menos importante, para uma educação política de nosso povo. Para perdarmos uns aos outros, para aceitarmos o que o outro pensa, para que alguns saibam que, mesmo perdendo no referendo, nada lhes acontecerá. Retirar todos os sentimentos de ódio e vingança para podermos criar ali uma harmonia e tolerância entre os timorenses.

Como o senhor vê a participação do Brasil no caso do Timor Leste?

Nós não exigimos muito do seu governo porque compreendemos as relações comerciais do Brasil com o governo indonésio. Sempre ouvimos dizer que o Brasil tem uma posição muito favorável ao Timor Leste na ONU. Nunca disse que nós estaríamos melhor se estivéssemos integrados. Defendeu este princípio e isto já nos bastava. Nós percebemos que o papel que o seu governo pode desempenhar é o de influenciar positivamente – portanto, não afetando as relações comerciais e ao mesmo tempo não negando nosso direito à autodeterminação e à independência. No contexto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), pelo menos fomos admitidos como observadores. Como o Brasil faz parte desta organização, haverá também um importante papel político e diplomático que inevitavelmente poderá desempenhar. Eu fico satisfeíssimo – pois estamos sempre a olhar para o futuro – com a disposição do governo brasileiro de depois nos dar apoio.

Que tipo de apoio?

Apoio tecnológico, ajuda técnica, na agricultura, infra-estrutura.

E isso é tudo o que vocês esperam?

Bem, não. Esperamos mais. Pois eu creio que o Brasil não perderia muito na medida em que já estamos numa fase política nova na Indonésia. Se fosse na época de Suharto... mas acho que, agora, a embaixada brasileira já acompanha bem a situação política e o processo de reformas aqui. Então, creio que é necessário ser um bocado mais “ativo”.

Vocês têm exigências para sentar na mesa de negociações?

Minha exigência é reconhecerem o nosso direito à autodeterminação. Podemos até, como expliquei ao senhor Cannabrava, participar deste processo de negociações em que a Indonésia diz “autonomia como solução final”. Porém, dentro do pensamento de que é o tal período de transição que necessitamos. Ou seja, “autonomia como solução transitória”.

E isto equivale a quanto tempo mais ou menos?

O mais rápido possível. Nós sabemos que podemos. Afinal de contas, todo este tempo nos ensinou muito. Se dependesse unicamente de nós, queríamos que saíssem já dali. Mas vamos dar oportu-

tidade aos que defenderam 23 anos de integração – que foram em vão – para se defenderem.

A retirada das forças militares indonésias é um pré-requisito para as negociações de paz?

Isto dependerá. A nossa vontade é de uma saída imediata, como as resoluções da ONU sempre apontaram. Contudo, eu também ofereci uma opção à Indonésia: se o governo de Habibie reconhecer o nosso direito à autodeterminação podemos tomar certos “compromissos políticos”. Podemos ajudá-los a salvar a face, sair dali airoso. Vamos reconhecer que a guerra foi um erro, um erro sórdido. Enterraremos todas as violações de direitos humanos, considerando que tenham sido conseqüências da guerra. Não vamos envergonhar mais a ABRI [as Forças Armadas da Indonésia]. Elas saíam dali com a cabeça levantada, lhes dariamos um caráter novo: o caráter de ajudar na solução. Nós poderíamos arranjar um cenário assim. E pronto perdooamos.

Muitas pessoas no Timor, principalmente na região oeste da ilha, estão reclamando de uma intensa presença militar. Afirmando que a retirada das forças é uma farsa.

E é uma farsa. Têm sido farsas, não é a primeira vez. Se fosse a primeira vez nós ainda iríamos estudar o caso. Mas, agora, antes mesmo deles se retirarem já sabíamos que seria uma farsa. O que acontece é apenas uma simples rotação de tropas.

Que tipo de rotação?

Os soldados saem do porto de Dili [capital do Timor Leste], o navio dá uma volta no mar e ataca no porto de Lautem [extremo

“Com 80 milhões de pessoas esfomeadas na Indonésia, os 600.000 timorenses são apenas mais um peso. Preferimos retirar um bocadinho desse fardo das costas dela.”

oeste da ilha]. Ou aparecem em Same, no lado ocidental. Eu estive 17 anos lutando no mato, sei bem como é isso. As últimas informações mostram que a fronteira com o Timor Oeste está recheada de soldados. O problema é este: se retiram do leste para o oeste, do norte para o sul. E muitas vezes, porque não podem evitar, acontecem algumas “aparições”. *Ué, o bapak [senhor em indonésio] há umas três semanas se despediu de nós e disse que não voltava?* Soldados são apresentados como parte de um corpo militar que voltaria para a Indonésia e muitas vezes se reencontram com a população. Ficam envergonhados e têm que dizer: *não, nós não saímos, fomos fazer apenas operações.*

O número de tropas no Timor continua o mesmo então?

Eu creio que sim. Mas acho que também não vai aumentar, vão manter o número.

A guerra tem sido lucrativa para a ABRI?

Sim, pode-se dizer que eles embolsam muito dinheiro. A guerra era muito lucrativa para os soldados indonésios, principalmente para a elite militar. Logo nos primeiros anos do governo de Suharto, os militares controlaram todo o café. Depois limpavam grandes áreas para plantar cana-de-açúcar e tivemos que correr com eles. Porém, se havia militares, generais que queriam que a guerra se prolongasse, havia outros que eram contra isso. Estes nos forneciam muito material.

O senhor falou de ontem. E hoje?

Hoje talvez não. Isso era antes, com Suharto. Agora eles já não

têm dinheiro. E é isso o que nós tentamos explicar aos nosso irmãos que ainda querem a autonomia: que os indonésios já não têm dinheiro para dar a eles. Há timorenses que defendiam a autonomia antes e defendem agora. Mas se antes era uma questão de interesses econômicos pessoais, agora é uma questão de estupidez – que eles dizem ser uma questão de princípios.

Organizações internacionais afirmam que o governo indonésio gastava 1 milhão de dólares por dia com as forças armadas no Timor. Isto é verdade?

Agora talvez menos. Creio que metade disso – e eu já estou sendo muito generoso com eles – era para o bolso dos militares. Já dois terços da outra metade eram para pagar os grupos paramilitares destinados a perseguir a população.

Isto supera o orçamento destinado à “parte civil” do Timor?

Evidentemente. É o que acontece em toda a Indonésia. Eles não se importam em dar o dinheiro que for necessário para controlar a população. Tem muita gente civil que trabalha para eles, que está ligada ao corpo de inteligência militar. O trabalho destes é só ouvir, indicar, entregar.

Passai um mês no Timor Leste e notei que vários setores dependem exclusivamente do capital de Jacarta. O Timor será capaz de se auto-sustentar depois da independência? Será capaz de levar a economia, a educação, a saúde sem os subsídios da Indonésia?

Nós já até partimos do pressuposto de que não vamos necessitar dos subsídios indonésios. Nos últimos 23 anos vínhamos lutando, proclamando, reivindicando nosso direito à autodeterminação. Chegou agora o momento de prepararmos a infra-estrutura, planejar, futurar a nossa pátria. E estamos reunindo esforços para isso. Vamos formar uma Comissão Nacional de Desenvolvimento para fazer levantamentos em todos estes setores. Realizaremos estudos, planos e, se tudo correr bem, até o dia 31 de dezembro isto será apresentado às Nações Unidas. Além disso, a União Europeia se pronunciou, no ano passado, afirmando que queria ajudar o Timor Leste – sem que esta ajuda passasse pelo governo indonésio. O Banco Mundial também já se prestou a isso, o próprio governo brasileiro pode dar uma ajuda, outros países idem. Por outro lado, compreendemos que com 80 milhões de pessoas esfomeadas neste momento na Indonésia, 600.000 são apenas mais um peso. Então, nós preferimos retirar um bocadinho desse fardo das costas deles.

Nós últimos meses, as ruas da Indonésia foram invadidas por milhares de estudantes protestando contra o atual governo e clamando por reformas. Ao mesmo tempo, estão desmontando em várias províncias movimentos separatistas. O governo afirma que se der a independência ao Timor, haverá um “efeito dominó” com estas províncias, levando à desintegração do país.

Creio que o erro dos indonésios foi o 7 de dezembro de 1975, o dia que eles invadiram o Timor. Depois da invasão, uma retirada pegaria mal para o governo. Contudo, o caso das outras províncias, como Aceh e Irian Jaya, é diferente. Muitos *experts* políticos afirmam que a desintegração não é o problema. O problema será a forma como o governo central vê a distribuição de poderes dentro do país e como vai ver a exploração das riquezas naturais de cada província. Antes das eleições gerais no ano passado, aconteceram muitos problemas na província de Kalimantan. Logo Kalimantan, que esteve sempre calma. Então, isto já devia indicar aos governantes indonésios que algo está errado. Por exemplo, os “transmigrantes”. Eles são habitantes de outras províncias, principalmente de Java [onde está localizada a capital, Jacarta], que chegam no local, ficam com os melhores terrenos e recebem todas as facilidades. A população nativa não tem nenhum benefício e fica sempre na mesma. Esta diferenciação de classes causa um sentimento contra o governo central.

E o que impediria o país de se transformar em um novo Balcãs?

Acho que só uma federação, como a americana, pode salvar a Indonésia. ■

Leonardo Sakamoto é jornalista.

cc:Mail for: DANIEL NUNES

Subject: En: Guerrilheiros no Timor Leste

▷ **Forwarded:** TERRA ATLEITOR 12/01/99 17:28

To: DANIEL NUNES

-----Mensagem original-----

De: Edilson Lemos <edilson@cpovo.net>

Para: terra.atleitor@email.abril.com.br <terra.atleitor@email.abril.com.br>

Cc: jorge.tarquini@email.abril.com.br <jorge.tarquini@email.abril.com.br>

Data: Sábado, 9 de Janeiro de 1999 09:40

Assunto: Guerrilheiros no Timor Leste

Aos amigos e leitores de Terra.

O que faz uma pessoa trocar o conforto do seu lar e do seu país por dias de tensão e medo num lugar distante e desconhecido? Não acredito em promoção pessoal e sim num profundo sentimento de justiça. Muitos repórteres sonham em fazer reportagens deste nível e com tamanha dificuldade, mas poucos têm coragem de fazê-la. Parabéns ao repórter Leonardo Sakamoto pela excelente e emocionante matéria sobre os guerrilheiros timorenses. Parabéns à revista "Os Caminhos da Terra" também, por ter em seu quadro de colaboradores uma pessoa como Leonardo. Um abraço a todos!

Edilson Lemos - 29 - Porto Alegre-RS

SÃO PAULO, 13 ~~de~~ JANEIRO de 1999

À REVISTA TERRA,

Tenho 15 ANOS, LEIO ESTA REVISTA desde a REPORTAGEM sobre a Escócia (MARÇO de 98), e GOSTARIA de PARABENIZAR esta REVISTA pela REPORTAGEM sobre a GUERRILHA em TIMOR LESTE.

Também GOSTARIA de SABER como FAÇO PARA SER VOLUNTÁRIO em uma ONG.

William Miranda Andrade
São Paulo, S.P.

Ricardo Haroldo Ribeiro - Advogado
OAB/SP 97.181

Atibaia, 11 de Janeiro de 1999.

Revista

Os Caminhos da Terra

Fax: 3037-4814

Ref.: "Um Brasileiro na Guerrilha do Timor" (ed. 81, Janeiro '99 - pág.32)

Amigos:

Há cerca de dois meses recebi um telefonema de "alguém" que mora em Díli (Timor Leste). Meu interlocutor, então, mencionava um contato pessoal com um certo brasileiro de passagem pelo TL. Até mesmo seu nome foi dito a mim: "Leonardo", de São Paulo. Só que a pessoa, aparentemente, não sabia que se tratava de um jornalista. Fiquei extremamente satisfeito ao perceber que o "Leonardo" referido ao telefone era justamente o repórter desta revista! Finalmente(!) algum órgão da imprensa nacional resolveu dar destaque à dramática situação do povo irmão do TL, subjugado pela ditadura indonésia desde meados dos anos 70. Uma guerra esquecida pelos brasileiros. Parabéns pela matéria. Sugiro outra matéria mostrando os aspectos culturais timorenses, especialmente sobre o uso do idioma português por lá como instrumento de resistência.

Ricardo Haroldo Ribeiro, Atibaia / SP

Terra

Cx. Postal 3050

São Paulo - SP

06220 - 990

Bernardo do Mearim (MA), Janeiro de 1999.

Prezado Senhor,

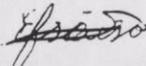
Quero parabenizá-lo pela excelente matéria que a Terra publicou na edição de Janeiro de 99 sobre os nossos irmãos do **Timor Leste**, isto me deixa muito grato em saber que a imprensa brasileira está se preocupando com a questão **timorense**.

Tendo em vista a trágica situação do povo do **Timor Leste** que após 23 anos de ocupação militar indonésia, ainda vive massacrado pela ditadura militar, e que apesar das pressões políticas e culturais por parte da Indonésia, cultivam o nosso distinto português. Parabens!!

Aproveito a mesma, para pedir-lhe uma matéria bem abrangente sobre os países que falam português, cito: Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. Todos esses países existem paisagens belíssimas que nós brasileiros pouco conhecemos.

Na certeza que serei atendido, meus votos de estima e considerações, mui

Atenciosamente,



Eliudés Ferreira de Sousa

Grupo Solidário Clamor por Timor

Cod. 516694791

cc:Mail for: DANIEL NUNES

Subject: Reportagem de Leonardo Sakatomo

▷ **Forwarded:** TERRA ATLEITOR 01/02/99 13:51

To: DANIEL NUNES

_____ Cabeçalho da Remessa _____

Assunto: Reportagem de Leonardo Sakatomo

Autor: "Dr Sergio GC Lobo SpB" <lobo@indosat.net.id> na INTERNET_GATEWAY

Data: 30/01/99 07:26

Excelentíssimo Senhor,

Os meus cordiais cumprimentos e votos de bem-estar.
Sou um timorense, agora concluindo os estudos na Java.
Através d Internet tive conhecimento de um artigo preparado
por Leonardo Sakamoto, sobre a guerrilha em Timor.

Venho por este meio pedir-lhe o obséquo de me
informar, como poderei obter uma cópia do número da
revista onde este artigo está publicado.

Subcrevo-me respeitosamente,

Sérgio GC Lobo
Jln Lemah Gempal VIIB No 8
Semarang 50245
Indonesia
Phone: + 62 24 560739
Fax: +62 24 413305

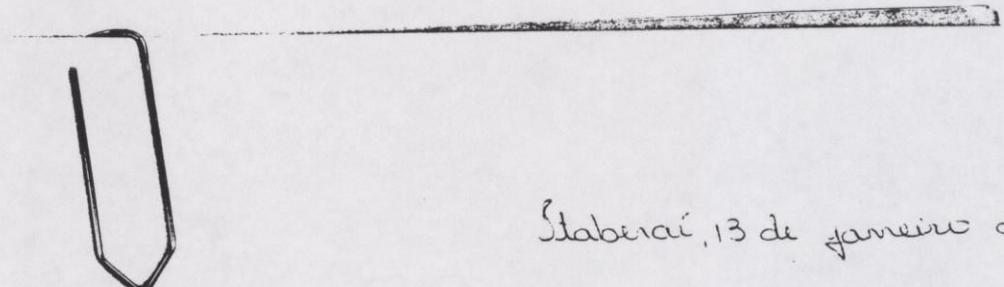
Salvador, 08 de janeiro de 1999

À Revista Terra
A/C Caixa Postal
Fax: (011) 3037-4814

Impressionante e real a matéria Um Brasileiro na Guerrilha do Timor, produzida pelo corajoso e sobrevivente Leonardo Sakamoto.

A Indonésia deve imediatamente desocupar esta região, antes que a opressão contra o povo timorense torne-se um genocídio de proporções gigantescas.

Fábio Sá Barreto Nogueira
Salvador -BA
Informações complementares contate: (071) 244-7118



Staberai, 13 de janeiro de 1999.

Em primeiro lugar, parabéns ao reporter Jefferson do Saramelo pela reportagem no mínimo curiosa.

Em segundo, gostaria de expressar o meu horror com relação ao silêncio da ONU diante daquela que pode ser classificada como uma das guerras civis mais longas e mortais da nossa era, principalmente numa época em que tanto se fala em direitos humanos.

Sigo me perguntando se os timorenses do leste não são humanos para terem direito a um prato de comida por dia, ou ainda, à liberdade e à vida? Ou será que a área disputada é pequena demais para obter uma intervenção da 'magistosa' União das Nações?

Em terceiro lugar, também escrevo para fazer uma sugestão para a comemoração dos quinquenta anos do Brasil:

Os lugares que todas as revistas no estilo da Terra mostram são aqueles que atraem ou pela se-

Em primeiro lugar, parabéns ao repórter Jéovani do Sacramento pela reportagem no mínimo curiosa.

Em segundo, gostaria de expressar o meu horror com relação ao silêncio da ONU diante daquela que pode ser classificada como uma das guerras civis mais longas e mortais da nossa era, principalmente numa época em que tanto se fala em direitos humanos.

Fico me perguntando se os timorenses do leste não são humanos para terem direito a um prato de comida por dia, ou ainda, à liberdade e à vida? Ou será que a área disputada é pequena demais para obter uma intervenção da imponente União das Nações?

Em terceiro lugar, também escrevi para fazer uma sugestão para a comemoração dos quinhentos anos do Brasil:

Os lugares que todas as revistas no estilo da Terra mostram são aqueles que atraem ou pela beleza/riqueza ou por curiosidades locais.

Minha sugestão é fazer praticamente o contrário disto: uma edição inteira dedicada ao Brasil brasileiro do interior, dos pequenos e desconhecidos lugares, sem marcas profundas da influência exterior ou do dinheiro dos turistas. Com um pouco de matéria e fotografias seriam de autoria dos leitores assinantes da Revista Terra, que deverão ser enviadas para ~~avaliação~~, para serem selecionadas e impressas.

Acredito ser esta uma boa maneira de integrar a revista aos seus leitores e vice-versa, mostrando o Brasil lupiniquim.

Janete C. Ferreira

1
Terça-feira, 24 de janeiro de 1995

Carta revista Terra.

Fiquei impressionada com a reportagem do mês de janeiro, a respeito da guerrilha do Tumor. Foi a mesma aqui inaugurada que um port presidi armar-se principalmente os porvidantes de computadores, os lunos), usava-se de amigos e familiares e até de tudo buscar a própria vida para poder ter seu por e seu país de-
vres.

Costava de paraverizar o jornalista Bernardo Sakamoto para corar a obra de documentar uma história passando por todos os níveis de uma burocracia acruato em um mundo "Tumores iram os racionais".

Toda a reportagem causou-me grande emoção. O texto e as fotos estavam excelentes. Um de meus maiores sonhos é tornar-me jornalista e esta reportagem causou-me inspiração e mais admiração pelo trabalho do repórter. É ser grande a emoção e o prestígio do repórter Sakamoto em ser o primeiro jornalista brasileiro a entrar na guerrilha do Tumor. Nossa, não é qualquer um que teria a audácia de passar com vídeos e fotos a respeito da guerrilha do Tumor pelas mãos de Deus da Indonésia. É ainda mais com um departamento do guerrilheiro Xanana Gusmão.

Agradecemos a todos que contribuíram para esta im-

publicaranti reportagem, que faz com que eu não tenha
da mais direção e este país não seja a mesma, por
sua pura verdade. É mais uma vez meus sinceros
parabéns ao seu sábio autor. Tomando a liberdade
de fazer um comentário ao mesmo, para quando eu ler a
sua reportagem não se dá com tanta preocupação quan-
to se dá a sua, mas que se aproxime de meu compatriota
de São Paulo!

P.S. gostaria de saber, possível de saber algo mais
sobre o domo, sua arquitetura e seu portu-
larão de quem já esteve e presenciou o seu trabalho
por lá.

POR
AMOR
A
TI
TIMOR
AMORDAÇADO

25/4/97

MOVIMENTO 25 DE ABRIL PELA LIBERTAÇÃO DE TIMOR-LESTE

PELA INDEPENDÊNCIA DE TIMOR LESTE

Recentemente, o noticiário internacional tem chamado a atenção para uma ocupação que já há duas décadas submete uma ex-colônia portuguesa, e o massacre de um povo cujo principal traço cultural - e a senha para o seu martírio - é a língua, a mesma que falamos. Só agora o terrível destino do povo de Timor Leste começa a ser conhecido no Brasil, e é fundamental saber as causas e, principalmente, combater as consequências desse atentado contra os princípios mais básicos da democracia e do convívio humano.

Em 1974, quando a Revolução dos Cravos restabeleceu a democracia em Portugal, as antigas colônias lusitanas se viram na iminência de conquistar a independência pela qual combatiam, contando com o apoio das novas autoridades portuguesas. Uma dessas colônias era a pequena Timor Leste, parte da ilha localizada ao sul da Indonésia, em pleno Oceano Pacífico, a 300 milhas da Austrália, com uma população de cerca de 700 mil habitantes.

Em dezembro de 1975, poucos dias depois de a FRETILIN (Frente Revolucionária para um Timor Leste Independente), um dos partidos políticos surgidos no país, ter declarado unilateralmente a sua independência, o país foi invadido pela vizinha Indonésia, que pretendia, entre outros objetivos, ter acesso direto às ricas reservas petrolíferas do Mar de Timor. As principais cidades de Timor Leste foram ocupadas pelo exército da Indonésia, com exceção do interior do país, onde se refugiaram integrantes da FRETILIN, iniciando uma guerrilha que dura até hoje.

Esse foi o início do calvário do povo timorense. Mais de 200 mil pessoas foram massacradas pelo governo indonésio, sendo freqüentes as transferências forçadas da população, além de assassinatos, desaparecimentos, torturas e prisões arbitrárias. Mulheres e crianças são alvos preferenciais, sofrendo incontáveis estupros e maus-tratos. Ao genocídio físico, junta-se o genocídio cultural, com a imposição oficial da língua indonésia e a perseguição a todos os cultos não-islâmicos.

Enquanto o povo maubere tomba sob a baioneta dos invasores, sua cultura e tradições são também esmagadas de forma implacável. Apesar das resoluções aprovadas pelo Conselho de Segurança e pela Assembléia Geral das Nações Unidas no sentido de estabelecer a autodeterminação e a independência de Timor Leste, todos os protestos têm sido inúteis, principalmente diante do silêncio, da indiferença e dos interesses políticos e econômicos da comunidade internacional.

Nesta batalha contra o governo opressor da Indonésia muitos caíram, mas o seu sacrifício inspirou o aparecimento de novos líderes. Falamos de Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, preso no dia 20 de novembro de 1992, condenado inicialmente à prisão perpétua, tendo sua pena sido comutada para 20 anos de prisão; de d. Carlos Felipe Ximenes Belo, bispo católico de Timor Leste, incansável batalhador na defesa dos direitos humanos do povo timorense; de Rosa Bonaparte (Muki) e Maria Goreti, entre outras mulheres de determinação e coragem; do professor José Ramos-Horta, que dedica sua vida à causa da independência de seu país.

A coragem, a integridade e os esforços desse dois homens, d. Ximenes e Ramos-Horta, foram finalmente reconhecidos pela comunidade internacional, quando, no ano passado, o Comitê Nobel concedeu a ambos o Prêmio Nobel da Paz de 1996.

Ao atribuir este prêmio, o Comitê denunciou aos olhos do mundo a opressão imposta pela ocupação indonésia ao povo de Timor e deu novo alento à sua luta pela libertação, mas também tem feito recrudescer a intensidade da agressão indonésia.

Por ocasião da comemoração do 23º aniversário da Revolução dos Cravos, revolução que indireta e lamentavelmente foi o estopim desta situação inaceitável, e fazendo eco à indignação internacional e à manifestação das organizações de defesa de Timor Leste nos países de língua portuguesa e no mundo, nomeadamente à Carta de Campinas, manifestamos aqui nossa irrestrita solidariedade ao povo maubere e à sua luta, e conclamamos:

1) Os governos de todas as nações a que lutem pela implementação das Resoluções da ONU sobre esta questão, particularmente as que apelam ao governo da Indonésia para retirar todas as suas forças do território e que reafirmam o direito inalienável do povo de Timor Leste à autodeterminação e independência; e a que estes governos se comprometam com a defesa dos direitos humanos e soberania de todos os povos.

2) As pessoas de boa vontade para que se unam a nós, e aos signatários da Carta de Campinas, comprometendo-se conosco a manter viva esta luta através sobretudo das seguintes ações:

- a. Aderir e propagar a campanha: Liberdade para Xanana e todos os presos políticos;
- b. Exigir do governo militar da Indonésia o cumprimento das decisões das Nações Unidas e dos acordos da IV Conferência Mundial da Mulher (Beijing 1995), constantes da Declaração Final, visando sobretudo que, em zonas de conflito, casos de violação de mulheres e crianças sejam julgados como crimes de guerra;
- c. Boicotar os produtos indonésios enquanto persistir esta situação de arbítrio e violência;
- d. Exigir de nosso governo o estabelecimento de um escritório de representação timorense no Brasil;
- e. Pedir aos governos do Brasil, Portugal e demais países de língua portuguesa que concedam ajuda financeira à frente diplomática timorense para que esta possa abrir escritórios de informação em alguns países.

São Paulo, abril de 1997

Movimento 25 de Abril pela Libertação de Timor Leste

POR
AMOR
A
TI
TIMOR
AMORDAÇADO

MOVIMENTO 25 DE ABRIL PELA LIBERTAÇÃO DE TIMOR-LESTE

ASSINAM O MANIFESTO:

ALBERTO TEIXEIRA, artista plástico
ALDO ARANTES, deputado federal
ALDO RABELO, deputado federal
ALDO LINS E SILVA, advogado
ALEXANDRE LEAL DIAS, vendedor
ALEXANDRE PEREIRA, livreiro
ALÍPIO FREIRE, jornalista
ANIBAL FERNANDES, jurista
ANTONIO CÂNDIDO, professor
ANTONIO MANUEL TEIXEIRA, livreiro
BEATRIZ ALBUQUERQUE, jornalista
BRENO ALTMAN, editor
CARLOS SEABRA, consultor informático
CAETANO ARMANDO FARAONE, médico
CARLITO MAIA, publicitário
CHICO BUARQUE, músico
DAVID COSTA LOPES, arquiteto
DULCE RAMOS, historiadora
EDMILSON COSTA, professor
ERNESTO FREIRE PICHLER, engenheiro
DAVID QUINTANS, cineasta
FÁBIO WEIENTRAUB, professor
FREI BETO, jornalista
FLORIANO DURÃO, publicista
FRED ZERO QUATRO, músico
FERNANDO LEMOS, artista plástico
HUGO MAIA, chargista
HAROLDO DE CAMPOS, escritor
ILDEFONSO OCTÁVIO SEVERINO GARCIA, engenheiro
JEFFERSON DEL RIOS, jornalista
JOSÉ SARAMAGO, escritor
JOSÉ VERDASCA, historiador
LAURA GREENHALG, professora
LUCÉLIA SANTOS, atriz
LUIS TABORDA BOTELHO, economista
LUIZA ERUNDINA, ex-prefeita de São Paulo
LULA, presidente de honra do PT
MENDES ANDRÉ, publicitário
MANUEL MOURA, engenheiro
MANUEL SOARES, metalúrgico
MARIA AUXILIADORA ALMEIDA ARANTES, professora
MARIA BONOMI, artista plástica
MARIA DO CARMO LOBO, médica
MARIO LAGO, ator
MIGUEL URBANO RODRIGUES, jornalista
MURILLO MELLO, advogado
NANCY LEONZO, historiadora
OSCAR NIEMEYER, arquiteto
PAULO MENDES DA ROCHA, arquiteto
PAULO SÉRGIO PINHEIRO, relator especial da ONU para o Burundi
RADHA ABRAMO, crítica de arte
RICARDO DA ROCHA CORRÊA, Sindicalista
RUY GUERRA, cineasta
VARELA LEAL, radialista
VICENTINHO, presidente da CUT
VICTOR ALEGRIA, editor
ZILLAH BRANCO, socióloga

POR
AMOR
A
TI
TIMOR
AMORDAÇADO

MOVIMENTO 25 DE ABRIL PELA LIBERTAÇÃO DE TIMOR-LESTE

São Paulo, 3 de Abril de 1997

Para: LUCELIA SANTOS - fax 021 493.2609

de: Alexandre Pereira

Amiga

Conforme seu pedido - contatei consigo por telefone por indicação de Frei João, informo que o Programa para as Comemorações do 25 DE ABRIL, data da Revolução dos Cravos, será este ano privilegiadamente dedicado à causa de TIMOR-LESTE, e constará de 3 intervenções: uma em nome do nosso Movimento, por um português, sobre a redemocratização de Portugal e a libertação das ex-colônias; outra por pessoa indicada pelo movimento "CLAMOR POR TIMOR", e outra ainda por professor ou aluno do Centro de Estudos Portugueses da PUCAMP (Campinas), onde se originou a "CARTA DE CAMPINAS" quando da visita ao Brasil de Ramos-Horta;

Está prevista uma curta parte musical por artistas brasileiros e a exibição de um vídeo sobre Timor-Leste;

Em espaço anexo ao salão da Casa de Portugal, em São Paulo, onde se realizará o evento, haverá uma exposição de quadros sobre Timor-Leste e outros objetos timorenses.

A sua participação, que muito apreciáramos, seria na abertura do ato com uma intervenção sobre suas experiências, posição e luta pela libertação de Timor-Leste pelo povo maubere e, se o desejar, a apresentação completa do evento;

Estamos preparando a confecção dos convites e de um cartaz. Por essa razão pedimos-lhe a gentileza de nos confirmar, tão breve quanto possível, a sua adesão a esta iniciativa. Obviamente a sua deslocação a São Paulo será de nossa responsabilidade, no que respeita a despesas com passagens e estadia;

Ficando a aguardar a sua resposta, queira receber a nossa admiração pelo seu trabalho artístico e as suas firmes posições políticas em prol de Timor-Leste, e os respeitosos cumprimentos de

Alexandre Pereira

RUA GENEVRA 165 - CEP 01316-010 SÃO PAULO SP - TEL. (011) 232 2071

Estreito das Furnas, 3950

Rua Paul Pitanga, 51

CON 90521 51 - D. d. J. J. J.

POR
AMOR
A
TI
TIMOR
AMORDAÇADO

MOVIMENTO 25 DE ABRIL PELA LIBERTAÇÃO DE TIMOR-LESTE

São Paulo, 10 de Abril de 1997

Para: Chico Buarque 021-5112243

De : Alexandre Pereira

Amigo,

Os portugueses progressistas de São Paulo realizam todos os anos a comemoração do 25 de Abril, data da Revolução dos Cravos:

Este ano, em conjunto com outros movimentos, daremos destaque à luta pela libertação de TIMOR-LESTE. Além de nós, apoiam também o ato o movimento "Clamor por Timor" (Solidariedade dos dominicanos), o centro de Estudos Portugueses da PUC de Campinas, donde se originou a "Carta de Campinas" quando da visita ao Brasil do prêmio Nobel, Ramos-Horta, o Movimento dos Sem Terra, Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, e outras instituições. Haverá uma curta sessão de intervenções e a exibição de videos sobre Timor-Leste.

Paralelamente, realizar-se-á uma exposição de quadros sobre Timor e de outros-objetos daquele país:

Muito apreciaríamos que o Amigo pudesse estar presente, emprestando o seu prestígio a esta causa como tem feito a inúmeras outras. Dada a impossibilidade de fazê-lo pedimos que nos autorize a colocar seu nome ao lado dos de Oscar Niemeyer, António Candido, Paulo Mendes da Rocha, Rui Guerra, Laura Greenhalgh, Fernando Lemos, Aldo Arantes, Haroldo Campos, Radha Abramo, e tantos outros que prestam sua solidariedade ao martirizado povo maubere:

O ato será realizado no dia 25 de Abril, às 20 horas, na Casa de Portugal, à Avenida da Liberdade, 602, em São Paulo:

Obviamente, a sua deslocação a São Paulo será de nossa responsabilidade no que respeita a despesas de viagem e estadia.

Ficamos a aguardar sua resposta. Entretanto, queira receber os nossos melhores cumprimentos e um abraço do


Alexandre Pereira



Nome

Telefone

Representação ¹

Edna A. de Araújo	287-6357	Centro de Est. Contempor.
Celia Harumi Aki	(019) 2528064	Centro de Estudos de migrações
Eduardo Castano da Silva	(019) 2536163	internacionais (CEMI)
Jose Cláudio Alves	011 6049517	Castro Alves Edit
PEDRO CLAUDIO DE OLIVEIRA	011 8958246	PLANB
Fernando Murade	895-5493	JOCNA. EXP. 550 D 7
José Dias de Lima	278-1825	C. Fooding ^{LIBERDADE}
Rebecca Pavan	801-9448	Movimento Humanista
OSÉ GOMES DA CANGALHAS	8648977	MST
ARAKEM RIBEIRO DE FAIVA	284/474	ART.
Antonio T. de Lima	864-0178	
Luís ALBERTO T. BORGES	606 0877	
Sergio Airo Rios	6041748	
Antonio Adilson de B	946 8088	
João Ribeiro de Paula	8878356	
Abílio Augusto Rodrigues da Silva	229-9109	Pastoral da mulher.
Juliana Camet	2788091	
Marivaldo Barma	437-1592	CEMI - UNICAMP
Mário Souto de Souza	(04) 2420504	Assi CEMF - Unicamp.
Luiz Elzeu Barros, RBP	273-13221441	Geografia - USF
Dr. Elza Nizida, RBP	229-9109	Fussler - CRB.
Natália Raimente	229-9109	Pastoral Mulher Marginal
Douglas Nasser da Silva	229-9109	Pastoral Carcerária.
PLÍNIO N. ALVES JR.	233-2338	Cemi - unicamp.
Pelo F. de Lima - P. au	278-5789	—————
ILDEFONSO OCTAVIO S. GARCIA	251-0489	CEMI - UNICAMP
FERNANDO CEMTS	8161945	
ESTRILY OVENBERG	8152479	
Manoel G. Soares	8152479	
Clara Chant	2156289	
ESLITA JR	8725611	Secretaria Relação Intermediária
DENIS F. SOUZA	5532871	Polemocionários de PT
	5513871	COL. SAMUEL MENEZES

Nome	Telefone	Representa
José Guilherme de Ambrósio	2514917	Sindrep
Luciano WAMBELG	8875830	AUTÔNOMO
Nivaldo Santana	8866849	Dep. Est.: Rdob
Estivânia Casuello	262.6555	
Ismael Mateus Mira	5392208	SINDFATZ/SP
CAIO BOUCINHAS	263-5424	CID
Judite Marques Innes	33411254	Part. Carcerária
Gloria M. de Souza	468.499	Flora
EDMUNDO GOMES	12743691	J. J. Guin
S L Sant' Anna	8420442	Martin Clare E
FLORA CHRISTINA BENEZ GARCIA	870.2618	UNIVERSIDADE SÃO MARCOS
Jamil Muced	8866760	Dep. Est (PC do B)
TERNANDO GOMES	2143766	OBORÉ PROJ. ESTADUAL
Luiz Luis Jones	2143766	OBORÉ Proj. Especial
Elizete Oliveira	7640.6294	"FAUFLORA"
Maria Rui	219.3225	Journalista
Henrique L. Alon	União Brasileira de Escritores	
Júlio César CARINI ZEROSO SILVA	(045) 3268022	Júlio César Carini B. Silva
Felipe Amaro Rodrigues	8668148	Redator
Paulo Elizer	1428070	Caixa Uicos
Maíra de Mello Pereira	6057851	rep. a empresa
Alexandre Augusto de Noronha	.	Faculdade de Direito da USP
Carlos de Carvalho Ferreira	2420943	Geografia-USP
Rubens Aparecido dos Santos	491.4369	Sind. Professores de Osasco
Antônio Jai G. BAIA	57813330	C.C. 21 A. S. S. S.
Gasparino Ferreira de Carvalho	956-0850	FACEP.
VAGNER A. CARDOSO	5360888	
CLAUDIO FONSECA	2279733	SINPEEM
DOUGLAS A. MANSUR	2972590	Incamera.
Ana Paula B. da Silva	5757245	UNE
ROGERIO DE CAMPOS	571.1403	
Roberto Amador	2562295	AV. Ipiranga 201
Maguel V. Negreiros	8506822	BLO

Name

Telephone

Representa²

Ribeiro d'Orléans	2588832	
Maria Luz Ortega		
Escola HENRIQUE TORRES	6041748	Lima
Alcides [unclear]	6060444	Lima
Rafael do Brasil Lere Pacheco	2770278	Adquisto
Maria da Conceição	24944024	Militer
Jose Luis de Almeida Monteiro	628028	Associação
Ugo F. de [unclear]	5245818	S.I.L.F.
Jose [unclear] do [unclear]	55137824	ZONA IV de [unclear]
Maria Teresa Magalhães	59715732	
Neli Suarez Henriques	2398032	PCB
EDUARDO FERREIRA	215-15-20	CASA DE [unclear]
Qui F. [unclear] + [unclear]	76004400	Clube Português
Luís [unclear]	4447578	Clube Português
SILVIA DO BERNARDES	545244	TRC (REF. COM [unclear])
ANTONIO MAZZEO	2323495	PCB
[unclear] [unclear]	2534730	
HUGO [unclear]	257-1619	
AYRES RIBEIRO	231-0415	
Luís MM de [unclear]	8845605	
Ugo de Melo Reis Bueno	581-5684	
Alvaro Rocha [unclear]	5572-9717	
Gabriella Contoli	8168285	elama por timor.
TITO GARCIA	952-5141	
Francisco G. R. Marcelino	55129717	[unclear]
José Augusto de O. Camargo	2571633	Sind. dos Jornalistas
HUGO LAERTE MAAS	2219240	
MARIEL		
Marcelo Daniel [unclear] Maas	221-9240	
Ana Paula Soares Maas	221-9240	
Antônio Augusto Sousa	685-1333	"Coluna"
LEDA MARIA G. LACAL RECHA CORREIA	5338521	
"Josele" Notícias	63-0176	Militar

Nome	Telefone	Representa
AGUIARDO ROCHA	011/28339	Consul Geral Cabo Verde
RAPP Kelyayan	011/2165822	
Ricardo de Rocha Correia	011 533-8521	FENAFAZ
Vera Camerotti	011 426-2205	Clamor por Timor
PAULO AUGUSTO SOARES	(011) 8426409	INSTITUTO ARROS - UNESP.
SERGIO A.P. MARTINS		
Antonio Correia de Moura		SNC/PT
He G. Mello	011-606 0538	Ass. Bras Radiodifusão Comunitária
Alta Lima		UNSP
Osvaldo de Faria	011 2075490	UNSP
Olympio Britanzer	1.10588	União Serv. Públicos
		U.S.P.
MARGARETE TENCOURT	279-7863	MOVIMENTO HUMANISTA
Elma Silveira	277-8807	MOVIMENTO HUMANISTA
FARI SOD XERRI, O.P	872.6592	CLAMOR p/ TIMOR
Olavo Pereira de Queiroz	5736044	
Franz F. Pichler	2682821	PCB - S. Paulo
Luiz J. Gallo		
Alton Lourenço	529-4557	CEUPES - C. Sociais - USP
Silvia Farias Repero	606-1848	Movimento Humanista
Leone dos Reis Farias	5496036	Mov. Humanista
MARIONALDO FERNANDES MACIEL	2350-530	DCE. PUCCAMP
Danis Rodrigo Paqueti	9738443	UEE-SP- DCE PUCCAMP
Chanchone J. Alcan	14-580905	PT - S. C. SUL
Milson Defaldi	441.4433	PT - S. C. SUL
Marcos Luiz Imbrizi	9992-9242	PT - S. C. do Sul
Alice H Masato	549-0871	MÉDICA FAMSPC
Tatiana Gil Ferro	019/4616360	DCE Puccamp.
JOJO JESUS BATISTA FILHO	219 239/975	DCE PUCCAMP
Fernando Kubo de Almeida Marques	5427849	Movimento Humanista
André Augusto Fernandes de Conceição	875-5360	CINEMA - USP
HELIO BARNABÉ	251.4338	COONAT - COOPERATIVA
Lilia Aguiar	30645948	Grupo Folclórico São João

de	Nome	Telefone	Representa ³
	ALEX ANTONES OLGA GONCALVES DE CARVALHO	654651	Grupo CLINICA PER TIMON
	Claudia Mielau Fernandes JOE PAULO SANTOS LUI	2824799 5750843	Grupo Clamer per Timon
	WAGNER DA SILVA DIAS Eliana Aparecida S. L.	493-5568 2239027	PUC - SP.
	Elisa Helena Rocha de Carvalho (Tere) Eduardo Almeida Cajias	2626511 521-3632	Clamer per Timon PT - SANTO AMARO - SP.
	Rodrigo Teixeira da Silva	55343335	
	FREDERICO SANTOS SOARES DE FREITAS	26.274.090-1	
	Ricardo Flora Anelio	525.5818	
	FRANCISCO A.F. SILVA (CHICO SILVA)	298-6234	INFOGUP - SP - BRAZIL
	Alberto Antonio Leão de Oliveira Pires Filho	(012)351-0222	-Ruanp: 298

A banda mundo livre s/a toca para o Timor

Amanhã, às 20 horas, rola na Casa de Portugal (Avenida Liberdade, 602) um ato de apoio à luta pela libertação de Timor Leste. Timor é uma pequena ilha, ex-colônia de Portugal, próxima de Bali, que está sendo ocupada pelo exército indonésio desde 1975. O Prêmio Nobel da Paz José Ramos-Horta afirma que os indonésios são responsáveis pelo extermínio de um terço da população de Timor. O ato será apresentado pela atriz Lucélia Santos. No encerramento, um show da banda mundo livre s/a. Informações com Alexandre Pereira, tel.: (011) 232-2071.



*Estado de Paulo
24/4/97*

*Assim da Faria
25/4/97* E M

EVENTO

O Movimento 25 de Abril pela Libertação de Timor realiza hoje, às 20h, um ato público que conta com a presença de Lucélia Santos, pela independência daquele país ao sul do Pacífico. O evento será na Casa de Portugal (Av. Liberdade, 602) que também comemora os 23 anos da Revolução dos Cravos portuguesa. No final do ato haverá uma apresentação do grupo mundo livre s/a.

*Estado de Paulo
25/4/97*



São Paulo tem hoje ato pró-Timor Oriental

SÃO PAULO — Será realizada hoje na Casa de Portugal, Avenida da Liberdade, 602, às 20 horas, uma manifestação pela liberdade do Timor Oriental, com a comemoração do 23º aniversário da Revolução dos Cravos, que restabeleceu a democracia em Portugal. Em 1975, depois de o Timor ter declarado sua independência de Portugal, foi invadido pela vizinha Indonésia.

**O Movimento 25 de Abril
Pela Libertação de Timor
Leste, Clamor Por Timor,
FENAFAZ, Sindicato dos
Jornalistas - SP, Centro de
Estudos Portugueses da
PUCCAMP e MST convidam
para o ato de comemoração
do 23º aniversário da
Revolução dos Cravos e de
apoio à luta pela libertação
de Timor, que realizar-se-á
no dia 25 próximo na Casa
de Portugal, à av. Liberdade,
602, São Paulo, SP, às 20h.**



**POR
AMOR
A
TI
TIMOR
AMORDAÇADO**



25 DE ABRIL

TIMOR AMORDAÇADO

25 DE ABRIL PELA LIBERTAÇÃO DE TIMOR LESTE

25/04/97

20h

**CASA DE PORTUGAL • Av. LIBERDADE, 602
(METRÔ LIBERDADE) SÃO PAULO • SP**

**MOVIMENTO 25 DE ABRIL PELA LIBERTAÇÃO DE TIMOR LESTE
CLAMOR POR TIMOR • FENAFAP - FEDERAÇÃO NACIONAL
DE SERVIDORES DO MINISTÉRIO DA FAZENDA • CENTRO
DE ESTUDOS PORTUGUESES DA PUCCAMP • SINDICATO DOS
JORNALISTAS - SP • MST - MOVIMENTO DOS SEM-TERRA**

A questão de Timor Leste

Introdução

Dando continuidade à pesquisa iniciada no semestre anterior, na qual acompanhamos a “Jornada de Campinas por Timor Leste”, neste relatório será analisado o “Ato 25 de abril por Timor Leste”. Na pesquisa realizada em São Paulo com as chapas candidatas à eleição do Conselho das Comunidades Portuguesas, ficamos sabendo da realização deste evento através de um de seus organizadores, Sr. Alexandre Pereira, membro do Clube 25 de abril, e consideramos de extrema relevância acompanhá-lo para entender melhor como, na cidade de São Paulo, a questão de Timor vem se manifestando uma vez que em Campinas já pudemos observar como tal assunto vem sendo abordado principalmente no que se refere à posição das universidades à respeito de Timor Leste.

Em relação a este tema, o presente relatório tem como objetivos:

- analisar melhor a “Jornada de Campinas” a partir de entrevista com professor Carlos Aquino que foi seu idealizador e de contatos com o Centro de Estudos Portugueses da Puccamp no qual um dos coordenadores é o próprio Aquino e sua repercussão na imprensa que será feita com base na análise de recortes de jornais organizados pelo Centro de Estudos.
- analisar o “Movimento 25 de abril pela libertação de Timor Leste” que nos fornece subsídios para entender como em São Paulo a causa timorense está relacionada a um determinado segmento da comunidade portuguesa da cidade (segmento esquerdista) e partir dos pronunciamentos podemos ter uma amostra de como o tema tem se repercutido entre brasileiros de uma forma particular através do surgimento de pequenos grupos.
- a partir destes dois eventos,⁸ bem como de um contato mais direto com o grupo Clamor por Timor, o único grupo paulista de apoio à Timor Leste, pretendo chegar à algumas conclusões (preliminares) sobre como a causa maubere vem ecoando na sociedade brasileira com a crescente emergência de pessoas e pequenos grupos interessados na causa, e através de quais argumentos estes vem construindo uma posição brasileira (porém não-oficial) em relação à Timor Leste.

1) Recapitulação sobre a história de Timor Leste

Novas informações

No relatório anterior fiz um sumário sobre Timor Leste mas julgo importante que se faça uma recapitulação sobre a sua história inclusive agora com mais detalhes pois pude recolher vários informes e boletins sobre Timor.

Timor Leste é uma pequena ilha localizada ao sul da Indonésia, foi colônia portuguesa e possuía uma população de aproximadamente 700 mil habitantes. Em 1974,

⁸ Os eventos estão expostos e analisados em ordem cronológica.

com a Revolução dos Cravos em Portugal que restabelecia a democracia naquele país, Timor Leste teve sua oportunidade de tornar-se independente uma vez que o novo regime democrático aceita conceder às colônias portuguesas o direito à auto-determinação. Neste contexto surgem três partidos políticos timorenses: a **Fretilin** (Frente Revolucionária do Timor Leste Independente) e a **UDT** (União Democrática Timorense) que são os dois partidos favoráveis à independência e um terceiro, o **Apodeti** (Associação Popular Democrática Timorense) que tem como objetivo a associação de Timor com a Indonésia sob o estatuto de província autônoma, é o partido mais fraco. A Indonésia aposta nas divergências entre as duas principais forças políticas a Fretilin e a UDT e, foi o que realmente aconteceu após uma série de lutas armadas entre estas duas forças, dirigentes da UDT acabam tomando o lado da Indonésia. E assim, em 07/12/75 a Indonésia governada por Suharto, invade Timor Leste e dá início a uma das guerras mais sangrentas do mundo de hoje. Estima-se que até hoje cerca de 200 mil pessoas já foram mortas.

Ao genocídio físico juntou-se o genocídio cultural com a imposição oficial da língua indonésia e com a perseguição a todos os cultos não-islâmicos.

O contexto internacional- A Indonésia e o Ocidente

Sem dúvida o que vem acontecendo em Timor Leste não envolve somente a Indonésia, mas outros países também têm alguma ligação (nem que seja de omissão) face à esta questão.

Uma das mais importantes ligações talvez seja a da Indonésia e EUA, por este ser um dos principais fornecedores de armas à Indonésia. Amy Goodman, jornalista americano que esteve presente em Timor Leste na ocasião do massacre de Santa Cruz, em uma palestra em 1992 sobre Timor Leste afirma: *'Os EUA abastecem mais de 50 milhões de dólares em ajuda militar e econômica à Indonésia e centenas de milhões de dólares em vendas de armamentos bélicos de forma que todas as armas que vão para a Indonésia são aprovadas pelo U.S. State Department'*. Suas afirmações nos mostram como os EUA têm sido complacentes com o que ocorre em Timor Leste e como isto dificulta uma ação mais concreta da parte da própria ONU pois face à potência dos EUA (e a sua 'aliança' com a Indonésia) fica mais difícil que efetivamente haja uma pressão internacional contra a invasão indonésia. Ele ainda completa: *"Se eles (EUA) continuarem a abastecê-los de armas e de ajuda, os EUA- nós- permaneceremos cúmplices no reino do terror contra o povo de Timor Leste"*. John Bresnan, pesquisador senior do Instituto Asiático Oriental em Columbia, também participante deste encontro se questiona sobre se realmente fará diferença se a ajuda dos EUA continuar ou não. Diz ele: *'O governo indonésio provavelmente conseguiu mais ajuda estrangeira do que o desejável nos últimos anos.(...) O que eu espero à longo prazo é um confronto entre os EUA e boa parte do Ocidente de um lado e de outro, Indonésia, China e boa parte da Ásia'*

Portanto a questão da dominação indonésia em Timor Leste abarca não só o embate entre forças indonésias e timorenses ou ainda os países de língua portuguesa (inclusive e principalmente o Brasil) que se vêem especialmente chamados para a questão timorense

devido aos laços comuns mas que deve ser vista no contexto da política internacional que envolve não só a venda de armas americanas à Indonésia mas as importantes relações comerciais que esta mantém com o resto do mundo, inclusive Brasil.

No vídeo “Morte de uma nação- a conspiração de Timor”⁹, o narrador (que é o próprio repórter) enfatiza a conivência e cumplicidade dos governos ocidentais perante o que acontece em Timor, diz ele: “ *os mesmos governos que estiveram dispostos a dar guerra a Saddam Hussein mas que não estiveram dispostos em circunstâncias quase paralelas a parar a invasão voraz que violara já todos os princípios da Carta das Nações Unidas e desafiara nada menos que 10 resoluções de sanções da ONU obrigando-o a retirar-se de Timor Leste*”. Durante este mesmo vídeo há o apelo de Ramos Horta (líder timorense) em 1975, início da invasão indonésia, no qual ele diz : “*Apelamos não só à Austrália mas a todas as forças democráticas do mundo, para que parem a violação indonésia do nosso território. É um ato criminal a que todos os países democráticos do mundo devem pôr termo imediatamente.*” Num outro vídeo “Massacre a Sangue Frio”¹⁰, Ramos Horta durante entrevista diz: “*Devo dizer o quanto as grandes potências mas sobretudo os EUA, a Grã-Bretanha, a França e, em menor grau, a Austrália, são culpadas, são co-responsáveis pela tragédia em Timor Leste desde 1975 devido à quantidade de armas que forneceram à Indonésia para ela poder continuar a guerra e pelo seu silêncio sobre a tragédia humana em Timor Leste*”

Cabe destacar ainda um acordo assinado em 1989 entre Indonésia e Austrália para explorarem em conjunto o petróleo do mar de Timor. Ou seja, este acordo atesta a conivência da Austrália com a dominação indonésia em Timor.

É evidente que o comércio e investimentos entre Indonésia e demais países ocidentais é talvez, o fator determinante da ‘não’-posição destes países em relação a Timor Leste e por esse motivo devemos estar atentos às relações internacionais e o modo através do qual esta interfere na resolução da questão de Timor. A partir dos depoimentos aqui recolhidos, fica claro como há uma omissão - justamente em virtude de interesses econômicos da parte dos países que mantém ativa relação comercial com a Indonésia - perante a dominação de Timor e como isso dificulta uma política mais ativa em relação a esta questão, uma vez que para isso exigiria-se que tais países se posicionassem contra a Indonésia o que parece que não convém economicamente. Por isso os países de língua portuguesa têm sido fortemente chamados para esta questão, inclusive por parte das lideranças timorenses que vêm na lusofonia a justificativa para um posicionamento mais

⁹ Este vídeo é um documentário produzido pelo repórter John Pilger. Contém testemunhos de timorenses sobre torturas e outras atrocidades e ainda entrevistas com autoridades como o ex-embaixador da Austrália na Indonésia ou ainda o representante da Indonésia junto a ONU. O documentário é narrado em inglês e português. O CEMI tem uma cópia deste vídeo.

¹⁰ Documentário exibido pelo programa de televisão português ‘Primeira Página’. É do mesmo formato que o vídeo anterior (Morte de uma nação) contendo testemunhos de timorenses, porém neste vídeo a questão política não é tão enfatizada, privilegiando-se os testemunhos sobre o cotidiano da guerra. O CEMI também possui uma cópia deste vídeo. Estes vídeos são uma importante fonte de informação, por serem de caráter didático, bem explicativo sobre a situação timorense no entanto as ênfases são diferentes.

operante dos países ‘irmãos, onde destacam-se Portugal e Brasil que despontam no cenário internacional como as duas maiores forças lusófonas.

*O Massacre de Santa Cruz*¹¹

Um dos momentos mais marcantes desta guerra foi o Massacre de Santa Cruz ocorrido em 12/11/91. Neste dia havia uma procissão da Igreja até o cemitério por ocasião de uma cerimônia em virtude da morte de um jovem timorense, morto por soldados indonésios, que ocorrera duas semanas antes. Este jovem, Sebastião Gomes, foi morto no interior de uma igreja católica que foi invadida pelos soldados indonésios. Neste contexto, cabe ressaltar que 90% dos timorenses são católicos e que lá a igreja católica é um foco de resistência por ser a única instituição pública legal que não está sob autoridade indonésia. Ainda em relação à igreja católica vale mencionar que o Vaticano apóia publicamente a auto-determinação timorense. Disse Padre Domingos Soares (de Timor Leste) no vídeo “Massacre a sangue frio”: “(...) *devemos defender a verdade, é por isso que a igreja tem que ter coragem para defender o seu povo e ajudar o povo a conquistar o que é de seu direito, e se for querer a independência, a igreja apóia*”. Muitos timorenses se refugiam na igreja e foi assim que Sebastião Gomes foi morto.

A cerimônia seria uma missa seguida de procissão até o cemitério de Santa Cruz. Há alguns meses estava planejada a visita de uma Delegação Parlamentar Portuguesa ao território timorense, que foi boicotada pelo governo indonésio. Entretanto, os timorenses já haviam preparado cartazes a pedir a sua autodeterminação.

Na procissão até o cemitério, juntam-se ao cortejo muitos outros timorenses: crianças de uniforme escolar, idosos com o seu traje típico timorense e aos poucos formou-se uma grande massa. Durante a procissão foram erguidas bandeiras da resistência e faixas que tinham sido preparadas para a visita portuguesa com os seguintes dizeres: “Portugal, nós somos sua responsabilidade” e “Porque os indonésios atiram em nossa igreja”. Estavam presentes diversos jornalistas (entre eles Amy Goodman) que entraram em Timor disfarçados de turistas. Queria-se aproveitar a sua presença para manifestarem de forma pacífica o desejo da auto-determinação de Timor Leste.

Quando a procissão chega ao cemitério, um caminhão com cerca de 50 soldados indonésios bloquearam a saída do cemitério e abriram fogo contra os manifestantes que estavam completamente desarmados; metralharam todos que estavam à sua frente. Jornalistas americanos são espancados e seu material de reportagem apreendido. Porém, um outro jornalista que estava presente conseguiu filmar o acontecido e esconder num dos túmulos do cemitério e a partir daí a questão de Timor Leste atingiu a mídia internacional e se tornou um marco da guerra que ocorre em Timor Leste.

Neste episódio mais de cem pessoas foram mortas na hora e levadas para valas comuns. Muitos dos feridos foram mortos a tiro ou atravessados com baionetas a caminho

¹¹ Fontes: depoimento de Amy Goodman (jornalista americano presente neste dia) proferido durante um encontro sobre Timor Leste promovido pelo Centro Camões e pelo Instituto da Ásia Oriental da Universidade de Columbia em março de 1992 e os vídeos já citados.

do hospital. Dois dias depois cerca de dez testemunhas oculares foram fuziladas e posteriormente, sete testemunhas deste fuzilamento também foram mortas entre elas uma criança de quatro anos e um bebê. De acordo com as fontes cerca de 270 pessoas foram mortas em virtude do episódio de Santa Cruz.

A Indonésia, pressionada pela opinião pública internacional, nomeia uma comissão de inquérito e anuncia a morte de apenas dezenove timorenses. A falsidade deste relatório torna-se evidente perante o testemunho dos jornalistas que presenciaram o massacre. Austrália e outros países desejosos de calar o furor internacional, exigem um relatório mais verossímil que acaba por denunciar cinquenta mortos e condenar o comportamento das tropas indonésias. Apesar das contradições governos como o da Austrália, Japão e EUA julgam o relatório suficiente para prosseguir a cooperação com a Indonésia embora exijam um esclarecimento mais completo da questão.

O Massacre de Santa Cruz representa um marco não só pela violência e arbitrariedade das tropas indonésias mas, pelo fato de ter sido filmado, atingiu a mídia internacional e chamou a atenção do mundo para o que há muito tempo vem ocorrendo em Timor. Foi a primeira vez que houve uma divulgação internacional 'intensa'. Embora as grandes potências continuem a camuflar as atrocidades indonésias (devido aos motivos 'de ordem maior' como já discutimos), o massacre despertou a ONU e outros países para o genocídio que ocorre em território timorense.

O Movimento 25 de abril pela Libertação de Timor Leste

Ficamos sabendo da realização deste ato denominado de "Por amor a ti Timor amordaçado" através de entrevista com sr. Alexandre Pereira por ele ser uma das pessoas ligadas à chapa C - Independentes pela Cidadania porém não era candidato mas foi entrevistado¹² por ser um ativo integrante do Clube 25 de abril. O evento teve lugar na Casa de Portugal de São Paulo exatamente no dia 25 de abril, de 1997.

Este clube intitulado de caráter recreativo-cultural congrega a ala 'esquerdista' da comunidade portuguesa de São Paulo e apresenta um forte cunho político. Seu próprio nome é uma alusão à Revolução dos Cravos de 25/04/74 ocorrida em Portugal que significou a instauração da democracia em oposição ao regime salazarista anterior.

Atualmente o clube está 'desativado' e a realização deste evento significaria o momento de revitalização do próprio clube e também do espírito do movimento 25 de abril. Esta Associação Cultural 25 de abril foi fundada logo após a derrocada do fascismo em Portugal e que tinha como objetivo coligar os portugueses que estavam no Brasil e que antigamente faziam parte da oposição. O movimento 25 de abril tem como premissas o anti-fascismo e o anti-colonialismo e por isso o Centro Cultural 25 de abril tomou como bandeira para a sua revitalização a questão de Timor Leste.

¹² As entrevistas com sr. Alexandre Pereira foram realizadas pelos bolsistas (FAEP) Célia Harumi Seki e Douglas Mansur da Silva.

É interessante a análise deste evento pois além do aspecto da apropriação da causa timorense por um determinado segmento da comunidade portuguesa, os discursos dos palestrantes convidados nos dão uma amostra de como tem sido a repercussão da questão timorense em vários grupos sociais uma vez que contou com a participação de artistas (Lucélia Santos, atriz e Fernando Lemos, artista plástico), do Consul geral de Portugal em São Paulo que estava ali representando Portugal e a sua posição em relação a Timor, do grupo Clamor por Timor que representa uma das formas de organização possível da sociedade civil em relação à questão. O que, de fato, quero ressaltar é que existem grupos pequenos no Brasil pró-Timor Leste e que isto está bem distante daquilo que poderíamos chamar de mobilização da sociedade civil mas tais grupos ainda que reduzidos indicam a emergência de um movimento em defesa de Timor entre os brasileiros.

Um outro aspecto que pudemos observar é que tal ato contou com a participação de uma parcela da comunidade portuguesa, notamos que os ‘conservadores’, que podem ser personificados pelos candidatos da chapa D (Portugueses do Brasil) não estavam presentes. Assim, o evento nos permite delimitar melhor as clivagens que existem no interior da população portuguesa de São Paulo pois quem levantou a bandeira de Timor foi justamente a ala esquerdista enquanto os ‘tradicionais’, os comendadores, os que se autodenominavam de ‘os mais representativos do Brasil’ praticamente se omitiram em relação à esta questão.

As palestras

Resumirei as intervenções de cada um dos convidados tentando apreender como cada um se manifesta em relação à questão timorense.

A abertura do evento ficou por conta de Lucélia Santos que se engajou no movimento quando da vinda de Ramos Horta ao Brasil, ela inclusive participou da entrega do Nobel em Oslo. A atriz enfatizou a ‘tímida posição’ do Brasil em relação à Timor Leste contrapondo-a à ‘brava posição’ de Portugal. Disse ela: “ (...) *é um desejo de todos, é muito importante que o Timor possa ser o oitavo país membro desta comunidade de língua portuguesa. E isso vai ficar muito mais viável, facilitado se o Brasil der o seu apoio explicitamente*”. A partir deste discurso nos fica claro como é importante para as pessoas engajadas neste movimento, do Brasil se posicionar frente ao mundo em prol de Timor. Conforme já analisamos através dos jornais o intuito de Ramos Horta quando visitou FHC era justamente este. Em relação à entrada de Timor na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) analisaremos com mais cuidado o próprio conteúdo da CPLP e suas implicações em relação a Timor Leste. Por hora, destaquemos que outra bandeira levantada pelo movimento pró-Timor é a sua entrada na CPLP.

Fernando Lemos, artista plástico e integrante do movimento 25 de abril, primeiramente leu uma lista de nomes de pessoas que de alguma forma colaboraram no evento entre elas: Chico Buarque, José Saramago, Luiza Erundina, Rui Guerra e outros. Lemos lembrou do 25 de abril e da revolução dos Cravos como a marca da instauração da democracia em Portugal. Disse ele em relação a isto: “ *Todos os anos nesta cidade, somos os mesmos e muitos mais outros agora a levantar o 25 de abril não mais como uma simples*

vela acesa mas como consciência de que temos que prosseguir com todas as forças para que a revolução não se acomode” . Percebe-se aí como é feita uma associação entre o significado do 25 de abril em Portugal e de como ele é usado como um motivo de luta por Timor Leste, motivo este que é apropriado pelo movimento 25 de abril de São Paulo. Ou seja, estaria sendo feito um elo direto entre a democracia em Portugal e a libertação de Timor.

O depoimento do cônsul José Barbosa Ferreira é interessante em diversos aspectos. Em primeiro lugar, ele também ressaltou a data 25/04 que segundo ele, teria significado o reencontro de Portugal com a modernidade, *'no dia de hoje não se pode pensar, num país, numa sociedade avançada, no caminho do desenvolvimento que não seja um país democrático'*. Ele liga também a conquista da democracia a um processo longo que traz imensos sacrifícios. O cônsul ressaltou que Portugal assumiu a vanguarda da defesa de Timor e isto lhe traria incompreensões da parte da sociedade internacional. E completa: “*(...) e nós portugueses esperamos que os brasileiros não desistam desta campanha por um povo que é um povo, de certa maneira irmão. Porque é um povo que fala a nossa língua e a língua é o sangue dos povos, torna os povos mais irmãos*” . A partir deste discurso emerge novamente a questão da lusofonia como para além de um elemento de união e irmandade, como algo que torna quase obrigatória a ajuda mútua entre os países lusófonos e, o argumento da lusofonia tem sido amplamente utilizado (por Ramos Horta, nos discursos anteriores proferidos neste Ato e até relembando a Jornada de Campinas em 1996 onde ela também foi ressaltada) para legitimar a pressão sobre o governo brasileiro em relação à questão.

Dulcinéia do MST (Movimento do sem-terra) também fez um pronunciamento relatando a manifestação feita pelo MST na embaixada da Indonésia e sua campanha pela libertação de Timor. Ela finaliza: “*(...) quero dizer que nós vamos continuar nesta luta porque achamos muito importante trabalhar pela luta de qualquer povo em qualquer parte do mundo*” . Sem dúvida, é muito interessante observarmos o engajamento de outro tipo de movimento social e que teria sua raiz no contexto brasileiro com o movimento pró-Timor pois aparentemente não há um vínculo direto entre as causas a não ser pelo fato de ambos tratarem da luta pela liberdade, pelos direitos de contingentes oprimidos de alguma maneira.

O pronunciamento seguinte foi de Teca seguida de Irmã Vera, ambas integrantes do grupo Clamor por Timor. Teca explicou o surgimento do grupo, suas atividades e destacou a solidariedade como o definidor do grupo, algo que já tratamos quando da abordagem mais detalhada sobre o Clamor.

Irmã Vera foi missionária em Timor Leste e a sua exposição baseou-se em sua experiência naquele país. Irmã Vera disse que se sente porta-voz do povo timorense pois timorenses lhe fizeram o pedido de que não deixasse de falar para as pessoas que encontrasse que Timor Leste existe. Irmã Vera também destacou que timorenses lhe disseram que os brasileiros eram o irmão mais velho deles. Disse a Irmã: “*Nós temos um parentesco, nós temos um laço, nós temos alguma coisa que nos une. E o elo que nos unia era justamente a nossa língua. É justamente a presença dos portugueses tanto aqui como lá.*” Novamente, vemos como a questão da língua é bastante forte, mas um elemento que

aparece neste depoimento é que os próprios timorenses consideram-se nossos irmãos, ou seja, não se trata de um discurso vindos dos grupos pró-Timor ou dos líderes da resistência mas dos timorenses 'comuns'. Numa entrevista posterior Irmã Vera contou que os timorenses conhecem nossos artistas, nossos jogadores de futebol enquanto que nós desconhecemos seu país. É interessante este dado pois, a irmandade passaria por um lado só, eles se consideram nossos irmãos mas a maioria de nós nem sabe sequer de sua existência quanto menos que eles também foram colonizados por portugueses e que sabem falar português. O relato de Irmã Vera intriga num outro sentido, por que eles afirmariam que o Brasil é seu irmão maior e não Portugal, já que tiveram um contato mais próximo com portugueses do que com brasileiros?

Após a intervenção de Irmã Vera, passou-se o taís (um típico objeto timorense, uma espécie de lenço) entre todos os presentes e o gesto de pô-lo no pescoço significa que a pessoa está se irmanando com o povo timorense. O mesmo gesto foi realizado na Jornada de Campinas em 1996.

Estes foram os pronunciamentos realizados durante o Ato 25 de Abril pela Libertação de Timor Leste e o que se pode daí concluir, por ter aparecido em praticamente todos os discursos (com exceção do de Dulcinéia-MST), é que a língua é o elemento que faz com que Timor Leste e Brasil sejam irmãos, muito embora o português seja falado por apenas 3% da população uma vez que há 32 dialetos entre os timorenses. Apesar disso o português é a língua de resistência e é proibida pela Indonésia que tenta impor tanto a sua língua como o islamismo como religião. A questão da língua, da lusofonia, é um dos pontos centrais a serem melhor investigados¹³ pois dentre estas amostras que temos provindas destes discursos e daqueles durante a Jornada de Campinas, a língua comum é o que legitima a ajuda dos países lusófonos, em especial do Brasil por ser uma potência latino-americana e ao lado de Portugal, o principal expoente da CPLP. A CPLP é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e já foi dito, inclusive num dos recortes de jornais analisados por Lucélia Santos, que é desejo expresso de Ximenes Belo e Ramos Horta que Timor Leste seja o oitavo país integrante da CPLP pois assim Timor além de ter mais visibilidade mundial usufruiria dos direitos de fazer parte de uma comunidade de interesses; digo usufruiria porque economicamente e tecnologicamente Timor nada teria a 'oferecer' a outros países. Por este motivo o próximo tópico a ser abordado será o próprio conteúdo da CPLP para que se possa delimitar melhor as posições de Brasil e Portugal dentro dela bem como entender quais seriam os 'ganhos' de Timor como um país-membro.

¹³ Possivelmente num projeto de mestrado.

2) A Jornada de Campinas por Timor Leste

Como já analisado no relatório anterior, a Jornada de Campinas foi de caráter universitário e que tinha como objetivos divulgar a causa timorense e ressaltar a importância das universidades em assumir uma posição frente a causa. Nas palestras proferidas enfatizou-se a lusofonia como um elemento de união entre Brasil e Timor e que justificaria a tomada de uma posição oficial por parte do governo brasileiro em relação à Timor Leste.

Durante entrevista, professor Aquino, que é brasileiro o que reforça a minha idéia sobre a efetiva participação de brasileiros no interior da 'comunidade portuguesa, me explicou como se deu a organização do evento e se mostrou extremamente favorável à organização de um maior número de eventos que abranjam a comunidade universitária. Conforme explicado no relatório anterior, professor Aquino foi o responsável pela realização da Jornada e foi quem trouxe para a Casa de Portugal de Campinas a questão de Timor justamente porque ele é diretor de cultura da associação.

Aquino me explicou que a jornada teve vários eixos, Campinas foi o eixo universitário. Na verdade o projeto encabeçado por Aquino e o Centro de Estudos Portugueses da Puccamp, do qual ele é um dos coordenadores, se constituía na realização de uma jornada universitária local que congregasse reitores e pró-reitores de várias universidades brasileiras e ainda a população universitária local haja visto a existência da Pucc, da Unicamp, da Unip, do Colégio Salesianos entre outros nesta região. Tal projeto já tinha contactado Ramos Horta como convidado, mas neste meio tempo lhe foi concedido o prêmio Nobel da paz e com isso o projeto teve de ser reformulado. Aquino me explicou que achou que Ramos Horta não mais compareceria à jornada universitária mas ele teria feito questão de comparecer e pediu a Aquino que coordenasse sua visita a FHC, seu encontro com Betinho e com dom Paulo e toda a parte de imprensa. Por este motivo (concessão do Nobel) a jornada ganhou dimensões maiores e, além do eixo universitário, houve um eixo político em Brasília, o eixo da mídia em São Paulo e o eixo social no Rio de Janeiro. Todas estas atividades foram coordenadas pelo Centro de Estudos; Aquino me explicou que não queria "*colocar a visita de Horta na mão de partidos brasileiros até para não transformar num ato oficial que prejudicaria muito a jornada universitária*", segundo suas próprias palavras. Ramos Horta (e também dom Belo) recebeu durante a Jornada da Puccamp, o título de "Doutor Honoris Causa".

Esta entrevista com Aquino foi relevante para a pesquisa pois através dela pudemos entender qual foi a proposta da Jornada e como a concessão do Nobel fez dela algo maior do que o planejado e isso corrobora a idéia a ser explorada num outro item deste relatório, de que sem dúvida, a concessão do prêmio a líderes timorenses foi um grande 'empurrão' sobretudo para a divulgação da causa que é considerada de extrema importância, pois a partir dela o mundo passaria a prestar mais atenção em Timor Leste e nas atrocidades que lá ocorrem.

Na entrevista percebe-se que Aquino vê como uma potência a população universitária tanto que o evento teve como intuito atingí-la. Ele disse: "*(...) agora o que*

nós queremos é trabalhar com a juventude (...) a população universitária é o alvo e isto vai tomando força”. É interessante como o articulador de toda a estadia de Ramos Horta no Brasil concebe o jovem universitário brasileiro como força a ser atingida por uma divulgação da causa e neste mesmo sentido Aquino ressalta a importância de se atingir também a mídia e segundo ele, isto é uma tarefa difícil porque a própria mídia vai perdendo interesse por este tipo de assunto.

Quanto à sua posição em relação a situação de Timor Leste, Aquino diz que o movimento que ele vem organizando não é de independência nem de subordinação de Timor à Indonésia ou a Portugal e sim pela auto-determinação de Timor e principalmente pela defesa dos direitos humanos. Cabe ressaltar que o Centro de Estudos Portugueses não se constitui num grupo pró-Timor Leste propriamente dito mas por ter organizado a jornada de Campinas, Timor continua sendo alvo de suas atenções e professor Aquino tem projetos de continuidade para a divulgação de Timor entre os universitários, sugerindo que no dia 20 de novembro de 1997 (data de primeiro aniversário da Carta de Campinas) se realize uma outra jornada universitária que poderia ser realizada na Unicamp¹⁴. Aquino ainda participará de eventos a serem realizados em universidades portuguesas como a do Porto onde se discutirá a situação timorense; além disso Aquino mantém a proposta de estabelecimento de um escritório representante de Timor no Brasil, na cidade de Campinas.

A seguir serão destacadas algumas informações sobre o Centro de Estudos Portugueses uma vez que em Campinas este tem sido a referência sobre Timor Leste e o conteúdo da Carta de Campinas.

3) O Centro de Estudos Portugueses e a Carta de Campinas

O CEP (Centro de Estudos Portugueses) faz parte do Instituto de Letras da Puccamp. Este semestre visitei o CEP para saber um pouco mais da sua formação e também para analisar o seu material sobre Timor Leste (recortes de jornais brasileiros e vários outros textos referentes a Timor Leste).

O objetivo do CEP é incentivar e desenvolver estudos de caráter literário, relacionando as literaturas brasileira, portuguesa e africana além de promover intercâmbios com outros centros congêneres e com universidades de língua portuguesa. Assim, as propostas do CEP se concentram no incentivo e promoção do cultivo das literaturas de língua portuguesa e dos estudos de assuntos relacionados com a cultura lusófona. Por este motivo é que Timor vem ganhando um espaço privilegiado no interior do CEP porque além de ser considerado um país de língua portuguesa, sua condição de dominado pela Indonésia o torna um alvo de maiores atenções. Professor Carlos Aquino foi o responsável por levar ao CEP a questão de Timor pelo fato de ele ter contato com professores da Universidade do Porto e de Coimbra que há mais tempo têm se empenhado na divulgação e na defesa de Timor Leste inclusive criando a Timornet uma rede na Internet com informações sobre

¹⁴ Aquino ainda sugere que na Unicamp pode-se alcançar o pessoal dos Palops (países africanos de língua portuguesa) pois há vários estudantes de países como Moçambique e Cabo Verde que pela sua condição de ex-colônia portuguesa e devido ao idioma também são sensibilizados para com Timor.

Timor e listas abaixo-assinados que circulam com uma espécie de corrente entre as pessoas que acessam a Timornet.

Vale destacar o esforço das universidades de Coimbra e do Porto no sentido da construção de uma rede universitária de língua portuguesa em defesa de Timor com a proposta de concessão de bolsas de estudo a alunos timorenses. Durante a Jornada de Campinas, deram suas palestras professor Antônio Barbedo da Universidade do Porto e professor Abílio Hernandes da Universidade de Coimbra. Além de participarem da Jornada estes professores deram palestras na Puccamp na área de história de modo que o contato entre o Cep e as universidades portuguesas é bastante intenso. Um fato a deixar claro, que o próprio Aquino enfatizou é que Timor é um dos assuntos dentro do centro de estudos, não é o único, mas foi através dele que a questão timorense foi divulgada regionalmente e devido a presença de Ramos Horta a Jornada de Campinas foi divulgada ao nível nacional como mostra os recortes de jornais que analisei.

O CEP mantém uma interface com a Casa de Portugal de Campinas através da pessoa de Carlos Aquino que, como já explicado é diretor de cultura da associação e coordenador do centro. O acervo literário da Casa de Portugal e sua biblioteca estão sendo organizados pelo CEP. O centro de estudos possui bastante material bibliográfico sobre a cultura lusófona, especialmente sobre Portugal (livros, revistas, jornais).

A ligação do CEP com a questão timorense nos indica que está havendo uma politização dos centros de estudos, neste caso, um centro dedicado à questão da língua e da literatura por causa da criação desta rede universitária em torno de Timor, a acabou por incorporar uma questão de cunho político dentre os seus assuntos. A questão das 'redes sociais' despontam como centrais neste trabalho, pois a partir de Timor Leste tais redes foram estabelecidas no meio universitário, dentre os brasileiros (grupo Clamor por Timor) e dentre os portugueses no Brasil (mobilização do Centro Cultural 25 de abril).

O contato com o CEP é importante pois até agora é a única entidade na região que tem manifestado apoio ao Timor e Aquino é um importante personagem deste movimento não só em Campinas mas com seus contatos em Portugal, com Ramos Horta, ele é um dos pontos-chave da emergência do movimento pró-Timor no Brasil pois como se trata de pequenos grupos (Clamor por Timor, grupos em Brasília) todos eles se conhecem e mantêm ligação e o que a meu ver, faz de Aquino uma pessoa de extrema relevância neste contexto é o fato de ele fazer parte da universidade (é pró-reitor da Puccamp) e ter este contato com as universidades portuguesas que é um dos focos de união da comunidade de língua portuguesa e também um foco de ação na defesa da liberdade em Timor Leste. Por este motivo vale a pena continuar a pesquisa com o CEP, com professor Aquino e também através da Casa de Portugal (que é a única associação portuguesa da cidade e que aparentemente tem um vínculo maior com a questão timorense) para que se possa acompanhar o desdobramento deste movimento na região de Campinas.

Através do CEP, obtive uma cópia da **Carta de Campinas**, documento assinado na Jornada de Campinas por Timor Leste pelas universidades participantes.

O documento trata resumidamente da história de Timor Leste e de seus líderes e resumirei aqui suas proclamações: 1) conclamação aos governos de todas as nações para que lutem pela implementação da resolução da ONU para a retirada de tropas indonésias de Timor e para que reafirmem o direito inalienável do povo de Timor Leste à autodeterminação e independência; 2) apelo a todas as pessoas de boa vontade para que, a) propaguem a campanha: Liberdade para Xanana Já, b) exijam do governo brasileiro o estabelecimento de um escritório de representação de Timor no Brasil, c) boicotem os produtos indonésios, d) exijam do governo indonésio o cumprimento dos acordos da IV conferência mundial da Mulher e e) peçam aos governos de Brasil, Portugal e demais países de língua portuguesa que concedam ajuda financeira à frente diplomática timorense.

Em suma, o documento além de ser uma forma de divulgação é um apelo à sociedade em geral pois ao mesmo tempo em que se destina diretamente aos governos 'de todas as nações' e em especial aos governos de Portugal, Brasil e países de língua portuguesa¹⁵, se dirige também 'às pessoas de boa vontade', as suas conclamações visam o fim da dominação de Timor pela Indonésia e o seu direito à auto-determinação. O documento ainda é importante por ser um marco no movimento pró-Timor no Brasil.

4) A repercussão da causa de Timor Leste na imprensa brasileira

Durante uma das visitas em que fiz ao Centro de Estudos Portugueses do Instituto de Letras da Puccamp, pude examinar uma série de recortes de jornais do período agosto-dezembro que faziam alusão de alguma forma à questão timorense.

Cabe ressaltar que esta seleção de reportagens foi encomendada à uma empresa especializada chamada 'Leitor Recortes' pelo próprio Centro. Notei que as reportagens provinham tanto de jornais de grande circulação nacional como Folha de São Paulo ou Correio de Brasília como de jornais mais regionais como o jornal NH de Novo Hamburgo ou A Tribuna de Santos. Por este motivo contactei a empresa para saber como era o seu método de trabalho; com quantos jornais trabalhavam, como era a seleção destes jornais, pois estas são informações importantes para que se possa avaliar qual foi a repercussão real do fato pelo Brasil. Um dos gerentes da empresa me explicou o funcionamento deste tipo de serviço: a empresa trabalha no total, com 130 jornais nacionais que incluem os jornais de todas as capitais nacionais, exceto Rio Branco (Acre) mais os jornais de cidades importantes do interior brasileiro: Franca, Ribeirão Preto, Joinville, Londrina e com mais 300 revistas (no caso do trabalho com Timor não se trabalhou com revistas).

Portanto, pode-se concluir que o material analisado representava a repercussão ao nível nacional uma vez que a amostra abrangia os principais periódicos nacionais incluindo

¹⁵ A questão da importância dos países de língua portuguesa em se posicionarem a favor de Timor é uma constante nos vários discursos tanto na Jornada de Campinas como no Ato 25 de abril (a ser analisado posteriormente) e vale notar como ela foi destacada na própria Carta de Campinas. Portanto a questão da lusofonia é central neste movimento.

aqueles mais regionais. Se fossem trabalhados somente os jornais oriundos das capitais ficaria mais difícil fazer esta afirmação pois certamente estes são os jornais maiores e trariam alguma coisa a respeito de Timor, como os jornais menores também foram consultados, isto nos permite dizer que se teve uma cobertura bastante boa em relação imprensa escrita brasileira. Porém deve-se ter em mente que estes jornais em geral abrangem uma certa camada da população, provavelmente a mais escolarizada o que indica que camadas populares que não tenham este hábito desconheçam a causa de Timor ainda que ela tenha sido amplamente divulgada através destes jornais.

Este material de imprensa era referente ao período agosto-dezembro de 1996 porém, só foram encontrados artigos alusivos à situação timorense nos meses de novembro e dezembro. O único artigo do mês de outubro datava de 27/10/96, foi publicado no Diário do Povo (Campinas) e tinha como manchete “*Prêmio Nobel da paz e líder de Timor virá ao Brasil a convite da Puccamp*”.

Farei aqui uma análise destes artigos dividindo-os em duas partes: os de novembro e os de dezembro e a partir daí poderemos chegar à algumas conclusões sobre como foi a abordagem da questão de Timor por parte da imprensa.

Durante o mês de novembro as reportagens incidiram entre os dias 19 e 23/11 por uma explicação simples: estava se noticiando a visita de Ramos Horta (Nobel da paz em 96) ao Brasil e seu encontro com FHC. No período imediatamente anterior, primeira quinzena de novembro, os artigos referiam-se a chegada de Ramos Horta: no dia 06/11/96, por exemplo O Diário de Sorocaba tinha como manchete do caderno Mundo, “*Prêmio Nobel da paz vem ao Brasil*”, no dia 15/11/96 O Diário do Povo de Teresina também trazia “*Nobel da paz está no DF na próxima semana*”. Estes dois exemplos, um do interior de SP e outro da capital do Piauí mostram como a vinda do prêmio Nobel teve repercussão em todo o Brasil.

Observando as reportagens do dia 19/11 podemos ter uma visão ainda melhor da amplitude desta visita. Citarei aqui alguns jornais e suas manchetes para que fique mais claro:

- 19/11/96- O Estado do Maranhão (da capital São Luís) ‘Nobel da Paz quer Cardoso na defesa do povo timorense’
- 19/11/96- Diário de Cuiabá - ‘Horta busca apoio do Brasil ao Timor’
- 19/11/96- Jornal de Brasília- ‘Prêmio Nobel pede apoio brasileiro para o Timor’.

Estes exemplos, e levando em consideração que o primeiro jornal (já citado) a abordar a causa de Timor, datava de 27/10/96 e que também tratava da vinda de Ramos Horta, nos mostram que a questão timorense só foi massivamente explorada pela imprensa quando da visita do Nobel da paz ao país. Um fato a ser destacado é que a grande maioria dos artigos, embora o objeto central fosse Ramos Horta, traziam algum tipo de explicação sobre a situação em Timor como por exemplo---citação---. Uma conclusão primeira que podemos chegar a partir destes dados é que de fato, a concessão do prêmio Nobel da paz a dois defensores da libertação de Timor despertou ‘o mundo’ e a imprensa em geral para o

que acontece naquele país. Foi o que aconteceu na imprensa brasileira que só começou a noticiar a questão a partir da visita de Ramos Horta ao país.

Como é sabido, o encontro de Ramos Horta com Fernando Henrique Cardoso intencionava 'cobrar' uma posição mais ativa da parte do governo brasileiro em relação à questão. E esta foi manchete de vários periódicos:

- 23/11/96- Cruzeiro do Sul (de Sorocaba, SP) "Líder do Timor Leste cobra apoio brasileiro"
- 23/11/96- O Estado do Paraná (Curitiba) "Líder cobra do governo firmeza sobre Timor"
- 23/11/96- A Crítica (Manaus, AM) "Horta cobra posição mais firme"

FHC durante o encontro teria prometido apoio à luta do povo de Timor Leste e se comprometeu a levantar a questão timorense junto a países como França, Alemanha e Inglaterra. Pelo que se tem notícia, pouca coisa foi feita neste sentido pois uma das grandes cobranças dos movimentos em prol de Timor, como o Clamor por Timor por exemplo, é para que o governo se posicione internacionalmente como defensor da autodeterminação de Timor Leste. Como nos disse Irmã Vera (integrante do grupo Clamor por Timor e que foi missionária em Timor) a tomada de uma posição em relação a Timor envolveria um boicote sobre a Indonésia, o que em termos comerciais não é atraente para a política-econômica brasileira e por este motivo nossa posição tem sido tímida. Recorda-se que esta foi uma reivindicação feita pelos palestrantes já em novembro do ano passado durante a Jornada de Campinas.

A questão de timorense só foi retomada pela imprensa quando da entrega do prêmio Nobel em Oslo em dezembro. As manchetes foram:

- 11/12/96- O Estado de SP - "Nobel da paz propõe diálogo à Indonésia"
- 11/12/96- Zero Hora(Porto Alegre) "Oslo entrega Nobel da Paz"

Deste material podemos concluir que no Brasil, realmente só se noticiou a questão devido a presença do ganhador do Nobel e neste sentido a concessão do prêmio a timorenses foi extremamente positiva pois a partir daí a situação de Timor teve mais divulgação. Estes recortes de jornais nos induz a pensar que, certamente, se o Nobel da paz não fosse concedido aos líderes de Timor e se Ramos Horta não tivesse vindo ao Brasil, o problema de Timor não teria sido tão noticiado como fora. Portanto, a imprensa brasileira teria 'coberto' não a questão timorense em si, mas a concessão do prêmio Nobel a timorenses. De qualquer modo isto exigiu que se falasse de Timor Leste.

5) O Grupo Clamor por Timor

Clamor por Timor é o grupo brasileiro mais organizado no que diz respeito à defesa de Timor Leste. Tomei conhecimento da existência do Clamor durante a Jornada de Campinas quando eles estavam presentes vendendo camisetas e outros artigos; durante a jornada Frei João Xerri, um dos membros do grupo, fez o seu pronunciamento. No ato 25

de abril por Timor Leste (analisado a seguir), Irmã Vera e Teca como representantes do grupo também deram o seu testemunho durante o evento. ¹⁶

Considero relevante fazer uma descrição do Clamor por Timor justamente porque ele é o grupo de referência quando se trata de Timor Leste no Brasil. Não é o único porque segundo uma de suas coordenadoras há outros grupos em Brasília e no sul do país que estão se formando com o mesmo intuito: divulgar a causa timorense entre os brasileiros. A minha perspectiva para o desenrolar desta pesquisa refere-se à emergência deste movimento entre os brasileiros, via pequenos grupos ou iniciativas pessoais, ou seja, como a situação timorense ecoa, de forma particular e reduzida (uma vez que se trata de grupos pequenos), na sociedade brasileira. Sendo o Clamor o grupo que congrega estas outras iniciativas, creio ser importante que se faça um levantamento sobre ele.

Em conversa com Teca e Frei João pudemos obter informações sobre a origem do grupo. Eles nos explicaram que o Clamor por Timor é um apêndice do grupo solidário São Domingos. Este grupo São Domingos é um grupo surgido entre os católicos (domenicanos) em São Paulo e que presta solidariedade segundo eles, aos pequenos. A solidariedade é feita em dois níveis; ao nível internacional há um trabalho com chiapas, África do Sul, Haiti, Cuba e Timor Leste, ao nível interno o enfoque é a luta pela terra, dando apoio ao MST e à CPT, trabalhando em regiões de conflito no sul do Pará pois lá há um grupo de domenicanos. Portanto o Clamor é um dos projetos que o grupo solidário São Domingos desenvolve e teve destaque porque começou a crescer o número de pessoas que lhes procuravam interessados na causa timorense.

Para que pudesse entender melhor a constituição e o próprio modo de agir deste grupo, escrevi para seus coordenadores para obter maiores detalhes. Assim, em relação a todos os movimentos nacionais e internacionais aos quais o grupo presta ajuda, o seu foco de ação concentra-se na divulgação das diferentes causas através de traduções, participações em eventos, ajuda na publicação de artigos. O grupo ainda facilita contatos entre grupos nacionais e os internacionais como entre o MST e os zapatistas ou grupos negros daqui e os da África do Sul.

O Clamor por Timor também é um grupo pequeno constituído de oito membros, não tem financiamento nenhum e que tem portanto como objetivo divulgar a causa de Timor Leste e apoiar a luta do povo timorense. O grupo não é uma ONG. Ele se mantém basicamente da venda de suas camisetas e adesivos (que tem um duplo papel, tanto angariam fundo quanto divulgam a causa) e da venda de vídeos como o da entrevista de Ramos Horta no programa Roda Viva; a venda é feita durante os eventos dos quais o Clamor participa e também em feiras beneficentes.

Segundo Teca, o grupo não é o representante de Timor no Brasil e um de seus objetivos é que sejam criados outros grupos em prol do Timor Leste livre e digno. Disse Teca durante o ato 25 de abril: *“Para tentar divulgar a causa o nosso grupo elaborou camisetas, possui exposição de fotos, fizemos um abaixo-assinado ao presidente solicitando*

¹⁶ Cabe destacar que frei João Xerri bem como Carlos Aquino participam, na segunda quinzena de julho, de um simpósio da Ásia Oriental sobre a causa de Timor Leste, promovida pela Universidade do Porto. Certamente eles trarão novidades sobre o andamento da causa timorense não só em Portugal mas no mundo

um posicionamento mais concreto em favor de Timor Leste que nós consideramos como nosso irmão menor e eles nos consideram o irmão-maior, e, para o irmão-maior o mínimo que a gente deve esperar é que ele faça solidariedade. Então este é o nosso objetivo prestar esta solidariedade que eles tanto esperam de nós". Ainda em relação à solidariedade Lília (coordenadora do Clamor) em resposta à uma carta diz: "*Para nós não existe uma e outra solidariedade, mas há uma só solidariedade em relação aos esquecidos, aos pequenos. Em termos de fé, o que nos move é a experiência de sermos todos filhos de Deus, por isso amamos tudo o que é de Deus: a natureza e as pessoas; vendo o sofrimento de nossos irmãos, somos levados a nos solidarizar*". A partir daí pode-se destacar dois elementos-chave embutidos na proposta do grupo: em primeiro lugar o item estruturador do grupo e que explica o seu surgimento é a questão da solidariedade, em segundo lugar a irmandade entre Brasil e Timor Leste é o outro elemento que justificaria a existência do grupo. Assim, solidariedade e lusofonia figuram como os fatores centrais que legitimam um projeto pró-Timor Leste.

O Clamor se define como anti-imperialista, considera o colonialismo nocivo em si e "de modo algum defende o colonialismo português" "tomamos cuidado para que nossas atividades em favor de Timor Leste não apareçam como saudade ou como glorificação da colonização portuguesa". Assim, a ligação com Portugal que se deu no passado via colonização agora é reinventada, tendo como base esta colonização e negando qualquer tipo de pós-colonialismo, mas pretendendo o estabelecimento de um vínculo novo baseado na ajuda e cooperação.

O Clamor por Timor organizou em 28/06/97 uma reunião com todas as pessoas interessadas em desenvolver algum projeto em relação a Timor Leste. Eu e outros dois bolsistas¹⁷ acompanhamos esta reunião por ser um bom momento para visualizar quem são as pessoas e quais os seus projetos referentes à causa timorense. Estavam presentes 27 pessoas, de maneira bem genérica, suas propostas concentram-se em divulgar a causa nas universidades (USP e Unicamp), a divulgação em escolas de primeiro e segundo graus inclusive através da elaboração de um vídeo didático sobre o assunto (haviam vários professores que participaram da reunião), divulgar Timor através de rádio (havia um locutor de rádio interessado) e atingir a mídia. Havia pessoas de todas as faixas etárias que participaram desta reunião, jovens universitários, professores, senhores aposentados. O que nos interessa é que a realização desta reunião teve como objetivo a discussão de novos projetos e a intenção do Clamor por Timor é que estes se desenvolvam independentemente (apenas com o apoio do Clamor mas que não fosse por ele coordenado). Ou seja, em virtude do crescente número de pessoas interessadas na causa timorense, o intuito é que o Clamor se descentralize e surjam outros grupos em diferentes regiões do estado de São Paulo (como Campinas, Santo André) que coordenem estes novos projetos.

Este dado nos é muito relevante pois comprova que Timor Leste vem chamando a atenção de certos segmentos; não podemos falar numa mobilização da sociedade brasileira uma vez que são apenas pequenos grupos (de duas ou três pessoas com a mesma idéia),

¹⁷ Douglas Mansur da Silva e Eduardo Caetano Silva, bolsistas Faep.

mesmo assim estes projetos indicam que a questão vêm ganhando força entre os brasileiros e se tais propostas forem levadas a cabo, futuramente, este número de pessoas será bem maior.

7) A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Julgo importante fazer menção à CPLP uma vez que está sendo bastante ressaltada pelos movimentos pró-Timor, a possível entrada de Timor Leste nesta comunidade. A minha intenção é não só explicar o conteúdo deste acordo mas tentar entender quais as 'vantagens' que ela poderia trazer para Timor. A partir de um documento oficial (cujo exemplar o CEMI possui) publicado pela Embaixada do Brasil em Lisboa em junho de 1994, destacarei os principais objetivos da CPLP.

A CPLP é constituída por sete países: Brasil, Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe. A sua base é a lusofonia, são sete países de expressão portuguesa o que significa mais de 200 milhões de pessoas falando o português o que o coloca na condição de ser a sétima língua mais falada no mundo e a terceira no Ocidente. Diz o documento: "*A idéia de uma CPLP nasce, assim, da percepção desses elementos de união, entre os quais avulta, naturalmente, o suporte do idioma comum*". Em outra passagem encontramos o seguinte: "*a percepção da língua portuguesa como vínculo histórico e patrimônio comum dos sete, resultante de uma convivência multissecular que deve ser valorizada*". Portanto a idéia de criação desta comunidade tem como princípio estruturador não só a língua portuguesa mas um passado de colonialismo português. Neste sentido a inclusão de Timor Leste seria justificável uma vez que ele também é considerado um país de expressão portuguesa que também foi colônia de Portugal.

A proposta de criação da comunidade teve como pivô o embaixador brasileiro em Portugal, José Aparecido de Oliveira. A CPLP tem duas vertentes básicas: a de concertação política, que atuaria na frente internacional através de uma ação conjunta na defesa de interesses comuns junto às principais organizações internacionais e, na frente interna haveria a criação de um parlamento dos países de língua portuguesa que implicaria num estreitamento progressivo das relações interparlamentares entre os sete. Neste âmbito a inclusão de Timor teria como efeito primeiro seu maior reconhecimento internacional e talvez este seja o principal objetivo quando se fala na possibilidade de Timor ser o oitavo membro, pois estando Timor dentro de uma comunidade de dimensão internacional, esta tomaria para si a causa timorense e exerceria pressões mais efetivas sobre os outros países. A outra vertente diz respeito à cooperação nos campos cultural, econômico, científico e técnico. Educação e cultura seriam dois campos prioritários no qual se destacaria a proposta de criação de uma Universidade dos Sete com ênfase aos cursos de extensão. No âmbito da cooperação científica encontram-se pesquisa e desenvolvimento agrícola, exploração de recursos minerais, telecomunicações e telefonia e outros. No caso é destacado o fato de a economia dos sete países estarem em diferentes patamares de desenvolvimento donde se pode concluir que Brasil e Portugal destacariam-se como as duas potências por serem os

países de maior expressão internacional dentre os sete. Os outros países se beneficiariam mais que Brasil e Portugal pois teriam 'mais a receber do que a dar' e a inclusão de Timor Leste viria no mesmo sentido já que dada guerra que Timor enfrenta, obviamente em termos técnicos e científicos ele pouco teria a contribuir.

Assim, entendo que a reivindicação da entrada de Timor na CPLP teria como propósito a divulgação da causa que conseqüentemente teria mais força no contexto internacional de modo que se a CPLP repousa seus alicerces na língua comum este já seria um motivo para a inclusão de Timor. Porém nas vertentes econômico, comercial, científica Timor não teria muito a oferecer o que poderia ser considerado desinteressante para os outros países. A meu ver o principal empecilho para a entrada de Timor como oitavo país-membro é de ordem política, pois a sua inclusão implicaria no comprometimento da CPLP junto aos órgãos internacionais em defesa da auto-determinação timorense o que acarretaria uma posição delicada destes países não só com a Indonésia mas com os outros países que a (ainda que camufladamente) compartilham da posição indonésia.

8) Conclusões

A importância da lusofonia

A questão da lusofonia vem despontando como sendo central no projeto coordenado pela professora Bela Feldman-Bianco. A sua pesquisa aponta para a política do Estado pós-colonial português em criar uma nação desterritorializada abrangendo as suas populações dispersas pelo mundo¹⁸. O projeto da CPLP engloba não só a população imigrante portuguesa que conforme já citado chega a representar quase a metade dos portugueses que vivem em Portugal, mas também engloba o Brasil e os PALOPs (países africanos de língua oficial portuguesa). Portanto trata-se de um projeto transnacional que tem como fundamento a língua portuguesa e uma história colonial comum. Porém tal passado colonial é reiventado neste novo contexto, de forma a glorificar a coragem portuguesa e a minimizar os conflitos que existiram entre ele e suas ex-colônias. Portanto inserem-se também nesta problemática questões referentes ao colonialismo e ao pós-colonialismo; quando se trata de Timor Leste percebemos como o pós-colonialismo português está sendo repensado de forma a fazer desta sua ex-colônia um país independente.

A monografia de Gustavo Adolfo P. D. Santos sobre imigrantes brasileiros em Portugal mostra como estes brasileiros defendem os seus direitos através da construção da lusofonia. Considerando-se como 'irmãos' dos portugueses, os brasileiros reivindicam seus direitos diferenciados enquanto imigrantes baseados nos seus direitos às raízes comuns.

No caso de Timor Leste, a lusofonia é usada como legitimadora de uma obrigação dos países lusófonos para com o seu 'irmão-menor' e, a entrada de Timor como o oitavo país-membro é vista como algo a ser conquistado e que representaria um grande avanço na luta pela sua libertação da dominação indonésia. O movimento pró-Timor Leste é algo mais

¹⁸ Feldman-Bianco.op. cit.

do que transnacional, o seria se só tivessem envolvidas os países lusófonos, mas é um movimento internacional justamente porque estão envolvidas questões referentes aos direitos humanos. Neste exemplo se percebe como a língua portuguesa é usada politicamente. No caso dos imigrantes portugueses a língua é tida como o elemento que promoverá a união entre elas e a manutenção de sua identidade enquanto portugueses e neste caso ela é usada no nível individual de modo que temos aí a 'dupla funcionalidade' da língua; é importante para a pessoa e é importante para a nação.

A lusofonia é assim a base para a construção de uma união entre países. Os pontos centrais desta 'comunidade imaginada' seriam a afirmação da língua comum e principalmente a (re)construção de narrativas oficiais da história colonial. Segundo Anderson¹⁹ a língua figura como "fator determinante da delimitação das comunidades imaginadas que são as nações". No caso da CPLP isto é claro pois é a partir da presença portuguesa nas 'culturas lusófonas' que se legitima a proposta de uma união entre tais comunidades. E em relação a possível integração de Timor o discurso seria o mesmo haja visto a sua condição de ex-colônia.

A questão da lusofonia é portanto de extrema relevância para que se compreenda o atual contexto internacional e em especial a situação de países 'semi-periféricos' (como é o caso de Brasil e Portugal) e dos periféricos (como é o caso dos Palops). Na atual conjuntura de formação de blocos econômicos face à crescente internacionalização da economia mundial, Brasil e Portugal embora envolvidos em processos regionais de integração econômica, um fazendo parte do Mercosul e outro da União Européia, com base em elementos de união, em especial a língua, constituíram um espaço de cooperação entre si. Com a CPLP, o Estado pós-colonial português estaria reinventando a sua histórica 'vocaçã atlântica' e o seu histórico papel de intermediário. (Feldman-Bianco, 1995 op. cit.). Intermediário entre Europa e os países atlânticos e desta modo Portugal estaria também renegociando o seu papel no interior da própria União Européia. Portanto a CPLP seria um importante apêndice do projeto de nação português na medida em que ao mesmo tempo em reconstrói os antigos espaços coloniais portugueses é uma forma de negociação da posição portuguesa na União Européia.

Enfim, a atual reinvençã da lusofonia ecoa ao nível político de um lado, ao permitir um rearranjo entre Portugal e suas ex-colônias e de outro exercendo pressã para que os países lusófonos apoiem internacionalmente Timor Leste. Dentro da linha de pesquisa coordenada por Bela Feldman-Bianco vimos que a lusofonia e o uso que se faz da lingua portuguesa é muito importante para se entender não só as posições políticas mas como estas influenciam os imigrantes tanto portugueses como brasileiros. A minha pesquisa inicial sobre as formas de organizaçã pró-Timor Leste também apontam para a questã da lusofonia de modo que podemos concluir que é essencial que se continue a analisar esta temática dada a sua relevância quando se estuda as relações que envolvam Brasil, Portugal, Palops, Timor Leste, imigrantes brasileiros, diáspora portuguesa, construçã de naçã, comunidade imaginada

¹⁹ Anderson, Benedict "*Imagined Communities*". London e New York. Ed. Verso e NLB. 1991

UNIVERSIDADE DO PORTO
UNIVERSITY OF PORTO / FACULTY OF ENGINEERING

TELEFAX -00.55.11.8536830

Nº PAGE: 1+3

DATE: 1996.01.27

PARA: ExºSr.
TO

Frel João Xerri
Clamor por Tomor

Tel:+

DE:
SENDER:
EXPEDITEUR:

Prof. A. Barbedo de Magalhães
DEMEGI-FEUP
R. Bragas - 4050 PORTO CODEX
PORTUGAL

Assunto: Conferência Internacional sobre

“ Solidariedade da Juventude Indonésia, Esperança para Timor ”

Em nome do Reitor da Universidade do Porto tenho a honra de convidar Vª Exª a participar numa Conferência Internacional sobre:

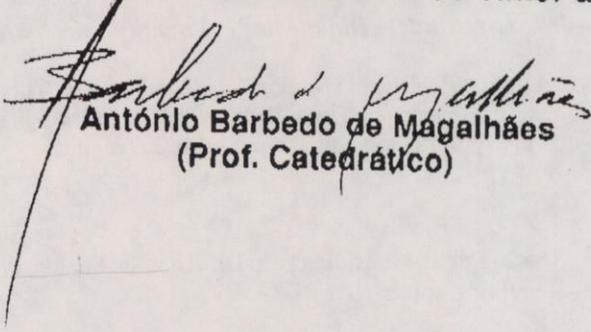
“ Solidariedade da Juventude Indonésia, Esperança para Timor ”

cujo programa provisório junto se anexa.

Ficaria muito grato se a resposta fosse positiva e pudesse ser-nos transmitida em curto prazo.

Antecipadamente grato, e com os melhores cumprimentos

O Coordenador das Jornadas de Timor da UP


António Barbedo de Magalhães
(Prof. Catedrático)

FAX:- 351 (2) 2002148

TEL.: - 351 (2) 2041710-2041756-9537348

E-MAIL barbedo@garfield.fe.up.pt

FACULDADE DE ENGENHARIA - DEMEGI - SMPT
Rua dos Bragas - 4050 PORTO CODEX - PORTUGAL



§. 1.

Universidade do Porto

Feitoria

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

“SOLIDARIEDADE DA JUVENTUDE INDONÉSIA, ESPERANÇA PARA TIMOR LESTE”

Programa Provisório Proposto

Assinalando o corajoso envolvimento de jovens indonésios na luta pelos direitos humanos e pela autodeterminação de Timor Leste, a Comissão Organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto decidiu convidar um dos jovens que participou no assalto a uma das embaixadas estrangeiras em Jakarta, em dezembro de 1995, chamado Wilson, e um conjunto de personalidades estrangeiras, dos Estados Unidos, Brasil, Egipto, Moçambique, Irlanda, Austrália e Japão, além da própria Indonésia, cuja lista provisória se anexa, para participarem numa Conferência Internacional sobre o tema acima indicado.

Para este conjunto de sessões iremos convidar também o Presidente Mário Soares e o Presidente Eleito Jorge Sampaio, bem como o Presidente da Assembleia da República, Almeida Santos, o Primeiro Ministro, António Guterres, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, e representantes de associações de estudantes timorenses e portuguesas.

As sessões terão lugar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, na Alameda da Universidade, 1600 Lisboa (Metro: Cidade Universitária), de 22 a 24 de Fevereiro de 1996.

O programa provisório que propomos é o seguinte:

22/02/96 - 5ª feira

18h00 - Sessão de Abertura

“Solidariedade das Juventudes Indonésia e Portuguesa para com Timor Leste”

- Debate com representantes da Resistência Nacional de Estudantes de Timor Leste, representantes de Associações Académicas e Núcleos por Timor de Universidades Portuguesas, e Yenny Damaianty (jovem indonésia que já experimentou a prisão por criticar o regime).

20h00 - Jantar

21h30 a 23h30 - Sessão Pública Presidida pelo Dr. Almeida Santos, Presidente da Assembleia da República, sobre

“A Situação em Timor e na Indonésia e o Contexto Internacional.”

- Intervenientes:
- *Mochtar Pakpahan*, Líder sindical, Indonésia
- *Patrick Kennedy*, Congressista, EUA
- *Max Lane*, Coordenador Executivo da Conferência de Sydney sobre Timor, em Junho de 1996, Austrália
- *Akihisa Matsuno*, Professor da Universidade de Estudos Internacionais de Osaka, Japão
- *Tom Hyland*, Coordenador do East Timor Ireland Solidarity Campaign, República da Irlanda

23/02/96 - 6ª feira

16h00 - Sessão Pública presidida pelo Dr. Mário Soares, Presidente da República, sobre

“Solidariedade da Juventude Indonésia, Esperança para Timor”

- Intervenientes:
- Presidente da República, *Dr. Mário Soares*
- *Wilson*, Líder da SPRIM-conjunto de organizações não governamentais e movimentos de massas indonésios que apoiam a autodeterminação de Timor Leste, Indonésia
- *Clairborne Pell*, Senador e ex- Presidente da Comissão de Relações Externas do Senado dos EUA

18h00 - Sessão Pública sobre

“Muçulmanos e Cristãos solidários com Timor Leste”

- Intervenientes:
- *Abdurrachman Wahid*, Líder da Nadlatul Ulama, o maior movimento socio-religioso muçulmano da Indonésia
- *Ismail Makde*, Presidente do Conselho Islâmico de Moçambique
- *Salem Amir*, Director do Legal Research Center for Human Rights do Egipto
- *Frei João Xerri*, Dominicano e líder do Clamor por Timor, de S. Paulo, Brasil
- *Bispo D. Manuel Martins*, Presidente da Pax Christi Internacional, Portugal
- *Bispo D. Januário Torgal Ferreira*, Secretário da Conferência Episcopal Portuguesa (que visita Timor em princípios de Fevereiro de 1996)
- *Bispo D. Fernando Luz Soares*, Presidente da Igreja Lusitana (comunhão Anglicana)

24/02/96 - Sábado

15h00 - Debate entre jornalistas, líderes timorenses e personalidades indonésias sobre

“A situação em Timor Leste e perspectivas para o Futuro”

Com jornalistas de:

- | | |
|-----------|----------------------|
| - RTP1 | - Diário de Notícias |
| - RTP2 | - Expresso |
| - SIC | - TSF |
| - TVI | - Antena 1 |
| - Público | - Rádio Renascença |

18h00 - Sessão Presidida pelo Dr. Jaime Gama, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, sobre

“As conversações e diálogos sobre Timor no contexto das Nações Unidas”

- Intervenientes:
- Ministro dos Negócios Estrangeiros, *Dr. Jaime Gama*
- *Professor Richard Falk*, Institute for World Affairs, Princeton University, EUA
- *Pedro Pinto Leite*, Secretário-geral do IPJET
- *Professor Sérgio Pinheiro*, Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de S. Paulo, Brasil
- *Liem Soet Liong*, refugiado indonésio na europa e Editor do Boletim Tapoi

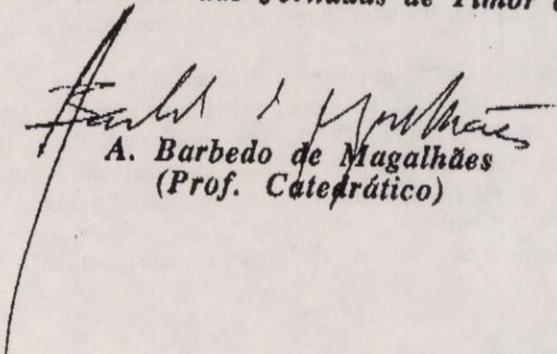
21h00 - Sessão de Encerramento presidida pelo Dr. Jorge Sampaio, Presidente da República eleito.

- Intervenientes:
- *Dr. Jorge Sampaio, Presidente da República eleito*
- *Dr. Herberto Sousa, Sociólogo do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Económicas, Brasil*
- *Membros e Representantes da Resistência Timorense*
- *Professor A. Barbedo de Magalhães, Coordenador das Jornadas de Timor da UP*

NOTA: -Trata-se apenas de um Projecto de Programa já que muitas das pessoas referidas ainda nem sequer foram formalmente convidadas

Porto, 26 de Janeiro de 1996

O Coordenador das Jornadas de Timor da UP


A. Barbedo de Magalhães
(Prof. Categrático)

UNIVERSIDADE DO PORTO
UNIVERSITY OF PORTO / FACULTY OF ENGINEERING

Fax-

Nº PAGE 1+

DATE:

Phone-

PARA:

ADRESSED TO:

Pedro Pinto Leite

ADRESSE A:

DE:

SENDER:

EXPEDITEUR:

Prof. A. Barbedo de Magalhães
DEMEGI-FEUP
R. Bragas - 4050 PORTO CODEX
PORTUGAL

Caro Pedro

A médio prazo a minha deslocação em Agosto ao Brasil, Argentina e Uruguai tem como objectivos criar condições com franco apoio das opiniões públicas e dos governos desses países à autodeterminação de Timor Leste e também à democracia da Indonésia.

A longo prazo visará uma cooperação mais íntima com o estado independente de língua portuguesa e influência cultural ibérica de Timor Leste.

No curto prazo:

a) - Preparar uma deslocação de um membro da Resistência Timorense e de um Democrata Indonésio a esses países para darem a conhecer a sua luta contra o mesmo regime ditatorial.

b) - Analisar a viabilidade de iniciativas conjuntas de Universidades ou Universitários desses países com a Universidade do Porto e outras Universidades Portuguesas em iniciativas e estudos sobre Timor (e a região); analisar a viabilidade de estudantes timorense frequentarem universidades brasileiras e eventual articulação com a criação de uma representação no Brasil da Resistência Timorense.

c) - Analisar a hipótese de acções conjuntas de parlamentares, parlamentos e governos com outros parlamentares, parlamentos e governos de outros países em relação a Timor Leste.

d) - Debater com comunidades cristãs de base e estruturas ou personalidades das Igrejas hipóteses de acções de informação e de pressão sobre as estruturas das Igrejas e das Instâncias Internacionais e seu apoio à Igreja e ao Povo de Timor Leste.

e) - Dar a conhecer o problema de Timor Leste aos mais deferentes níveis (órgãos de comunicação social, sindicatos, partidos, etc).

Gostaria de levar comigo um timorense (Zé Amorim) além do Padre Baptista (cuja viagem é paga em parte por ele e em parte pela Associação Paz e Justiça para Timor Leste) e da minha esposa (que paga a viagem dela). Dificuldades financeiras da UP determinarão que o Zé Amorim vá somente o tempo que for julgado necessário para as acções em que a sua presença seja importante. Tu poderás ver até que ponto é necessário ou não.

Prevejo partir do Porto a 3 de Agosto e regressar a 3 de Setembro, sendo os primeiros 15

dias passados no Brasil. Prevejo ir a cerca de 20 / 8 para a Argentina e Uruguai e regressar depois mais alguns poucos dias ao Brasil. Interessam contactos com universidades e universitários, parlamentares, comunidades de base, jornalistas, sindicatos, partidos políticos, governos e parlamentos estaduais, associações culturais, etc.

Junto envio as seguintes direcções :

- Frei João Xerri: Rua Atibaia 420 - Perdizes, 01235 - 010 S. Paulo - SP - Brasil
Tel.: +55.11.872 6592
Fax: + 55.11.656941 / 8536830

§
- Deputado Nilmário Miranda: Câmara dos Deputados, Anexo III, Gabinete 275
70160 900 Brasília
Brasil
Tel. + 55.61.318 5275 (w); 31. 344 4428 (h)
Fax: + 55.61.318 2275 (w)

- Paulo Sérgio Pinheiro: Núcleo de Estudos da Violência
Rua do Anfitriato, 181 - Colméia - Favo 11
Cidade Universitária
05508 900 - S. Paulo - SP - Brasil
Tel.: +55.11.818 3577
Fax: 818.3158

- Sérgio Adorno: Núcleo de Estudos da Violência (amesma direcção de Sérgio Pinheiro)
Tel.: +55.11.211 0011
Fax: +55.11.815 4272

Melhores cumprimentos,

P / A. Barbedo de Magalhães
(Prof. Catedrático)

Lundes Bossu

UNIVERSIDADE DO PORTO
UNIVERSITY OF PORTO / FACULTY OF ENGINEERING

Tax 0035.11.853680 N° PAGE 1+3 DATE: 26.06.96
Phone- . 8726592

PARA: Frei João Xerri
ADRESSED TO:
ADRESSE A:

DE: Prof. António Barbedo de Magalhães
SENDER: DEMEGI - FEUP
EXPEDITEUR: Rua dos Bragas - 4050 PORTO CODEX
PORTUGAL

Aqui NÃO os curriculums disponíveis (resumidos)
amanhã telefono.

As notícias que nos deu foram animadoras,
Obrigadíssima por tudo.

A volta do prof. Barbedo de Montevideo
está marcada para dia 28 (a confirmar)
e ficam em São Paulo até dia 30 -
junto com os rapazes; ou 2 timorenses,
ou 1 timorense e um democrata indonésio.

For te Abraço

Luisa Rodenas.

FAX:- 351 (2) 2002148 TEL.: - 351 (2) 2041710-2041756-9537348 E-MAIL barbedo@garfield.fe.up.pt

FACULDADE DE ENGENHARIA - DEMEGI - SMPT
Rua dos Bragas - 4050 PORTO CODEX - PORTUGAL

CURRICULUM VITÆ

IDENTIFICAÇÃO:

Nome: ANTÓNIO PINTO BARBEDO DE MAGALHÃES (Professor António Barbedo)

Data de Nascimento: 25/02/1943

Naturalidade: HORTA - AÇORES - PORTUGAL

Morada: Tv. Ferreira, 96 - 6º Esqº

Código Postal: 4200 PORTO

Telefone: 351 - 2 - 522354

Direcções para contacto:

DEMEGI - FEUP

Rua dos Bragas 4099 Porto Codex

Telefone: 351 - 2 - 2041710 / 2041756 / 9537348

Fax: 351 - 2 - 2002148

e.mail: barbedo @ garfield.fe.up.pt

1. HABILITAÇÕES LITERÁRIAS:

- Licenciado em Engenharia Mecânica - FEUP - 1968, c/ 17 valores
- Docteur ès Sciences - 1973, R.U. GENT - BÉLGICA - Máxima Distinção
- Doutor em Engenharia Mecânica - (1973, FEUP)
- Agregado - (1989, FEUP)

2. HABILITAÇÕES PROFISSIONAIS:

- Engenheiro Mecânico - Fundação e Novas Tecnologias

3. ACTIVIDADES PROFISSIONAIS (Situação Profissional, Categoria, Funções):

- Professor Catedrático do Dept. Engª Mecânica e Gestão Industrial da FEUP
- Professor de Ciências dos Materiais, Metalurgia e Seminário de Materiais e Processos Tecnológicos
- Director Geral do CETECOFF - Fundação e Novas Tecnologias

4. CONFERÊNCIAS, SEMINÁRIOS E MISSÕES RELACIONADAS COM TIMOR LESTE

Foi o organizador e coordenador de seis Jornadas de Timor da Universidade do Porto.

- 1ªs Jornadas Setembro de 1989: - *História e Cultura dos Timorenses.*
- 2ªs Jornadas Abril - Maio de 1990: *Timor Leste, Terra de Esperança.*
- 3ªs Jornadas Maio de 1991: *Timor Leste, Portugal e a Comunidade Internacional.*
- 4ªs Jornadas Abril de 1992: *Timor Leste, Preparar o Futuro.*
- 5ªs Jornadas Julho de 1993: *Timor Leste e a Indonésia: Caminhos para a Liberdade, a Autodeterminação e a Democracia.*
- 6ªs Jornadas Outubro de 1994 a Março de 1995: *Timor Leste, Uma Responsabilidade Internacional.*

Participou na organização de numerosas conferências e debates sobre Timor, desde 1981, quer em Portugal quer na Alemanha, na Austrália e em Espanha.

Participou na Missão Paz em Timor, em Março de 1992 (na sequência do Massacre de Santa Cruz).

Em Fevereiro de 1996 organizou em Lisboa uma Conferência Internacional sob o lema: "Solidariedade da Juventude Indonésia, Esperança para Timor Leste".

5. **INDONÉSIA E TIMOR LESTE**

Organizou três cursos:

- 1º Curso de Verão sobre a Indonésia e Timor Leste - julho de 1993, com professores dos E.U.A., Japão, Alemanha, Reino Unido, Indonésia e Portugal.
- 2º Curso de Introdução à Indonésia e Timor Leste - Outubro de 1994 a Março de 1995, - Leccionou a maior parte do curso. Uma pequena parte inicial e outra final do curso foram dadas por especialistas indonésios, americanos japoneses, ingleses e timorenses.
- 3º Curso de Introdução à Indonésia e Timor Leste - Janeiro de 1996 até Maio de 1996, - Lecciona integralmente este curso, dado a pedido de alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Universidade Católica, além de outras pessoas. O Curso está a ser leccionado na Universidade Católica - Secção Regional do Porto.

6. **LIVROS PUBLICADOS SOBRE TIMOR**

- 1 - Timor Leste, Mensagem aos Vivos (1983)
- 2 - Timor Leste, Ocupação Indonésia e Genocídio (1992)
(com traduções em inglês, francês e bahasa indonésio)
- 3 - Timor Leste, Terra de Esperança (1992)
(com tradução em francês e inglês)
- 4 - The East Timor Issue and the Symposia of Oporto University (1995)

Porto, 18 de Março de 1996

António Luís - Saúde e projectivos

•PADRE JOSÉ LOPES BATISTA•

•É sacerdote há 23 anos e pároco da Igreja Nossa Senhora da Ajuda (Igreja da Pasteleira), há 20 anos. A Igreja da Pasteleira tem uma acção essencialmente social, na qual se dá apoio a menores, jovens e famílias; promove eventos de integração na sociedade.

•Presidente da Direção do Centro Social da Igreja da Pasteleira

•Co-responsável Diocesano do Cursílio da Cristandade;

•Recentemente está empenhado na criação de estruturas na Prevenção e Combate à Droga

•Catequese para deficientes

•Editor e distribuidor do Boletim Periódico do Grupo Paz e Justiça para Timor Leste (PJTL);

•Está actualmente a terminar um Mestrado em Teologia, na Universidade Católica, no Porto.

•JUDITE BARBEDO•

(Judite Ventura Conceição Monteiro Barbedo de Magalhães)

- É professora de Matemática em Portugal.
- Actualmente a cursar Mestrado em Matemática com especialização no ensino
- Em Timor participou do plano de Reestruturação do Ensino. Nesta equipe participavam também 1 psicólogo e 1 professora do ensino primário, ambos timorenses. Nesta fase apresentou um plano de reestruturação do ensino, na altura em que este plano ia entrar em vigor, deu-se a Invasão de Timor por parte da Indonésia.
- É membro do CDPM (Comissão para os Direitos do Povo Maubere), primeira Organização Portuguesa a preocupar-se com a questão de Timor, exercendo pressões junto do Governo e da Comunicação Social. Esta Organização já esteve presente nas Nações Unidas e em Genebra. Localmente, realizam sessões de informação junto das escolas sobre a questão da auto determinação de Timor Leste
- Dá apoio aos jovens Timorenses que actualmente se encontram no Porto a estudar. Ajuda-os na sua intergração na sociedade portuguesa, e no seu bem estar pessoal.

591-96

UNIVERSIDADE DO PORTO
UNIVERSITY OF PORTO / FACULTY OF ENGINEERING

Fax - 00-55-11-2119563

Nº PAGE 1+ 1

DATE: 16.07.96

Phone - 00-55-11-2129421

PARA: **Exm^a Senhor Professor Umberto G. Cordani**
ADRESSED TO: Director do Instituto de Estudos Avançados
ADRESSE A: Universidade de S. Paulo

c/conhecimento a Frei João Xavi

DE: **Prof. A. Barbedo de Magalhães**
SENDER: **DEMEGI-FEUP**
EXPEDITEUR: R. Bragas - 4050 PORTO CODEX
PORTUGAL

MESSAGE:

Prezado Professor Umberto Cordani:

Recebi o seu fax de 12 de Julho, com o seu convite oficial para proferir uma conferência no Instituto de Estudos Avançados, no dia 19 de Agosto de 1996 às 9h30, que muito agradeço, e que aceito com muita honra e gosto.

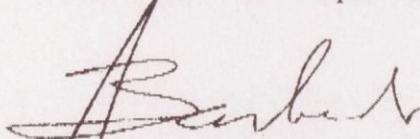
Junto envio os tópicos que sugiro para a referida conferência, sobre os quais gostaria de ter o seu comentário. Caso concorde com esses tópicos, poderá divulgá-los pelas formas que julgar mais convenientes.

Aproveito para informar de que comigo viajará também o Representante, em Portugal, da Resistência Timorense, Dr. Roque Rodrigues, licenciado em Psicologia, o Dr. Roque Rodrigues é um brilhante orador. Se o julgar oportuno ele poderá falar da Resistência Timorense e das suas expectativas quanto ao futuro.

Fico a aguardar os seus comentários e renovo os meus agradecimentos.

Na expectativa de ter o prazer de o conhecer em breve, me subscrevo,

Com os melhores cumprimentos



António Barbedo de Magalhães
Professor Catedrático

FAX:- 351 (2) 2002148

TEL.: - 351 (2) 2041710-2041756-9537348

E-MAIL barbedo@garfield.fe.up.pt

FACULDADE DE ENGENHARIA - DEMEGI - SMPT

Rua dos Bragas - 4099 PORTO CODEX - PORTUGAL

TIMOR LESTE, UMA RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL

- Porquê tanto silêncio internacional enquanto morre mais de um terço da população de Timor Leste?
- A ocupação indonésia e os interesses da Austrália, dos Estados Unidos da América, do Reino Unido, do Vaticano, do Japão e outras potências.
- Portugal, uma potência colonial que não soube descolonizar.
- As resoluções das Nações Unidas a condenar a invasão e a sua inoperância.
- Timor Leste e o Kuwait: - dois pesos e duas medidas ... até quando?

António Barbedo de Magalhães

Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto
Organizador da Conferência Internacional sobre

Timor Leste, seu Futuro na Asia-Pacífico

em colaboração com três universidades australianas, em Sydney,
de 21 a 27 de Junho de 1996, com a participação de numerosos timorenses e indonésios
Autor de quatro livros sobre Timor Leste



Sekretariat : Jl. Kayu-Ramin No. 32 Utan Kayu Utara Jakarta Timur 13120 Telp. 85833084-
Bank : BNI 46 Cabang Matraman No. Tab. 78012575.6. Fax (021) 46334668

4758485

The Jakarta Post

March 13, 1996 →

To
Prof. Antonio Barbedo de Magalhães
fax 351-2-2002148

Jakarta, March 18, 96

Dear brother Barbedo,

1. Last Wednesday I made a hearing with FPP (muslim faction in parliament). I informed them what I saw and what I said when I was in Portugal. I suggest them to insist government to give referendum for East Timor people. But the faction doesn't agree with me.

2. I have a friend in Car... (...)

On your kindly hospitality nosvuu... I do hope your effort of were here I say thank you very much. I do hope your effort of helping East Timor people could bring happy ending for them.

Sincerely yours,

Muchtar Pakpahan

PPP legislators reject referendum call in East Timor

JAKARTA (JP): The 20-year dispute over East Timor will only be solved by referendum, a constitutional law expert told members of the United Development Party (PPP) faction at the House of Representatives yesterday.

Muchtar Pakpahan, who is also chief of the banned Indonesian Prosperous Labor Union (SPSI), told the legislators that there is no need for Indonesia to maintain East Timor's integration as long as disputes continue to cause economic and political problems for the country.

Since much money has been poured into the province, and given that many countries still do not recognize Indonesia's sovereignty over East Timor, Indonesia must take the brave step of ending the dispute by holding a referendum, he said.

The 20-year problem will go on unless there is a democratically held referendum to decide whether East Timor should be integrated or free from Indonesia, Pakpahan told the four members of the faction.

The four legislators told Pakpahan that a referendum is not relevant to solving the problem and that the same economic and political problems found in East Timor are also found in other parts of Indonesia, such as Irian Jaya.

"Holding a referendum will inflict a loss on Indonesia, strategically and politically," said Jusuf Syahrir, one of the legislators. The House of Representatives, he reminded, was involved in finalizing the integration process.

Referendum is also one of the chief demands of Portugal in its negotiations through the United Nations to resolve East Timor's international status.

The Indonesian government has rejected the proposal. It says that a referendum was held in 1976 when several East Timorese tribal leaders, representing the majority of East Timorese, pronounced their desire to integrate with Indonesia.

According to Pakpahan, a referendum would be consistent with the country's basic ideology which includes freedom, peace and social justice.

Pakpahan also reported on the Youth Solidarity Group of East Timor conference in Lisbon, Portugal, which he attended on Feb. 22-24.

The 400 participants were mostly East Timorese living in Portugal, including those who had just arrived from Indonesia.

There were also legislators and activists from non-governmental organizations and human rights groups from various countries.

The conference decided to proceed with the efforts to put the East Timor issue on the UN's agenda, Pakpahan said.

Similar meetings are being planned for Australia, the United States, Ireland, Sweden, Malaysia and Britain this year, he said.

Pakpahan told the legislators that the message he got from the meeting was that most of the East Timorese in Portugal are not anti-government.

"They said they could not stand the military's cruelty towards the East Timorese people," he said. (03)

PPP legislators reject referendum call in East Timor

JAKARTA Post (JP): The 20 year dispute over East Timor will only be solved by Referendum, a constitutional law expert told members of the United Development Party (PPP) faction at the House of Representatives yesterday.

“Muchtar Pakpahan, who is also a chief of the banned Indonesian Prosperous Labor Union (SBSI), told the legislators that there is no need for Indonesia to maintain East Timor's integration as long as disputes continue to cause economical and political problems for the country.”(...)

“The 20-year problem will go on unless there is a democratically held Referendum to decide whether East Timor should be integrated, or free from Indonesia, Pakpahan told the four members of the faction.”

“The four legislators told Pakpahan that a Referendum is not relevant to solving the problem and that the same economical and political problems found in East Timor are also found in other parts of Indonesia such as Irian Jaya.”

“Holding a Referendum will inflict a loss in Indonesia, strategically and politically, said Jusuf Syakir, one of the legislators (...)

“According to Pakpahan, a Referendum would be consistent with the Country's basic ideology which includes freedom, peace and social justice.”

“Pakpahan also reported on the Youth Solidarity Group of East Timor conference in Lisbon, Portugal, which he attended on Feb. 22-24.”

“The 400 participants were mostly East Timorese living in Portugal, including those who had just arrived from Indonesia.”

“There were also legislators and activists from non-governmental organizations and human rights groups from various countries.”

“The Conference decided to proceed with the efforts to put the East Timor issue on the UN's agenda, Pakpahan said.”

“Similar meetings are being planned for Australia, the United States, Ireland, Sweden, Malaysia and Britain this year, he said.”

“Pakpahan told the legislators that the message he got from the meeting was that most of the East Timorese in Portugal are not anti-government.”

“They said they could not stand the military's cruelty towards the East Timorese People” he said.(03).”

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374, térreo, 05508-900,
 São Paulo, SP, Brasil. Telefones: (0055-11) 818-3919 e 818-4442.

Para/To: Frei João Xerri	Fax: 853-6830
Assunto/Subject: Cópia carta-convide/Prof. Antonio Barbedo de Magalhães	
De/From: Marina Camargo Costa - Cátedra Unesco	Fax: (0055-11) 211-9563.
Data/Date: 16-07-96	Nº de páginas, inclusive esta/Nº of pages, including this:.....



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

São Paulo, 12 de julho de 1996.

Ilmo.Sr.
 Prof.Dr.Antonio Barbedo de Magalhães
 Faculdade de Engenharia - DEMEGI
 Universidade do Porto
 Porto - Portugal

Telefax: (351-2) 200-2148

Prezado Professor Barbedo de Magalhães

Pelo presente, temos a grata satisfação de oficialmente convidá-lo para proferir conferência neste Instituto de Estudos Avançados, dentro da temática do Timor Leste, cujo título seria *"Timor Leste, Uma Responsabilidade Internacional"*, no dia 19 de agosto próximo às 9:30h..

Contando com sua aceitação, servimo-nos da oportunidade para solicitar que nos encaminhe, o quanto antes, por fax, um resumo do teor da conferência para que possamos iniciar a divulgação do evento.

Antecipamos nossos agradecimentos e subscrevemo-nos

Atenciosamente,

Umberto G. Cordani
 Diretor

Princeton University

Center of International Studies

Bendheim Hall

Princeton, New Jersey 08544-1022

Tel: (609) 258-4851

FAX: (609) 258-3988

RICHARD FALK

*Albert G. Milbank Professor of
International Law and Practice*

Tel: (609) 258-4864

e-mail: rfalk@wvs.princeton.edu

February 26, 1996

Professor António Barbedo de Magalhães
Faculty of Engineering
University of Porto
Rua dos Bragas
4050 Porto Codex, PORTUGAL

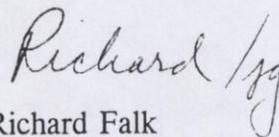
Dear António:

I am so glad that I came to Portugal and had the opportunity to participate in the conference on East Timor. Your efforts on this issue are of great international significance, and hopefully will bear fruit before long for the people of East Timor who have had to endure so much for so long. I admire particularly the strength and depth of your convictions, and the humility of tone and deference of spirit that you adopt. Again, my thanks for encouraging my participation, and doing so much to make it valuable and enjoyable by adding the day in Coimbra.

I am sending a piece of mine that is not yet published, but deals with developing trends relating to the right of self-determination.

My warmest greetings.

In solidarity,



Richard Falk

RF:jg

Enc.

Liem Soei Liong
TAPOL, Indonesia Human Rights Campaign
Binnenkadijk 267
1018 ZG Amsterdam, the Netherlands
Tel/Fax (020) 620 4464, email: sliem@antenna.nl

To: Prof. Antonio Barbedo Magelhaes
Oporto University, convenor the East Timor conferences

Amsterdam 1 March 1996

Dear Professor,

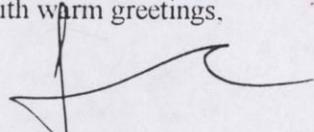
I want to congratulate you in your endless efforts to promote the East Timor cause over the years. You and many others in Portugal probably don't realise how important the East Timor conferences, organised by your university, have been for the international community but in particular for the Indonesian pro-democracy movement.

Your conferences has brought representatives from all parts of the world together. It is not only the sense of being part of an international network of solidarity with the people of East Timor, which is also very important, but evenmore the many new initiatives that are developed in the time we all assemble either in Lisbon or Oporto. Many international initiatives on East Timor originate from the East Timor conferences of the Oporto University. The opportunity of being together inspires us all and brings out all kinds of new ideas.

At least as important is the opportunity given by your university for Indonesians to participate in the conferences. I have seen the gradual change of attitude from the Indonesians attending the conferences. A few years ago the Indonesian participants had to use different names to protect their real identity, nowadays they appear in the open. The opportunity for Indonesian democrats to exchange thoughts with Timorese, the international community and the Portuguese public is really invaluable. The Indonesians go back home with the feeling of being part of an international network and strenghtened in the political convictions about the just demands of the East Timorese.

With the gradual disappearance of the two main issues Apartheid and Palestine from the international arena, the East Timor issue has gained much more prominence. If we combine this with the swift changes in Indonesia itself where Indonesian legitimacy over East Timor is increasingly being questioned by Indonesians themselves, I believe we are proceeding in the right way. Political initiatives are needed and international conferences like the Oporto University are the right approach. I want to thank you for your contribution to assist the Indonesian pro-democracy movement in understanding the East Timor issue to the full.

With warm greetings,



Liem Soei Liong
Editor, TAPOL Bulletin



Universidade do Porto

Reitoria

S. R.

To the Guest-Participant of the
INTERNATIONAL CONFERENCE

**"INDONESIAN YOUTH SOLIDARITY,
HOPE FOR EAST TIMOR"**

Dear Participant,

The Organizing Committee of the Symposia on East Timor welcomes you to Portugal to participate in the Conference on East Timor organized by the Presidency of Oporto University.

We thank you for your commitment in the East Timor issue and hope that this conference and the solidarity work that yourself and other people in your country undertake - eventually in cooperation with us and with other participants - will be a strong contribution to alleviate the suffering of the East Timorese and lead to its Self Determination.

For the reimbursement of the expenses you have had with your trip fare, we ask you to, please, address to the secretariat (Amilcar Dias or Ligia de Jesus) the soonest possible with your ticket and passport. In Portugal banks close on Saturday, therefore, we advise you to take this into account and solve all financial problems before hand.

During your stay in Portugal you are at the charge of Oporto University, this includes lodging and breakfast. Because our funds are very limited, we will ask you to, please, pay your phone calls, bar expenses and other extraordinary expenses in the hotel.

Most of the meals are included in the program. You can take, the remaining meals, at your charge or, if necessary, ask the secretariat to provide you with a minimum of pocket money necessary to take them in any simple restaurant.

We would like to have debates in the sessions of the 23rd and 24th of February. To prepare those sessions we invite you to participate in an informal meeting in the one of the meeting rooms of the **Hotel Lutecia on Friday the 23rd, at 9h30.**

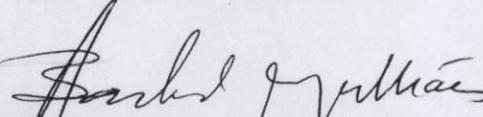
Oporto university is also preparing, together with three Australian universities, an International Conference in Sydney, to take place in June, 21st to 27th, 1996. In order to prepare this Conference and an eventual trip of Timorese and Indonesian democrats through the United States and other countries, we would like to invite those who feel concerned with these initiatives, to participate in an informal meeting to take place at **15h30 of Friday the 23th in Espaço Timor, R. de S. Bento 182, Lisboa,** just a few meters away from the Parliament.

All the members of the secretariat are volunteers or part-time working students. You can always ask for their help when necessary, until Sunday the 25th at 11 o'clock. After that, there will be no one from the Secretariat in the Hotel Lutecia. We hope that, in the meanwhile, those staying in Lisbon for some more days will already know a minimum about Lisbon,, enough to help themselves and spend a pleasant time.

With our best wishes for your stay and solidarity work, we remain

Sincerely yours

*O Coordenador das
Jornadas de Timor da UP*


A. Barbedo de Magalhães
(Prof. Catédrico)



S. R.

Universidade do Porto

Reitoria

INTERNATIONAL
CONFERENCE

INDONESIAN YOUTH SOLIDARITY,
HOPE FOR EAST TIMOR.

REPORT

Marking the brave involvement of some young Indonesians in the struggle for human rights and self determination for East Timor, the Organising Committee of the Symposia on Timor of Oporto University invited one of the young Indonesians who participated in the initiative of demonstrating in some foreign Embassies in Jakarta, in December 1995, Wilson, and a series of foreign personalities, coming from Australia, Brazil, Canada, Colombia, Egipt, Indonesia, Ireland, Japan, Malasia, Mozambique, Philipinnes, Sweden, United Kingdom and United States, to participate in this Conference.

For this set of sessions, the Commission has also invited the President of the Parliament, Mr. Almeida Santos, the Portuguese Prime Minister, Mr. António Guterres, the Foreign Affairs Minister, Mr. Jaime Gama, the President of the Ad-Hoc Committee on Timor of the Portuguese Parliament, Mr. Nuno Abecassis, representatives of Timorese and Portuguese Students Associations, and obviously, leaders and representatives of the Timorese Resistance.

The Conference took place in Lisbon, from 22 to 24 February 1996 in the Faculty of Psicologia and Educational Sciences of the University of Lisbon

1- Participation of Muslim and Christian Religious Leaders.

One of the novelties of this Conference, if compared to the previous Symposia on Timor of the Oporto University, was the presence of Muslim leaders, who participated, along with a Catholic and a Protestant Bishop , in a highly significant and interesting session, on,

"Muslims and Christians in Solidarity with East Timor"

The idea behind the invitation of Muslim and Christian leaders was to make it very clear that there is no such thing as a religious war in East

Timor, in despite of the several attempts and the abusive provocation some political and military leaders undertook in the past to provoke one in order to mask the political-military character and the illegal nature of the occupation.

Another objective was to break through the silence that, during all these years, so many proeminent religious leaders have favoured, and to confront the deepest values of the principal universal Religions with the practice, of ignoring or supporting the policy of annexation of the Indonesian Government, adopted by the diplomacy of the Vatican, the Protestant Church in Indonesia, and by the Islamic and predominantly Muslim countries.

The spirit of inter-religious co-operation in the defense of the human and people's rights, and in the defense of the Timorese rights in particular, was clearly expressed in the Conference.

These participations also meant an important and significant step towards the development of a co-operation network based on the fundamental values of the different religions, which we consider to be fundamental not only for justice and peace in East Timor but in the whole World.

Curiously, the Conference coincided with the closure of the most significant Muslim Festivity, the "Ramadam" which prevented some of the invited Muslim leaders to come to Portugal on the set up date for the Conference. This fact makes it more relevant the presence of two Muslim leaders who came from Mozambique, the Member of Parliament, Mr. Hassan Ismail Makda, President of the Islamic Congress, and Sheikh Aminnudin Muhama, Vice-Secretary of the Islamic Council in this country.

The importance of D. Januario Torgal Ferreira's testimony, he is the Secretary of the "Conferencia Episcopal Portuguesa" and the most recent visitor of East Timor present in the Conference, goes without saying, as important was the communication of Bishop Fernando Luz Soares, President of the "Lusitania" Church of the Anglican Communion.

2 - Participation of Indonesian Democrats representatives of significant movements in Indonesia.

Another novelty was the presence of Indonesian citizens representing not only Indonesian Non Governmental Organisations, as it happened in the previous years, but also Indonesian mass movements.

As a matter of fact, Mr. Mochtar Pakpahan is the leader of the most important independent Trade Union in Indonesia, the SBSI (Serikat Buruh Sejahtera Indonesia - Indonesian Welfare Trade Union) with around half a million members in the various labour sectors, in about all the Indonesian provinces.

On the other hand, Mr. Wilson is the co-ordinator of SPRIM, (Solidaritas Perjuangan Rakyat Indonesia Untuk Maubere - Indonesian People's Solidarity Struggle with the Maubere People). This structure was created in March 1995 and embraces several Indonesian Non Governmental Organisations, several Timorese and mixed Indonesian-Timorese Organisations as well as four mass movements:

- PPBI (Centre for Indonesian Labour Struggles);
- SMID (Students in Solidarity with Democracy in Indonesia);
- STN (National Peasants Organisation)
- JAKER (Peoples Artists Network)

Both Mr. Mochtar Pakpahan and Mr. Wilson have experimented the roughness of the Indonesian prisons. The first, with the songs that he wrote in prison - some of which he sung for us at the closing cultural session - keeps very present in his memory, the prisoners he saw with legs and arms amputated by the prison guards as a punishment for not giving them the money they were demanding. The second has not forgotten the torture sessions with electrical shocks he was submitted to.

Even though, nor Mr. Pakpahan, who holds a doctorate in Constitution Law, forgets to defend, namely by publicising a book in Indonesia, the necessity of a Referendum in East Timor, nor it did cross Mr. Wilson's mind not to participate, along with some sixty Indonesian citizens and Timorese students, in the protest actions in front of the Dutch and Russian Embassies in Jakarta, in 7 December 1995.

Speaking in English and in Bahasa Indonesian, understood by the most of the Timorese present in the room, both of these Indonesian participants established a very easy relationship with their "brothers in arms" and reinforced the links and the determination in the same struggle towards the self determination of East Timor and the democratisation of Indonesia.

3 - Participation of Portuguese State Representatives, at the highest National level, and of Timorese leaders.

The President of the Portuguese Republic, Mr Mario Soares has several times, directly, or indirectly through receptions in his official residence, participated in most of the previous Symposia organised by the Committee. This time, because of the transitional period the Portuguese Presidency is going through, he thought it better not to actively participate in the Conference. Yet, he received the Co-ordinator of the Symposia, just before the beginning of the public sessions, and welcomed, through him, all the participants and the solidarity with East Timor as well as the Indonesian democrats who faced prison due to their convictions and their opposition to the dictatorship and new colonialism of Indonesia, exactly as Mr. Mario Soares himself, who was in jail several times and was deported to "S. Tome

e Principe", due to his struggle for the same values, during the Portuguese dictatorship and colonialist period.

Dr. Jorge Sampaio, the elected president, did not participate in the sessions because he didn't enter, yet, formally into his functions, but received a group of foreign guests and Timorese leaders, in his transitional residence in "Forte de Catalazete".

For the first time, a President of the Portuguese Parliament, Mr. Almeida Santos, and a Prime Minister, Mr. Antonio Guterres, honoured the University of Oporto with their presence in this initiative. Their participation, as well as Mr. Jaime Gama, Minister of Foreign Affairs' presence, the participation of the Secretary of State for the Co-operation, Mr. José Lamego, of the president of the Ad-Hoc Commission for East Timor of the Portuguese Parliament, Mr. Nuno Krus Abecassis, among others, were a clear sign of the commitment of the Portuguese State in the setting up of the conditions for a genuine self determination of East Timor, as it is their responsibility as Administrative Power of this Non Autonomous territory according to the United Nations resolutions.

It should also be mentioned the reception offered to all the guests and Timorese representatives, by the President of the Parliament, Mr. Almeida Santos in the Portuguese Assembly of the Republic.

It should also be underlined the interest shown by the highest level of the Timorese Resistance abroad. Present were leaders of FRETILIN, José Luís Guterres, of UDT, João Carrascalão who was present simultaneously in the quality of President of UDT and Co-ordinator of the Diplomatic Front of the Timorese Resistance.

The maximum leader of the CNRM, Mr. José Ramos Horta, was unable to attend the Conference due to previous commitments in Australia, but sent a message of support to the Conference.

A message was also sent by Xanana Gusmão, leader and symbol of the Resistance, who showed his great interest in this initiative, sent recommendations that were strictly respected and contributed to the success of this Conference.

His freedom, judged as urgent and vital, along with the freedom of all the Timorese political prisoners, was strongly and consistently demanded by all participants in the Conference.

Also the release of all Indonesian political prisoners was requested and applauded by the large public attending the Conference.

4 - WORKSHOPS AND FUTURE INITIATIVES

The program of this Conference included public sessions and several workshops, which closed the solidarity relations, namely between Timorese and Indonesians, Portuguese and people from the five continents. It also permitted the participants to discuss and analyse several proposals for future action.

Among these proposals we selected the following:

4.1 - International Conferences

4.1.1 - Sydney Conference, Australia, from 21 to 27 June 1996

This Conference suggested in July 1995, on the occasion of a visit to Australia of the Co-ordinator of the Symposia on Timor of Oporto University, is being organised in co-operation with:

- School of Asian Studies, University of Sydney, (Dr. Michael Van Langberg, Head of the Department of Southeast Asian Studies), Head of the Convenors Group;
- Institute for International Studies, University of Technology, Sydney (Prof. David Goodman, Director);
- Human Rights Centre, Faculty of Law, University of New South Wales, Sydney (Professor Garth Netheim);
- Organising Committee of the Symposia on Timor of the Oporto University, Presidency of Oporto University (Prof. Barbedo de Magalhães).

The co-ordinator of the Conference is Max Lane, lecturer at the University of Technology and at the University of Sydney, and editor of the magazine "Inside Indonesia" - bulletin of the Indonesia Resources and Information Program (IRIP).

The expected participants are:

- a) Timorese leaders living in Australia, Portugal or in other countries world wide, as well as Timorese living in East Timor and Indonesia;
- b) Indonesian personalities, connected with Human Rights Organisations and with the Solidarity Movements with East Timor, political and religious leaders, intellectuals, academics and students;
- c) Intellectuals, academics, journalists and politicians coming from the Asian Pacific Area;

d) Academics and politicians, as well as members of Solidarity Groups from Portugal, Europe and America (USA, Canada, Brazil etc.)

c) Academics, intellectuals, politicians and other Australian personalities, as well as accredited Embassies in Canberra (including the Indonesian Ambassador).

The themes included in the agenda are:

- 1- History of East Timor and Indonesia, namely the recent history;
- 2- Political changes in Indonesia and East Timor;
- 3- Perspectives for the future of Indonesia;
- 4- Perspectives for the future of East Timor ;
- 5- East Timor, the international law and the United Nations;
- 6- The triangle: Australia - Indonesia - East Timor;
- 7- The USA external policy towards Indonesia and East Timor;
- 8 - Japan, the Asian Pacific Region, Indonesia and East Timor;
- 9 - Portugal and East Timor;
- 10- Solutions to the problem of East Timor and paths towards Peace and Justice.

4.1.2 Dublin Conference, Republic of Ireland, expected to take place from 8 until 10 November 1996.

This Conference, to be set up during the period when Ireland holds the Presidency of the European Union (second semester of 1996), will count with the presence of several specialists on International Law, as well as Irish and Portuguese personalities.

This Conference is an initiative of the International Platform of Jurists for East Timor (IPJET), which celebrates its fifth anniversary in November 1996 and intends to mark it by the edition of a second book whose principal contributions will be presented on the occasion of this Conference.

(A first book containing the communications presented by some prominent jurists during a Conference in London, on December the 5th and 6th 1992, was already published by IPJET/CIIR in 1995, on,

"International Law and the Question of East Timor")

The central subjects of Conference will be:

- The legal aspects and implementation practices of a Peace Plan for East Timor, according to the practice of the United Nations, and its obligation to create the conditions for a genuine act of self determination;

- Crimes against Humanity committed in East Timor and ways to implement the creation of a Tribunal to judge these crimes as well as

the procedures to stop the systematic violations of human rights in the territory.

It was discussed and decided the model of the Conference and suggested names of people to invite.

The organising entities are:

- IPJET (International Platform of Jurists to East Timor), whose Secretary General is Pedro Pinto Leite, living in the Netherlands;
- ETISC (East Timor Ireland Solidarity Campaign), represented by its Co-ordinator, Mr. tom Hyland, from the Republic of Ireland;
- SETC (Swedish East Timor Committee) represented by its leader Mr. Jan Erik Forsberg;
- COJT -UP (Organizing Committee of the Symposia on Timor of Oporto University), represented in the Conference by its co-ordinator, Professor Antonio Barbedo de Magalhães.

4.1.3 - Conference in Yogyakarta, Indonesia, in February 1997

The idea of organising a Conference on East Timor in Indonesia itself was presented by Wilson, the young Indonesian present in Lisbon, and was immediately applauded by the remaining participants in the workshop set up to discuss future initiatives.

Taking into account that in March 1997 there will be elections for the Indonesian Parliament, the odds are that there will be a minimum of political openness to the realisation of such Conference.

One of the main objectives is to put in contact people from various countries, intellectuals, academics and Indonesianists from Portugal, Indonesia and other countries, Timorese people, Indonesian citizens, religious leaders and political leaders, from various political sectors - democrats, representatives of the governmental sector, representatives of the ICMi (Organisation of intellectual Muslims whose leader is Mr. B. J. Habibie, Indonesian Minister of Technology) and even representatives of some sectors of the ABRI (Indonesian Armed Forces).

The presence of Portuguese intellectuals in such an initiative could be considered as a positive answer to the proposal that has been, very recently, made by the Indonesian Minister of Foreign Affairs, Mr. Ali Alatas, according to which Portuguese Intellectuals could be invited to visit Indonesia in order to discover its great cultural richness.

It is obvious that political Timorese leaders, members of the Indonesian Government and Ambassadors accredited in Jakarta would also be invited.

Such a Conference could be organised by SPRIM (or by a similar organisation associated with it), together with an Indonesian University or Faculty, APCET (Asia Pacific Coalition for East Timor) and with Oporto University.

The setting up of this Conference must be looked at as a positive approach in the search for a dialogue aiming at a peaceful and just solution for the problem of East Timor, an effective and dignifying solution for all the parties involved.

4.1.4 - Other Conferences in Asia

Several other proposals concerning the organisation of Conferences in Eastern Asia and Southeast Asia were discussed and analysed. One of this Conferences will be, mainly, of APCET responsibility (with the eventual support of Oporto University and Non Governmental Organisations of the country where it will take place), the foreseen date for this event is between November 1996 and March 1997, preferably in an ASEAN Country. This initiative is still being analysed.

In this conference was also decided the participation of a young Timorese girl from RENETIL (and member of the secretariat of the Symposia on Timor of Oporto University) in a very important conference on

"Human Rights and Civil Society"

included on the Seventh General Assembly of *"Peoples Plan for the XXI Century"*. At the time of writing this report we can already inform that this conference already took place in Nepal from the 3rd to the 11th of March 1996. The intervention of the Timorese participant was the one, which raised more interest among the about five hundred participants, from countries of this Region and all over the World. In that meeting were made numerous potential contacts of other initiatives, which will take place in India, Sri-Lanka, Pakistan, Bangladesh, Malasia and other countries.

4.2 - Speaking Tours

4.2.1. - Speaking Tours in the United States and Brazil

It was discussed the possibility of organising a speaking tour of a delegation including, at least, one member of the Timorese Resistance and one Indonesian Democrat (with the eventual inclusion of one academic from one of the six Portuguese Universities involved in the Symposia on Timor of Oporto University).

from one of the six Portuguese Universities involved in the Symposia on Timor of Oporto University).

After Wilson's tour throughout Europe, the idea is to organise two or more missions, one of which directed to the United States of America and Canada (probably after the American presidential elections, on November 1996), the other to Brazil and other Latin American Countries.

The idea is to give visibility to the two struggles, the Timorese for their self determination and the Indonesian for democracy; to show the solidarity between these peoples, to open new perspectives for the building up of a future of Freedom in these two nations and to set up the ground for a future co-operation based, not in the submission of one people to one country, but in justice and freedom.

Preparatory tours will take place between April and August 1996 and will be organised by the American (ETAN US) and by the Brazilian participants.

4.2.2 - Speaking Tours in Europe

In this conference were also suggested, agreed and decided other initiatives, such as:

a) Organization of a "speaking tour" of fifteen days by the end of April and beginning of May in Sweden of a Timorese girl and of an Indonesian democrat (Wilson), who participated in the Conference in Lisbon, which took place from the 22th to the 24th of February;

b) Organization of three "speaking tours" in the Republic of Ireland to be held in July (the whole month), September and November 1996, i. e., during the Irish leading of the European Union.

4.3 - Other Initiatives

During the Women workshop, where Timorese women met with some Indonesian and Portuguese women and with guests from other countries (namely the British Member of Parliament Mrs. Ann Clwyd and the Swedish Member of Parliament, Mrs. Eva Goes and a Japanese academic, Ms. Kiyoko Furusawa), it was discussed the possibility of creating an International League to support the East Timorese women, in connection with the existing women organisations world wide.

It is to be mentioned the very important role that Ms. Yenny Rosa Damayanti, a young Indonesian Muslim and a student leader who has also experimented the prison in her own country, in 1994, played in the setting up of this initiative directed to the Timorese women.

The creation of a group of parliamentarians for East Timor in the Brazilian Federal Parliament, the co-operation between the Portuguese

Parliament and the group of Parliamentarians for East Timor (PET), represented in this Conference by the former Shadow Minister for the Labour Party, Mrs. Ann Clwyd, other Parliamentary initiatives and contacts with the American Congress were some of the themes also discussed in the several workshops of the Conference. An eventual intergovernmental co-operation and the necessity of reinforcement of the European Solidarity Groups was also discussed.

The highly participated meeting between the Indonesian Union Leader, Mr. Muchtar Pakpahan and Timorese youngsters, was a clear sign of the increasing co-operation and solidarity between brothers of two different countries, both oppressed by the same regime. The parallel with what used to happen by the time when Portugal was a dictatorship and its relation with the Colonies, becomes more and more evident.

5 - Programme of the Public Sessions and the list of foreign participants and sponsors.

We enclose the programme of the public sessions and the list of foreign participants and sponsors.

It should be mentioned that the public sessions had not only simultaneous interpretation English- Portuguese, but also Portuguese - Bahasa Indonesia. This one was assured by three voluntary Timorese with no specific training as interpreters, but permitted many of the recently arrived Timorese to follow the works of the Conference.

INTERNATIONAL CONFERENCE

"INDONESIAN YOUTH SOLIDARITY, HOPE FOR EAST TIMOR"

Organized by the **Organising Committee of the Symposia on Timor
of Oporto University**

Professor Alberto Amaral
Rector of Oporto University

Professor Nuno Grande
Pro-Rector of Oporto University

Professor António Barbedo de Magalhães
Coordinator

With the support of:

- A Paz é Possível em Timor Leste
- Associação Doze de Novembro
- Câmara Municipal de Lisboa
- Câmara Municipal de Setúbal
- Centro de Doc e Div Cultura de Timor
- CDPM
- Faculdade de Psicologia da U. Lisboa
- Paz e Justiça para Timor Leste
- Universidade Católica Portuguesa
- Universidade de Coimbra
- Universidade de Lisboa
- Universidade do Minho
- Universidade Nova de Lisboa

Sponsors:

- Banco Comercial Português
- Caixa Geral de Depósitos
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
- Ministério dos Negócios Estrangeiros

From 22 to 24 February, 1996. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade de Lisboa. Address: Alameda da Universidade, 1600 Lisboa.

INTERNATIONAL CONFERENCE

"INDONESIAN YOUTH SOLIDARITY, HOPE FOR EAST TIMOR"

PUBLIC SESSIONS

(Sessions with simultaneous interpretation to Portuguese, English and Bahasa Indonesia, open to all those who wished to attend)

THURSDAY, 22 February 1996.

18h00 - Opening Session with António Guterres, the Prime Minister of Portugal with the presence of Jaime Gama, Minister of Foreign Affairs, on

***"Indonesian Youth Solidarity,
Hope for East Timor"***

Participants:

- *António Barbedo de Magalhães*, Professor at the Oporto University and Co-ordinator of the Conference;
- *Wilson*, leader of SPRIM, and former political prisoner, Indonesia;
- *Yenny Rosa Damayanty*, young Indonesian and former political prisoner, Indonesia;
- *David Norris*, Senator, Ireland;
- *António Guterres*, The Prime Minister of Portugal;

21h00 to 23h00 - Public session presided by Almeida Santos, Chair of the Portuguese Parliament,

***"The Present Situation in East Timor, Indonesia,
and the International Context."***

Participants:

- *John Miller*, ETAN (East Timor Action Network), USA;
- *Mochtar Pakpahan*; leader of the independent trade Union, SBSI, Indonesia;
- *Nilmário Miranda*, President of the Human Rights Committee of the Brazilian Congress, Brasil;
- *Eva Goes*, Member of the Swedish Parliament, Green Party, Sweden;
- *Sanusi Osman*, Secretary General of the Malaysian People Party, Malaysia;
- *Ann Clwyd*, Member of the British Parliament and Former Shadow Minister of the Labour Party in the area of Foreign Affairs, United Kingdom;
- *Almeida Santos*, President of the Portuguese Parliament, Portugal.

From 22 to 24 February, 1996. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Address: Alameda da Universidade, 1600 Lisboa.

INTERNATIONAL CONFERENCE

"INDONESIAN YOUTH SOLIDARITY,
HOPE FOR EAST TIMOR"

FRIDAY, 23 February 1996.

18h00 - Public session presided by Nuno Krus Abecassis, President of the Ad-Hoc Committee on Timor of the Portuguese Parliament, on

"International Solidarity, New Perspectives."

Participants:

- *Luísa Teotónio Pereira*, CDPM, Portugal;
- *Magdalin Karagiannakis*, Lawyer, Australia;
- *Liem Soei Liong*, Indonesian refugee in Europe, editor of the TAPOL bulletin, United Kingdom;
- *Dorothy Grace Gerrero*, Member of the PHILSETI, Philippines;
- *Tom Hyland*, Co-ordinator of the East Timor Ireland Solidarity Campaign, Republic of Ireland;
- *Myrian Mendez Montalvo*, Coordinator of the Foreign Committee of UNPO in the Netherlands, Colombia;
- *Ian Erick Forsberg*, Chairman of the Swedish East Timor Committee, Sweden;
- *Nuno Krus Abecassis*, President of the Ad-Hoc Committee on Timor of the Portuguese Parliament.

21h30 - Public session on,

"Muslims and Christians in Solidarity with East Timor"

Participants:

- *António Barbedo de Magalhães*, Professor at the Oporto University and Coordinator of the Conference;
- *Bishop D. Januario Torgal Ferreira*, Secretary of the "Portuguese Episcopal Conference", (he has just visited East Timor - beginning of February 1996), Portugal;
- *José Lopes Baptista*, Priest and Member of the group "Peace and Justice for East Timor", Portugal;
- *Alfreda F. Fonseca*, Member of "A Paz é Possível para Timor Leste", Portugal
- *Sheikh Aminuddin Muhamad*; Vice-Secretary of the Islamic Council, Mozambique;
- *Frei João Xerri*, Dominican and leader of "Clamour for Timor", S. Paulo - Brazil;
- *Bishop D. Fernando Luz Soares*, President of the Lusitane Church (Anglican Communion), Portugal ;
- *Hassan Ismail Makda*, President of the Islamic Council of Mozambique and member of the Parliament, Mozambique.

From 22 to 24 February, 1996. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Address: Alameda da Universidade, 1600 Lisboa

INTERNATIONAL CONFERENCE

**"INDONESIAN YOUTH SOLIDARITY,
HOPE FOR EAST TIMOR"**

SATURDAY, 24 February 1996

15H00 - Debate between journalists, Timorese leaders and Indonesian personalities moderated by Rui Marques, of the "Associação Doze de Novembro", on,

"The Present Situation in East Timor and Perspectives for the Future."

Participant journalists:

- José Manuel Lopes Radio Comercial
- Loja Neves Expresso
- Luis Pires RTP
- Manuel Acácio TSF

18h00 - Closing session, presided by José Lamego, State Secretary for Cooperation,

"The United Nations, the Talks and the Road to Freedom and Self Determination for East Timor."

Participants:

- *Rui Quartim Santos*, in charge of the East Timor issue in the Foreign Affairs Ministry, Portugal;
- *Mark Taylor*, Assistant of the UN Special Envoy to the Middle East in 1995, Canada;
- *Pedro Pinto Leite*, Secretary General of the International Platform of Jurists for East Timor, Netherlands;
- *Richard Falk*, Professor of International Relations at Princeton University, USA;
- *Mari Alkatiri*, Secretary General of the Foreign Relations of FRETILIN, Mozambique;
- *João Carrascalão*, Present of UDT and Coordinator of the *Comissão Coordenadora da Frente Diplomática da Resistência Timorense*, Australia;
- *Pascoela Barreto*; on behalf of the special representative of CNRM and Xanana Gusmão, Portugal;
- *António Barbedo de Magalhães*, Professor at Oporto University and Coordinator of the Symposia on Timor, Portugal;
- *José Lamego*, State Secretary for the Cooperation and Development, Portugal.

21h30- Timorese Cultural Show. with the groups:

Sol Nascente
Tata Mai Lau

From 22 to 24 February, 1996. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Address: Alameda da Universidade, 1600 Lisboa.

6 - Conclusions

This Conference, entitled

"Indonesian Youth Solidarity, Hope for East Timor"

permitted to underline the solidarity of the courageous Indonesian youngsters and democrats whom, challenging prison and torture, have, more and more actively, stood besides their Timorese brothers in their common struggle. It was therefore a sign of hope, Hope in a future of peace, freedom and co-operation for Timorese and Indonesians.

Having been organised to take place before the important Asia-Europe Summit in Bangkok, Thailand, which will reunite on the 1st and 2nd of March 1996 the Heads of State and Government of the fifteen Members of the European Union, the seven Members of ASEAN as well as China, South Korea and Japan, this Conference intended to be a sign of hope for this Summit in which so many Timorese, Indonesians and other members of the international solidarity, rely, as it was declared by the Co-ordinator of the Symposia in the Opening Session.

A sign of hope was also the intervention of the Portuguese Prime Minister, expressive of a clear, firm and intelligent determination in the support to the just requisitions of the East Timorese People and to the resolution of this conflict in the respect of the international law and the dignity of all the parties involved.

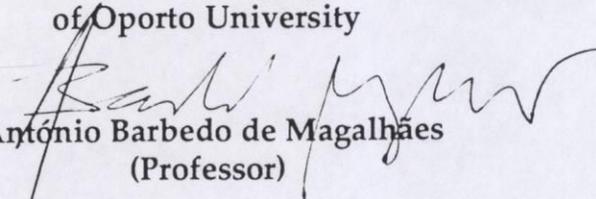
We believe the Conference was felt, by its more than two hundred participants, as a renewing of the support and commitment in the cause of East Timor and, last but not the least, as a highly important stimulation to solidarity.

It allowed the discussion of new ideas and initiatives which will soon see their day.

This Conference was, for many of the participants, a very intense and fraternal experience.

Porto, 26 March 1996

The Co-ordinator of the Symposia on Timor
of Oporto University


António Barbedo de Magalhães
(Professor)

RELATÓRIO DO SEMINÁRIO SOBRE

Amw

***“THE RELATIONS BETWEEN THE EUROPEAN UNION AND
INDONESIA IN THE CONTEXT OF
THE ASIAN CRISIS”***

REALIZADO EM HAIA, EM 26 E 27 DE OUTUBRO DE 1998

E DOS CONTACTOS ESTABELECIDOS, NA HOLANDA, PELO
COORDENADOR DAS JORNADAS DE TIMOR
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

- 1- Razões e objectivos da iniciativa
- 2- Participantes no Seminário
- 3- Programa
- 4- Conversas à margem do Seminário
- 5- Outros contactos
- 6- Iniciativas previstas, para o futuro
- 7- Conclusões

Anexos:

- A- List of Participants;
- B- Programme;
- C- Multifaceted Look on World History: Different Perceptions of History by People of the Five Continents;
- D- Project on Reflection and Debate Bulletin on East Timor and Indonesia.

Porto, 6 de Novembro de 1998

António Pinto Barbedo de Magalhães
(Professor Catedrático)
(Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto)

1- RAZÕES E OBJECTIVOS DA INICIATIVA

Previendo a iminente queda do regime ditatorial e corrupto de General Suharto, a Resistência Timorense considerava necessário ir preparando o caminho para tirar partido da previsível mudança, criando, o mais cedo possível, pontes de diálogo com as forças vivas indonésias, de modo a abrir pistas para uma solução pacífica do conflito.

Tendo isso em conta, e depois de um ocasional encontro do representante da Resistência Timorense em Portugal, Dr. Roque Rodrigues, com o Director do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI), de Lisboa, o representante timorense decidiu procurar o apoio do Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto (COJTUP) e marcar um primeiro almoço de trabalho em 16 de Janeiro de 1998, com este e com os dois principais responsáveis do IEEI.

A partir daí, e em sucessivas reuniões, o projecto foi amadurecendo. Tendo em conta as boas relações do Director do IEEI, Dr. Álvaro Vasconcelos, com o Dr. Yusuf Wanandi, Director Executivo do Centre for Strategic and International Studies (CSIS) de Jakarta, e com institutos europeus similares, nomeadamente o Clingendael, de Haia, Holanda, e o Royal Institute of International Affairs (RIIA) de Londres, foi-se desenvolvendo a ideia de alguns destes institutos promoverem uma reunião em que se debatessem as relações entre a União Europeia e a Indonésia no contexto da crise asiática, incluindo aí, a problemática de Timor-Leste, já que esse é um dos pontos constantes da agenda das relações mútuas.

O mais importante, nesta reunião, seria pôr em contacto líderes e personalidades timorenses com personalidades indonésias de três sectores que, qualquer que fosse a evolução política na Indonésia, teriam sempre um papel importante a desempenhar:

- militares;
- financeiros;
- muçulmanos.

Procurar-se-ia que desse contacto e conhecimento mútuo resultasse a criação de confiança mútua suficiente para, de modo informal, se poderem discutir e abrir caminhos para uma solução política que, tendo em conta os direitos dos timorenses (nomeadamente o seu inalienável direito à autodeterminação) e os legítimos interesses da Indonésia (nomeadamente a estabilidade regional) libertasse os timorenses da opressão a que têm estado sujeitos, e libertasse a Indonésia da incómoda “pedra no sapato” que é Timor-Leste.

Tendo em conta os objectivos, similares aos da diplomacia portuguesa, embora complementares e informais nos meios, a ideia foi discutida com representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, quer por membros do IEEI, quer pelo Coordenador das Jornadas de Timor da UP, quer por representantes timorenses.

Obtido o acordo das principais partes envolvidas, importava encontrar financiamento para esta iniciativa. Apesar de algumas dificuldades iniciais, o interesse da iniciativa acabaria por determinar uma boa solução para este problema.

As hesitações de alguns institutos, por um lado, e as dúvidas iniciais quanto ao financiamento, por outro, levaram ao adiamento do Seminário, que acabaria por se realizar só depois da queda do regime da "Ordem Nova"..

Em 21 de Maio de 1998 o General Suharto foi forçado a demitir-se, mas o projecto manteve, no essencial, actualidade.

Em 6 de Setembro de 1998, uma reunião preparatória realizada no RIIA de Londres, em que participou o representante da Resistência Timorense em Portugal, representantes dos institutos português (IEEI), britânico (RIIA) e holandês (Clingendael), o Coordenador das Jornadas e cidadãos indonésios, permitiu fixar o formato, as datas e a lista de convidados ou os seus perfis.

2- PARTICIPANTES NO SEMINÁRIO

A lista de participantes encontra-se no respectivo anexo. É importante salientar, no entanto, os aspectos que a seguir se indicam.

a)- Participaram cinco timorenses, três dos quais pertencentes ao Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT), eleito em 27 de Abril de 1998, na 1ª Convenção Nacional Timorense na Diáspora, um dos quais doutorado e professor de mais do que uma universidade na Indonésia, onde reside.

b)- Participaram onze cidadãos indonésios residentes na própria Indonésia, além de numerosos membros das Embaixadas deste país, em Haia e em Bruxelas.

A maior parte dos convidados vindos da Indonésia são personalidades de grande relevo da vida intelectual e política do país, quer ligadas a sectores muçulmanos (CIDES) quer a meios financeiros, quer até mesmo às Forças Armadas da Indonésia (ABRI).

Merecem particular referência, pela sua importância:

b.1) O General Susilo Bambang Yudhoyono, Chefe do Gabinete de Assuntos Socio-Políticos das Forças armadas Indonésias, pessoa de excepcional inteligência, formada nos Estados Unidos, que é o principal estratega e braço direito do Ministro da Defesa e homem forte do regime actual, General Wiranto.

Até mesmo os organizadores ficaram surpreendidos por uma personalidade de tanto peso na vida política e militar indonésia ter aceite o convite.

Quando o líder da Resistência Timorense, Xanana Gusmão, foi informado, na prisão de Cipinang, de que o General Yudhoyono tinha participado, ficou extremamente satisfeito por isso e por se ter criado uma atmosfera de diálogo com um dos homens mais importantes nas ABRI (Forças Armadas) e de maior peso político na Indonésia.

b.2) O Professor Emil Salim, que foi ministro de Suharto em três mandatos sucessivos, sendo um dos arquitectos da Nova Ordem ("Orde Baru"), mas que depois

Am

se distanciou do ditador tornando-se num dos seus críticos. Em Janeiro de 1998 apresentou a sua candidatura a Presidente da República da Indonésia. Tem desempenhado, recentemente, um papel importante nas relações com o FMI e no controlo das verbas atribuídas à Indonésia por este Fundo.

b.3) O Professor Anwar Nasution, Director da Faculdade de Economia da Indonésia, em Jakarta, que é a maior universidade do País. É um dos mais prestigiados economistas da Indonésia;

b.4) O Professor Umar Juoro, Investigador do CIDES (Center for Information and Development Studies), "think tank" do ICMI, que é um centro que reúne intelectuais muçulmanos de que Habibe foi director antes de se tornar Presidente da Indonésia.

De assinalar a presença, também, de um conselheiro político americano, com boas relações com diversos sectores da Administração dos EUA:

c.1) Adam Schwarz, membro do Council of Foreign Relations, ex-correspondente da Far Eastern Economic Review, em Jakarta de 1988 a 1992, ex-docente das universidades de John Hopkins (Baltimore) e George Town (Washington), autor de "A Nation in Waiting, Indonesia in the 1990's", que foi, em 1994 e nos anos seguintes, considerado o melhor livro sobre a Indonésia contemporânea.

3- PROGRAMA

O programa efectivo foi o que se descreve em anexo. As sucessivas intervenções de diversos participantes, não apenas timorenses ou indonésios, mas também de outros países, nomeadamente da Dr^a Elis Ward, do Trinity College, da Universidade de Dublin, fizeram com que Timor-Leste ocupasse grande parte do Seminário.

Além do problema de Timor-Leste foi analisada a gravíssima crise económica, social e política indonésia, onde no espaço de um ano, a percentagem da população a viver abaixo do nível da pobreza passou de 10 % para 40 % em meados de 1998, com tendência para chegar aos 66% em 1999. Neste quadro, tornou-se evidente a necessidade urgente de apoio europeu, não só para ajudar a resolver a crise económico-financeira, mas também para favorecer o desenvolvimento da sociedade civil e da democracia, na Indonésia.

Alguns dos participantes indonésios admitiram que o problema de Timor-Leste pudesse ser resolvido no quadro da autonomia ou da federalização da Republica (presentemente, unitária) da Indonésia. Outros, no entanto, defenderam a autodeterminação. Finalmente outros preferiram não se pronunciar sobre a questão.

4- CONVERSAS À MARGEM DO SEMINÁRIO

Tanto ou mais importantes, ainda, do que as reuniões em "mesa redonda", foram os contactos e as conversas nos intervalos para chá ou café, nos almoços, e nos tempos livres no hotel.

Am

Uma avaria num reactor do avião que levou o autor deste relatório, bem como os doutores Lucas da Costa e Roque Rodrigues, do CNRT, e um membro do secretariado do IEEI de Lisboa, impediu que a equipe chegasse a Haia no Sábado à noite, como estava planeado. Os contactos previstos para Domingo, com os restantes participantes vindos do estrangeiro, nomeadamente da Indonésia, ficaram , por isso, bastante mais reduzidos. Ajudaram, mesmo assim, a criar um bom ambiente de trabalho.

Algumas destas conversas permitiram ficar a conhecer melhor a realidade económica, social e política indonésia e algum dos seus principais actores. Outras serviram para chamar atenção para a crescente militarização de Timor-Leste e para o risco da impaciência e o nervosismo da juventude timorense se tornarem cada vez maiores e incontroláveis (apesar dos apelos à moderação dos líderes timorenses) se não houver redução de tropas e passos concretos que mostrem haver boa vontade e determinação, do lado do Governo Indonésio, na procura de uma solução pela via do diálogo.

Nesse sentido tive a oportunidade de manifestar a opinião de que a libertação de Xanana Gusmão era um passo essencial não só para a solução do problema, mas também para a descompressão de tensões e para um diálogo que possa conduzir à efectiva resolução do problema.

Outras conversas servira para o Coordenador das Jornadas de Timor da UP apresentar, a quase todos os participantes vindos da Indonésia, dois projectos, sobre os quais foi pedindo opiniões, e que se anexam:

1 - Multifaceted Look on World History: Different Perceptions of History by Peoples of the Five Continents,

com duas componentes:

1.a) Internatinal and Multifaceted course on East Timor, Indonesia and the International Context:- History and Perceptions;

1.b) Development of studies of Comparative History;

e

2 - Reflection and Debate Bulletin on East Timor and Indonesia.

Dum modo geral as reacções foram positivas.

Uma das pessoas a quem o Coordenador das Jornadas pediu que visse e comentasse o projecto e, nomeadamente, a sua oportunidade, já que iria abordar a história de Timor-Leste e da Indonésia e poderia trazer ao de cima factos pouco agradáveis de recordar, foi o General Bambang Yudhoyono. No dia seguinte, foi ele próprio que o procurou, dizendo que achava excelente o projecto e que se o promotor não visse nisso inconveniente, ele próprio iria falar com professores e estudantes universitários para participarem no *International and Multifaceted Course on East Timor, Indonesia and the International Context: History and Perceptions.*

Amw
/

Tendo em conta o importante peso político e valor intelectual de alguns dos participantes, o Coordenador das Jornadas tomou a liberdade de convidar quatro deles para virem a Portugal para um encontro e eventual realização de Conferências na Universidade do Porto ou noutras universidades. Os convidados, que reagiram todos da melhor maneira, foram:

- 1- General Susilo Bambang Yudhoyono;
- 2- Professor Emil Salim;
- 3- Professor Anwar Nasution;
- 4- Dr. Adam Schwarz.

A iniciativa ficou prevista para Janeiro de 1999.

Tendo em conta que o Ramadan termina em 21/1/98, só mesmo nos últimos dias de Janeiro é que os convidados indonésios poderão vir a Portugal.

5- OUTROS CONTACTOS

A deslocação à Holanda e a presença de amigos indonésios foram aproveitadas para falar de outros assuntos:

- a) 1ª Conferência Internacional sobre Timor-Leste, na Indonésia, a ser realizada na Paramadina University, em Jakarta.

A conferência está a ser preparada por esta universidade privada muçulmana, - cujo reitor, Professor Nurcholish Madjid, é um dos mais proeminentes intelectuais muçulmanos indonésios - em conjunto com o SOLIDAMOR (Solidarity for Peace in East Timor).

Atendendo à experiência do Coordenador das Jornadas de Timor na preparação de conferências internacionais, três dos cidadãos indonésios participantes no Seminário quiseram falar do projecto com este e com dois membros do CNRT.

- b) Boletim de Reflexão e Debate sobre Timor-Leste e a Indonésia

Atendendo a que este boletim pretende ser um instrumento de diálogo não só entre timorenses mas também entre timorenses e indonésios, foi o mesmo discutido em Amsterdão com alguns dos participantes, e com um jornalista indonésio da Radio Netherlands.

- c) International and Multifaceted Course on East Timor, Indonesia and the International Context:- History and Perceptions

Pelos mesmos motivos já referidos a propósito do Boletim, este curso foi também discutido com diversos indonésios e timorenses, tendo alguns manifestado o interesse em participar, como alunos ou professores, ou ficaram encarregues de fazer contactos com outros possíveis participantes.

Amor

- d) Sessão sobre as violações de mulheres de etnia chinesa e as convulsões de Maio de 1998.

A participação na 1ª parte desta sessão permitiu, além do mais, rever amigos indonésios e recolher informação e documentos sobre a actualidade no seu país.

- e) Encontro com o Embaixador de Portugal em Haia.

A conversa tida pelo Coordenador das Jornadas como o Embaixador Rosa Lã (na presença do Conselheiro Dr. José Rosa) foi de grande utilidade. Teve lugar na Embaixada de Portugal na Holanda, em 29/10/98 (véspera do regresso a Portugal), já que o Sr. Embaixador não podera participar no Seminário realizado no Clingendael.

Além das trocas de impressão sobre a situação na indonésia e em Timor, e sobre a forma como a questão é vista na Holanda, permitiu também falar da génese e resultados do Seminário, de outras iniciativas previstas para o futuro, e dos projectos de Curso e de Boletim já acima referidos.

O Sr. Embaixador Rosa Lã manifestou interesse no *International and Multifaceted Course* e propôs-se falar dele ao Director do Instituto de Estudos Asiáticos da Universidade de Leiden, com quem previa jantar alguns dias mais tarde.

- f) Visita à UNPO

Atendendo a que a Unrepresented Nations and Peoples Organization tem sede em Haia, aproveitamos a estadia nessa cidade para fazer uma visita e falar com a Vice-Secretária Geral, Dra. Tsering Jampa, que é tibetana. Também ela se mostrou muito interessada no curso e ficou de contactar intelectuais chineses e tibetanos para participarem no mesmo, com as suas visões (eventualmente diferentes) sobre a História Universal e sobre a história do Sudeste Asiático (em que também cabe a história e o conflito do Tibete).

6- INICIATIVAS PREVISTAS PARA O FUTURO

6.1- Novo Seminário em Londres – Março de 1999(?)

Tendo em conta, por um lado, que no Seminário se confirmou que a situação económica e social na Indonésia é de grave crise, e que o apoio urgente da União Europeia é muito importante, que o problema político subjacente está longe da solução, embora haja abertura para a eventual implantação de um regime democrático, desde que a sociedade civil seja apoiada e passe a ter um papel importante na vida política indonésia, e que, por outro lado, se criou um bom clima de diálogo, nomeadamente entre timorenses e indonésios, que pode ajudar na procura de uma solução pacífica para o problema, ficou acordado que o diálogo possibilitado pelo Seminário de Clingendael iria continuar.

Asim

Apesar das propostas de alguns dos principais participantes indonésios, no sentido de que um novo seminário tivesse lugar em Bali ou em Lisboa, acabou por ficar a sugestão de fazer novo seminário em Londres, talvez em fins de Fevereiro ou em Março de 1999, no ou com o apoio do Royal Institute of International Affairs.

6.2- Seminário e Conferência em Portugal em finais de Janeiro de 1999

Já atrás referimos a forma como a ideia surgiu e os quatro convites (provisórios e informais, para já) que o coordenador das Jornadas já fez. A ideia é realizar, nessa altura, uma reunião à porta fechada com timorenses, indonésios e portugueses (e alguns americanos ou de diversos países europeus) e fazer também conferências públicas com alguns dos participantes.

6.3- Conferência Internacional sobre a Democratização na Indonésia e a questão de Timor-Leste.

Organizada pela Universidade Paramadina e pelo Solidamor, deverá ter lugar em Jakarta em 1 e 2 de Dezembro de 1998.

6.4- Outras Iniciativas da COJTUP com importante participação timorense e indonésia .

Já atrás falamos de duas, que diversos membros do Conselho Nacional da Resistência Timorense e proeminentes intelectuais indonésios consideram importantes, nesta hora de mudança em que o diálogo e a cooperação, nomeadamente entre timorenses portugueses indonésios, é crucial.

Elas foram discutidas nos intervalos entre sessões no Clingendael, e em reuniões realizadas em Amsterdam e Haia, nos dias 28 e 29 de Outubro.

Trata-se de:

a) International and Multifaceted Course;

e

b) Boletim de Reflexão e Debate sobre Timor-Leste e a Indonésia.

O interesse destas duas iniciativas está relacionada com o facto de já se ter passado da fase de denúncia do genocídio para a fase da difícil construção de sociedades livres e democráticas em Timor-Leste e na Indonésia. Com efeito, esta nova fase exige não só muito diálogo e debate de ideias, mas também uma crescente colaboração especializada de universitários e universidades dos três países, nomeadamente de Portugal.

Amor

7. CONCLUSÕES

Os debates sobre a situação económico-financeiro e sócio-político na Indonésia foram úteis para ajudar a clarificar a situação difícil que o país atravessa. Ficou no ar uma sensação de uma situação de transição, com um governo fraco e sem grande apoio popular a tentar gerir uma situação complexa no meio de interesses e forças antagónicas, e sem uma linha de rumo clara. A abertura para a democracia existe, e manifesta-se numa imprensa que goza, temporariamente, de muita liberdade, mas que ainda fala muito pouco de Timor-Leste.

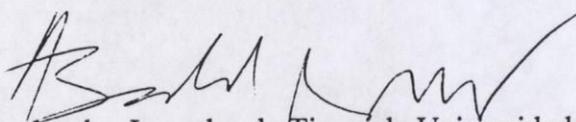
Apesar da abertura ao diálogo que quase todos os participantes revelaram e do bom clima em que decorreu o Seminário, apesar de alguns participantes - mesmo indonésios - terem defendido a autodeterminação de Timor-Leste, não houve consenso nessa matéria. Alguns manifestaram a opinião de que o federalismo ou até o simples estatuto de autonomia, que no futuro poderão vir a ter as várias províncias indonésias, talvez pudesse acomodar as aspirações dos timorenses.

Verificou-se uma grande ignorância do problema de Timor-Leste por parte de muitos dos participantes, quer de institutos de estudos estratégicos europeus, quer indonésios. De notar que nenhum dos institutos europeus representados tinha a decorrer qualquer projecto relacionado com a Indonésia.

Tendo em conta as boas relações estabelecidas entre personalidades timorenses e indonésias, foi considerada muito útil a continuação do diálogo informal, num quadro semelhante ao de Clingendael.

A evolução ou termo do chamado "diálogo intratimorense" poderá tornar ainda mais importante o diálogo informal iniciado em Haia, e é uma razão acrescida a reforçar a necessidade das iniciativas atrás referidas.

Porto, 6 de Novembro de 1998



O Coordenador das Jornadas de Timor da Universidade do Porto
António Barbedo de Magalhães
(Professor Catedrático)

List of Participants

THE RELATIONS BETWEEN THE EUROPEAN UNION AND INDONESIA IN THE CONTEXT OF
THE ASIAN CRISIS26th and 27th October 1998, The HagueClingendael Institute in cooperation with the Institute for Strategic and International
Studies/Lisbon

Adema, Mrs. A.D	Staff Member, Ministry of Foreign Affairs, Asia and Oceania Department
Alves, Carla	Research Assistant, Institute for Strategic and International Studies/Lisbon
Aspeslagh, Rob	Project Coordinator, Clingendael Institute
Barbedo de Magalhães, Antonio	Professor, Oporto University
Booth, Anne	Professor, Royal Institute of International Affairs Chatham House, London
Brogan, Kerry	Researcher on Indonesia and East Timor, Amnesty International, London
Camroux, David	Director Asia-Europe Programme, Institut d'Etudes Politiques, Paris
Carvalho Rosa, José E.	Counsellor, Embassy of Portugal in The Netherlands
Costa, Lucas da	Professor, University of Surabaya
Costa, Zacarias da	East Timor Permanent Representative to the European Union
Cribb, Robert	Director, Nordic Institute of Asian Studies, Copenhagen
Dias, José António Amorim	Coordinator of the Steering Committee Secretariat, UNPO, <i>timorenses, ex-Representante do CNRM na Holanda</i>
Ferdinand, Peter	Director, Center for Studies in Democratization, University of Warwick
Gaspar, Carlos	Political Advisor to the President of the Republic Portugal
Geest, Willem van der	Research Director, European Institute for Asian Studies, Brussels
Gomes, Rui Augusto	Researcher, Núcleo de Estudos de Timor e da Asia-Pacífico, University of Porto
• Haribowo, Johannes	Former East Timor Vice Governor, <i>Brigadier General</i>
• Hariyadi, Eddi S.	Deputy Director, Directorate of Multilateral Cooperation, Ministry of Foreign Affairs, Jakarta
Idenburg, Peter	Director, International Dialogues Foundation, The Hague
Jong, Joop de	Staff Member, Strategic Policy Orientation Unit, Ministry of Foreign Affairs
• Juoro, Umar	Senior Researcher, CIDES (Center for Information and Development Studies), Jakarta
Labohm, Hans H.J.	Senior Visiting Fellow, the Clingendael Institute; former Deputy Permanent Representative of the Netherlands to the OECD
• Lay, Cornelis	Lecturer, Gadjah Mada University, Yogyakarta, <i>em representação do</i>
• Liem, Soei Liong	Editor TAPOL Bulletin <i>Rector desta que é mais prestigiada e</i>
• Margoho, Ali R.S.	Minister Counsellor, Head Political Section, Indonesian <i>antiga</i> <i>unidade de trabalho</i>

Mas' oed, Mohtar	Embassy Brussels
Mattalitti, Abdurrachman	Senior Lecturer, Gadjah Mada University, Yokyakarta
May, Bernhard	Minister, Indonesian Embassy in The Hague
	Senior Research Fellow, German Society for Foreign Affairs, Bonn
Nasution, Anwar	Professor, University of Indonesia, <i>Dean of Faculty of Economics</i>
Neves, Miguel Santos	Head of the Asia Programme, Institute for Strategic and International Studies/Lisbon
Noordermeer, Peter	Minister Counsellor, Embassy of The Netherlands, Jakarta
Pinto Leite, Pedro	General Secretary, International Platform of Jurists for East Timor
Rodrigues, Roque	National Council of Timorese Resistance, Lisbon
Salim, Emil	Chairman, Community Recovery Programme, Jakarta <i>Ex-Minister.</i>
Schulte Nordholt, Nico	Associate Professor, University of Twente
Schwarz, Adam	Consultant, Council of Foreign Relations, Washington
Simandjuntak, Djisman S.	Executive Director, Prasetya Mulya, Graduate School of Management, Jakarta
Staden, Fred van	Director, Clingendael Institute
Sulistyo, Hermawan	Researcher, Indonesian Institute of Sciences, Jakarta
Tigor, Bonar (Coki)	Executive Chairman, SO/DAMOR (Solidarity for Peace in East Timor) /21
Vasconcelos, Alvaro	Director, Institute for Strategic and International Studies/Lisbon
Wall, David	Head Asia Programme, Royal Institute of International Affairs Chatham House, London
Ward, Eilis	Political Scientist, Trinity College, Dublin
Yudhoyono, Susilo Bambang	Chief of Staff for Socio Political Affairs, Indonesian Armed Forces

Staff of the Indonesian Embassy

Ashariyadi, Mr.	First Secretary Political Affairs
Djamil, Yusbar	Deputy Chief, Indonesian Mission to the European Communities
Djelantik, I. Gde	Minister Counsellor, Head of Political Department
Kusnindar, T	Economic Department
Ladjuris, Mr.	Minister Counsellor
Margoho, Ali R.S.	Minister Counsellor, Head Political Section, Indonesian Embassy Brussels
Marsudi, Mrs. Retno L.P.	First Secretary
Mattalitti, Abdurrachman	Minister, Indonesian Embassy in The Hague
Troestro Poernomo, W.D.	Indonesian Mission to the European Communities
Widajanto, Wahjudi	Defence Attaché

Clingendael Conference Organizer:

Vogelsang, Sandra M.	Head Logistics and Organization, Clingendael Institute
----------------------	--

PROGRAMME
 THE RELATIONS BETWEEN THE EUROPEAN UNION AND INDONESIA IN THE CON-
 TEXT OF THE ASIAN CRISIS
 26th and 27th October 1998, The Hague
 Clingendael Institute in cooperation with the Institute for Strategic and Interna-
 tional Studies/Lisbon

Monday 26th October

09:00 Opening Session

09:30 **The nature and causes of the Indonesian crisis**

The Indonesian crisis in the context of the Asian crisis: internal vs. external causes

Economic and political dimensions of the crisis

Impact of the crisis: consequences and costs for the Indonesian society

Speakers:

Rosita S. Noer, President Director of Transportama Nusasemekta*

Anwar Nasution, Dean, Faculty of Economics, University of Indonesia

Mohtar Mas'ood, University Gadjah Mada, Yogyakarta

Comments: *Anne Booth*, Royal Institute of International Affairs, London

*The paper will be presented by Hermawan Sulistyono

11.00 Coffee/tea break

11:30 **Indonesian crisis: searching for solutions**

The political economy of transition and adjustment

Political transition and reform of the political system: opportunities and obstacles. The role of key players and alternative scenarios for the transition

The role of civil society

East Timor

National Problem and Federalism

The role of the armed forces in the process of democratisation

Speakers:

Susilo Bambang Yudhoyono, Chief of Staff for Socio Political Affairs, Indonesian Armed Forces, Jakarta *Lieutenant General*

Cornelis Lay, Professor, University Gadjah Mada, Yogyakarta

Lucas da Costa, Professor, University of Surabaya

Comments: *Miguel Santos Neves*

13:00 Lunch

14:30 **Indonesian crisis: searching for solutions (continuation)**

Speakers:

Johannes Haribowo, Brig. General, ABRI, Jakarta, *Ex Vize Governor of East Timor*

Comments: *David Camroux*, CERI, Centre d'Études et de Recherches Internationales

Miguel Santos Neves, Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, Lisbon

16.00 Coffee/tea break

16:30 The EU- Indonesia relations

Assessment of the EU policy towards Indonesia, ASEAN and response to the crisis
Recent evolution of bilateral relations and programmes of cooperation at both governmental levels and non governmental levels

East Timor

Human Rights

The impact of the Indonesian crisis in the EU and on bilateral relations

Speakers:

Eilis Ward, University of Dublin, Trinity College, Ireland

Eddi S. Hariyadi, Directorate of Multilateral Economic Cooperation, Department of Foreign Affairs, Jakarta

Comments: *Zacarias da Costa*, National Council of Timorese Resistance by the EU, Brussels

18.30 Aperitif

Tuesday 27th October

09:30 What role for external actors?

The role of multilateral financial institutions

The role of major bilateral players

Speakers:

Adam Schwarz, Council of Foreign Relations, Washington

Emil Salim, Chairman, Community Recovery Programme, Jakarta

Djisman S. Simandjuntak, Prasetya Mulya, Graduate School of Management, Jakarta

Comments: *Bernhard May*, Deutsche Gesellschaft für Auswärtige Politik, Bonn

Roque Rodrigues, National Council of Timorese Resistance, Lisbon

11.00 Coffee/tea break

11:30 The EU – Indonesia relations: what prospects for the future?

Speakers:

Hermawan Sulisty, Indonesian Institute of Sciences, Jakarta

Nico Schulte Nordholt, University of Twente, The Netherlands

Umar Juoro, Research Executive, CIDES, Jakarta

13.00 Lunch

15:00 Closing Session (open for press)

Hans H.J. Labohm, Clingendael Institute, The Hague

Hermawan Sulisty, Indonesian Institute of Sciences, Jakarta

Alvaro de Vasconcelos, Institute for Strategic and International Studies, Lisbon



Universidade do Porto

**MULTIFACETED LOOK ON WORLD HISTORY:
DIFFERENT PERCEPTIONS OF HISTORY BY PEOPLES OF THE
FIVE CONTINENTS**

1. Goals and justification

2. International and Interactive Course on East Timor, Indonesia and the International Context: - History and Perceptions

- 2.1 Goals of the course
- 2.2 General schedule and organisation
- 2.3 Teachers and students (participants)
- 2.4 Provisional draft programme and schedule
- 2.5 How to launch the course

3. Development of Studies of Comparative History

- 3.1 Goals and justification
- 3.2 Creation of libraries of history school books and development of studies of comparative studies
- 3.3 Publication of a book on Perceptions of the History Around the World, and other possible outcomes

Person responsible for the Course and General Coordinator (Provisional)

(Antonio P. Barbedo de Magalhães)

**Coordinator of the Symposia on Timor of Oporto University
Full Professor
Oporto University
Portugal**

23 February 1998

1. GOALS AND JUSTIFICATION

In the era of globalisation within which we are living, there are still harsh conflicts and dangerous tensions between states, governments, peoples and groups. Many people die everyday in those conflicts. Others are tortured, raped or oppressed by political powers or groups, or continue to starve as a consequence of international injustice.

The lack of knowledge and prejudices contribute to the misunderstanding between different peoples. Non-democratic powers can use (and sometimes do use) it to promote instability, fear, hatred and even real conflicts. Even democratic states, governments and international powers lead unfair and unjust world policies. Lack of information, misunderstandings and cultural prejudices have a say on this.

In sharing the knowledge and the perceptions of History of different peoples, it may contribute to reduce or eliminate prejudices, improve understanding and peaceful co-operation.

In the specific case of East Timor, whose people is being victim of one of the worst genocide of this century – probably with more than 40% of the whole population exterminated during the first six years of Indonesian occupation – it is extremely important to find a solution which respects human rights and the International Law, namely the right to Self-Determination of its people. A real solution of the conflict will not be achieved only by the withdrawal of the Indonesian occupying forces from the territory. It is also important to re-establish the self-reliance among the Timorese themselves, and good relations between the Timorese and the Indonesian peoples. A better understanding of the history and of the different perceptions of the history that each one has, can strongly help to build bridges between those two peoples as well as between others who have had different life experiences and different cultural backgrounds.

The East Timor case, being the most dramatic genocide of the last twenty two years, is not the only one. It happens that many other peoples have lived colonial experiences either as colonisers or colonised or both, or have suffered wars or other oppressive and traumatic situations. In several cases, religious believes have been used to cause conflicts and struggles.

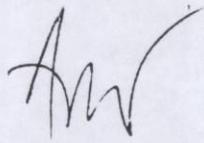
This is why it is not enough to focus only on the East Timorese and the Indonesian peoples, or even on the two and Portugal, the former colonial power in East Timor.

It is necessary to have a broader view, to look at the History of different peoples and countries, and to study and take into consideration the perceptions that each one has of it. The simple comparison of school text books of National and World History, used in primary and secondary schools of various countries in the five continents, can strongly contribute to a more open debate between different peoples and favour a new trend in international relations.

This becomes even more necessary, where war, oppression and hatred continue to prevail, so as to bring peace, co-operation and friendship.

It is in fact very important and necessary to reduce tensions and avoid new harsh conflicts, and replace them with open debates, democratic criticism, human rights improvement and broader mutual solidarity and friendship.

This is the goal of the two initiatives briefly described below.



2. INTERACTIVE COURSE ON EAST TIMOR, INDONESIA AND THE INTERNATIONAL CONTEXT: - HISTORY AND PERCEPTIONS -

2.1 - AIMS OF THE COURSE

The aims of the course are:

- 1) - To provide a multifaceted view of the history of East Timor, Indonesia and the international context;
- 2) To promote a better understanding of Indonesian and Timorese views on the issue of East Timor;
- 3) To promote international relationships less based on prejudices and more on historical realities;
- 4) To open avenues for a better understanding and co-operation between peoples who have different cultures, religious beliefs and historical experiences;
- 5) To search for a fair, just and internationally acceptable solution for the problem of East Timor.
- 6) To search for more fair and just international relationships and a better understanding between different peoples and cultures.

2.2 - GENERAL SCHEDULE AND ORGANIZATION

People from all countries who are interested in sharing their historical knowledge and perceptions are invited to participate as teachers in an international and interactive course, which focuses on East Timor and Indonesia. We call them teachers or authors, because they are expected to contribute with written texts, to be provided through e-mail, to all the other authors and some students.

The language to be used is English.

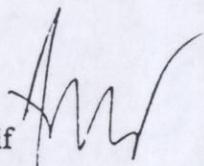
All the authors have to be willing, from the beginning, to receive comments and criticisms about their texts from the other teachers or authors. This course will be, in effect, a challenge to broaden views and break through traditional and conservative approaches to history.

About one hundred students, East Timorese, Indonesians, Portuguese, Dutch and from many other countries, will be accepted. Some of them will be students at university level, but others will be high-school students, professionals, and members of non-governmental organisations, as well as other people interested in the subject. They need a reasonable knowledge of the English language and to have access to e-mail.

The students can raise questions as well as comment on teachers' texts. They will do self-evaluation tests, provided by some or all the teachers, with questions they have to answer and send to the Coordination Board or to the General Coordinator.

The co-ordination of the course will belong to a small body (the Coordinating Board) to be

established after receiving proposals from the candidates. A General Coordinator and, if possible, a Secretariat of the course, will be established .



Each author will take the responsibility of sending his/her texts in due time to the Coordinator. The latter will make those texts available to all the other teachers and the students, through e-mail. Each participant, teacher or student, will be responsible for his own e-mail and other costs.

The participating students will be selected by the Coordinating Board, among the candidates proposed by the teachers or by the students themselves. They will not pay any fee. But they are supposed to follow the course actively and positively. If not, they may be eliminated from the list of participants, and their e-mail address will be removed from the address list. The same applies to the teachers.

The teachers will not receive any pay for their contributions. There will be no payment for author copyrights.

It is planned that the course will last for one year, starting, if possible, in 1998.

Depending upon the experience acquired, a second course and a book or a CD-ROM, might eventually be produced in 1999 or later. The authors of such a book, CD-ROM or of the second course, will include all or some of the teachers of the first course, as well as new authors.

Any author or any student is free to withdraw from the Course at any time he/she so desires. Their texts they may have already provided will continue to be used by the students as well as by the other teachers, without payment any copyrights.

The possibility of organising videoconferences or even live conferences with all or some of the authors will be studied, depending on costs and financial support available from the partners or from other sources.

At the beginning, teachers will set a global schedule for the course. Participants are strongly requested, to respect this established and agreed upon timetable. If any one or several teachers do not respect the schedule and the timetable established, the dates dealing with any specific period or subject, may not necessarily be changed. As long as anyone provides the texts at the right time, the course will proceed as scheduled.

The General Coordinator, or his University, will in due time provide a certificate, for teachers and students who participated in this Course in an active and constructive way, in due time. No classifications will be ascribed to any student.

2.3 - TEACHERS AND STUDENTS (PARTICIPANTS)

People who have research commitment or interest in the fields of History, Anthropology, Political Sciences, Southeast Asian Studies and others, from East Timor, Indonesia and other countries, will be invited to participate as "teachers".

In principle and if possible, invitations for teaching will be sent to academics and other people from:

- | | | | |
|--------------|-------------|---------------|--------------------|
| - Angola | - Germany | - Malaysia | - Saudi Arabia |
| - Australia | - Holland | - Morocco | - South Africa |
| - Brazil | - India | - Mozambique | - Spain |
| - China | - Indonesia | - Pakistan | - UK |
| - East Timor | - Iran | - Philippines | - USA |
| - Egypt | - Iraq | - Polynesia | - other countries. |
| - France | - Japan | - Portugal | |

Students from all of these and other countries will also be welcomed, provided a good balance is guaranteed (with predominance of Timorese and Indonesian students, if possible). All of them must have access to e-mail and assume their own e-mail costs. As we have already said they can be university students, high-school students, professionals, members of non-governmental organisations or any others.

The teachers can suggest candidates for students.

The number of candidates will be limited for financial and practical reasons.

To be accepted as a student of this course, each candidate has to assume the responsibility to answer, regularly and in due time (normally less than three weeks) the short questionnaires that will be sent each month by some of the teachers or by the General Coordinator. Those who repeatedly do not reply, will be eliminated from the list of students and from then on will cease to receive the texts of the Course.

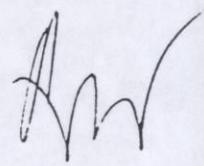
All the texts produced by the teachers will be in English. They can, in some cases, annex and send original texts in other languages, together with the English translation. The students also have to use the English language.

There will be no grading or classification of the student's answers, other than their own self-evaluation. Teachers can send comments to the students, regarding either individual answers or doubts and misunderstandings presented by several students.

The Students texts will allow the teachers to make themselves, too, their own evaluation.

A final evaluation of the full course will be done and the end. In order to do that, students and teachers will be invited, in due time, to answer a questionnaire and send commentaries on it.

2.4 - PROVISIONAL DRAFT PROGRAMME AND SCHEDULE



The course will be divided in periods agreed between the teachers (authors) and the Coordination Board.

As a mere suggestion, we propose a program divided in 11 periods to be taught throughout eleven months:

- 1 - VIth. Century BC to Vth. century AD: - the birth and spread of world religions (Hinduism, Buddhism, Jewish, Christianity) and Chinese (Confucianism) and Greek philosophies; Eventually, a short reference to the peopling of the region and a summary of its pre-history will also be considered;
- 2 - Vth. To XIIth. AD: - The birth and spread of Islam, and the Arabic expansion; the Malaya "discoveries"; Middle East and Eastern navigators and traders;
- 3 - XIIth. To XVth. Centuries;
- 4 - XVth. to XVIIth. Centuries: - Portuguese and Spanish "discoveries", European expansion and the spread of Islam in Southeast Asia;
- 5 - XVIIth. To XIXth. Centuries: - scientific and technological progress: the first industrial revolution and the European colonialism;
- 6 - US independence, French revolution and counter revolution;
- 7 - Berlin conference and the shaping of European colonialism;
- 8 - 1914-1945 – The world at war and the development of nationalistic movements;
- 9 - 1945-1965;
- 10 - 1966-1974;
- 11 - 1975-1998.

The course will not necessarily follow a chronological order .If teachers and students prefer, the major aspects of the XIXth. century may be the first to be addressed.

A thematical approach of the XIXth. And XXth. century may also be considered. Teachers will be requested to provide suggestions about this.

The regions to be covered, in each period are:

- Southeast Asia, with focus on (East) Timor, Sumatra, Java and the whole archipelago;
- Western Europe, with focus on Portugal, Spain, the Netherlands and the United Kingdom;
- India, China, Malaya and the Arabic World;
- Other regions related to the subjects under consideration.

Amw

Note 1:- Each author can write about all the periods and all the regions, or only about some periods or regions or even on specific topics to be agreed upon with the Coordinator or the Coordinating Board.

Note 2:- Each author is asked not to write more than 30 pages regarding each period.

For each period the authors are asked to write about some (or all) of the following themes:

- i) State of the World;
- ii) History of East Timor, Javanese and/or Sumatran Kingdoms, Indonesia, South East Asia, South and East Asia;
- iii) History of Portugal, Holland, Western Europe and regions under European influence;
- iv) Culture, including religion, customs, food, clothing, housing, role of women and men, etc.;
- v) Economy, economic relations and economic policy;
- vi) Politics: - political organisation and exercise of power; slavery, administration and law, political and military History;
- vii) International powers and organisations, formal and informal international law and international practice;
- viii) Education; Science and Technology;
- ix) Key persons;
- x) Determinant events;

The authors can suggest specific themes to be considered and included in the course. Those themes may cover more than one period.

A debate on the global perspective regarding the relationship between Peoples and Powers will finalise the Course

2.5 - HOW TO LAUNCH THE COURSE

Until May 1998, contacts will be established to get a list of authors and discuss the general schedule of the course. And until July contacts will be established to try obtain financial support for the course (and also for the studies of Comparative History).

By May or June 1998, if possible, an agreement will be established among the authors willing to participate in the project. The periods and themes to be approached by each author will be agreed upon, taking into consideration their proposals.

The Coordinating Board and the General Coordinator will be chosen also in May or June 98.

From May to September 1998, the Coordinator will receive proposals for students and the Coordinating Board will select about one hundred candidates.

The Course will take place in 1998/99.

3.- DEVELOPMENT OF STUDIES OF COMPARATIVE HISTORY

3.1 – GOALS AND JUSTIFICATION

We consider that the studies of comparative History by people of the five continents can contribute to the building up of new international conscience and understanding between different peoples on earth, and so, to prevent or manage international conflicts.

To compare different ways of perception, sentiment and perspectives of historical reality, can contribute to overcoming prejudice and open for frank, sincere and fraternal relations between people, of the same history, with different perceptions.

3.2 – CREATION OF LIBRARIES OF HISTORY SCHOOL BOOKS AND DEVELOPMENT OF STUDIES OF COMPARATIVE HISTORY

Taking into account what is said in the above point (3.1), we consider it very important to create at least one library of History School Books in one university in each continent.

As a simple hypothesis we can consider, for instance, the establishment of such a set of libraries in

Portugal (Europe),
USA (America),
South Africa (Africa),
India (Asia),
Australia.

If in other countries there are universities willing to create such a library, at their own expenses or with specific sponsorship, it will be welcomed, provided there are almost no expenses to be supported by the Coordinating Board.

Those libraries should have one set of history school books from as many countries around the world as possible, used in primary schools (when they do exist) right up to the last year of secondary school.

Those books will be written in as many languages as the ones used in the schools of the countries where they come from. They can be read by people who know those languages, and if that is not the case, the pictures, maps and global presentation should help the understanding of the way facts and events are presented.

In order to carry out the comparative studies of those school books, each one of the five (or more) universities, which have set up those libraries, will have two or more researchers to work on comparative historical studies. The Coordinating Board will try to obtain the necessary funds to pay one of those researchers in each university (five altogether). In special cases those studies can eventually be realised out of the university system.

3.3 - PUBLICATION OF A BOOK ON PERCEPTIONS OF THE HISTORY AROUND THE WORLD, AND OTHER POSSIBLE OUTCOMES

One of the outcomes of the Comparative History research will be the improvement of the information spread in a second Interactive and International Course on East Timor and Indonesia: - History and Perceptions .

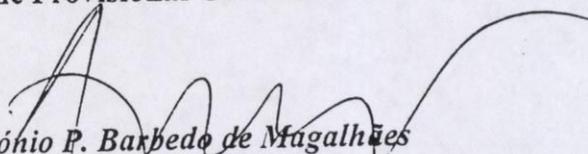
Another outcome may be an Interactive and International Course on World History.

And finally, a third outcome, there may eventually be a book on *Perceptions of the History Around the World*, produced by the teachers of the five continents.

This project, which is still in its initial phase, will be better defined by the suggestions and contributions of the authors who are willing to participate in it.

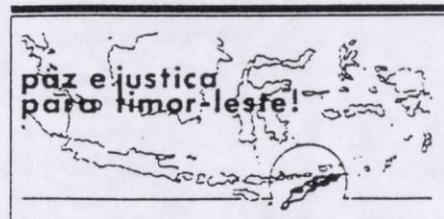
Oporto University, 23 February 1998

The Provisional Coordinator


António P. Barbedo de Magalhães



Fundação
 Casa da Cultura de Língua Portuguesa (CCLP)
(Instituição de Utilidade Pública, D/L 469/77)
 Comissão Organizadora das Jornadas de Timor
 da Universidade do Porto
 R. dos Bragas - 4099 PORTO Codex - PORTUGAL



Project on

REFLECTION AND DEBATE BULLETIN

on

EAST TIMOR AND INDONESIA

(20-10-98)

1- OBJECTIVES:

The objectives of the Bulletin are:

- i) - To select and articulate useful information in order to help define political strategies with view to self-determination of East Timor and democratisation of Indonesia;
- ii) - To develop and disseminate knowledge on Politics, Economy, Education, Health, Environment, Administration, Foreign Relations, history and other fields of interest for the study of East Timor, Indonesia and the surrounding region;
- iii) - To promote the debate of ideas among Timorese residing in Portugal, Australia, Indonesia and East Timor or in other countries, within a democratic environment, of respect for each other as with freedom of expression and constructive criticism.
- iv) - To give voice to Indonesian democrats and to the Indonesian solidarity with the Timorese and promote dialogue and better mutual knowledge between Timorese and Indonesians and among these two and the peoples of South East Asia;
- v) - To promote dialogue among Timorese, Portuguese and other Portuguese speaking peoples, and a better knowledge of their political and development experiences;
- vi) - To promote the debate on democracy, in all its senses, the human rights and the cultural context of the region;
- vii) - To promote inter-cultural and inter-religious dialogue and a better knowledge of the different religions, values and ways of life of persons and peoples of South East Asia;
- viii) - To promote the debate on educational projects and about pedagogical practises, taking into account the fundamental role of education and continuous training in the integral human development;
- ix) - To promote international inter-university cooperation on studies related to Timor, Indonesia and the Region.

As it is a reflection and debate bulletin, its interest is not to publish updated news. It will usually publish chronologies, analysis and synthesis which correspond to past periods, in which there will normally be a delay in relation to the updated events. The analysis and reflection, in a historical perspective, will be one of its main objectives.

In order to promote the debate of ideas, the bulletin will try to publish articles written by different authors with different views on the same subject. Besides this, there will also be a section for "Letters from the Readers", in which the readers may express their opinions and make comments and suggestions. The importance of the section will depend upon the participation and interest of the readers.

The inter-cultural debate will also be promoted by the bulletin, whose interest should be to publish articles written by people with different religions, philosophies and cultural roots.

The global concerns, related to the general lines of policy for integral human development will be reflected in the texts that will be published, and this will also be one of the guide lines of this Bulletin.

The goal of the Bulletin is then to support the preparation for democratic life to facilitate self-training, through dialogue and the debate of ideas between people with different ideas and values, as well as to prepare studies and disseminate the necessary knowledge to make conscious options adjusted to the local and regional realities and needs.

2 ADDRESSEES

- Political leaders and specialised Timorese staff;
- Timorese, Indonesian and Portuguese students, as well as from African Portuguese Speaking Countries and students of other nationalities;
- Bodies and personalities involved in activities or who have responsibilities to East Timor;
- Parliamentarians and other Portuguese and foreign politicians;
- Ambassadors and other members of the Diplomatic Corps;
- Leaders and specialised Indonesian staff;
- National and foreign solidarity groups;
- University researchers and other researchers on Timor and Indonesia;
- Journalists;

Most of these addressees will be almost exclusively readers. But others, namely the political leaders and Timorese and Indonesian cadres and leaders, will also be the authors and participants in the debates that the Bulletin will promote.

3. SECTIONS

The bulletin will usually have a main subject in each edition, as well as the following sections:

- Politics (chronology and political analysis)
- Economy
- Education
- Health
- Environment
- Administration
- International Relations
- History
- Debate and Opinions of the Readers
- Documents
- Bibliographical references
- Other sections that may seem necessary, in each edition.

4.5 Languages

Taking into account the proposed objectives, the bulletin will be published in three languages:

- Portuguese,
- English,
- Indonesian.

The site on Internet should have these three language options for the reader to choose. Nevertheless, the English and Indonesian language version may not be put on Internet at the same time as the Portuguese version.

4.6 Periodicity

The Bulletin should be published every two months.

As was mentioned before, this does not prevent articles from being disseminated through Internet much earlier as they reach the Bulletin's office, appealing for the debate of the ideas expressed by the authors.

The Bulletin may have extra editions for texts and documents that are too long for the normal edition.

5. STRUCTURE AND ORGANISATION

5.1 Editorial Board and Staff

The Bulletin will be run by an editor who is responsible for the general organisation, selection of texts and appeal for articles and comments.

The Editor will have the cooperation of an Editing Board which will progressively be formed according to the collaboration of the participants. The participants will be Timorese, Portuguese, Indonesians and from other nationalities. The members of the editing staff will be, invited by the editor, to collaborate for one year that can eventually be renewed. The Representatives of the Organising Committee of the Symposia on Timor of OU, of the Associação Paz e Justiça para Timor Leste and the Associação 12 de Novembro will be consulted about the composition of the Editing Board.

The editor, who initially will be António Pinto Barbedo de Magalhães, will form a group of collaborators, dispersed geographically throughout East-Timor, some Indonesian cities, Australia, Portugal and throughout other countries, with different functions in order to promote and publish the articles and arouse debate on specific themes.

The Bulletin should have a Board with at least one collaborator for each section.

5.2 Production

The Portuguese version will be done in Portugal, by a small number of people, an Executive Coordinator, a Computer Operator and one or more translators and secretaries working full time or part time.

The Bulletin will be edited by the and Associação 12 de Novembro (which is informally linked to the Group Forum) because of the experience they have in publishing magazines and creating multimedia products.

4. PRESENTATION AND DISSEMINATION

4.1 Title

The title should be as follows:

EAST TIMOR AND INDONESIA Reflection and Debate Bulletin

4.2 Multimedia version, through Internet

Because Internet is the cheapest and quickest way to send and receive texts and images, this will be the privileged means through which the dissemination and debate will be done.

For this purpose, a small office will be set up, in order to create a web-site, which will launch the formatted texts in Portuguese and English. These texts, composed of articles of authors, summaries, comments, opinions, reader's letters, will be selected by the Editor of the Bulletin.

It is possible that these texts will quickly be introduced in the site, so as to arouse immediate debate. The texts may be changed by the authors and then published in a final version, which will be re-introduced, periodically, when each issue of the Bulletin is completed.

The editor of the Bulletin may and should, normally, ask for another other opinions on the texts presented.

The publications of any article will depend on its quality, opportunity and length.

Each article should include an introduction, which can be used as a summary, including the name of the author (or authors) and date.

4.3 Version printed on paper

For the readers who have no access to Internet, and in order to easily consult and file the bulletin, printed versions will also be published in the following languages: Portuguese, English, and Indonesian language. In order to reduce costs, there will be no coloured images, and even the black and white images will be very few. The cover of the bulletin should probably have two colours, which will be changed annually.

The size of the bulletin should be an A5 or similar (in book form) with approximately 60 to 120 pages for each edition.

4.4 The summarised version

There should also be a summarised version, also printed on paper, with summarised articles and information thought to be important to disseminate.

We are considering the possibility for the Bulletin to be edited, in the future, by a University Centre, and later by an Institute of Studies on East Timor, Indonesia and South East Asia. This institute should be created by one or more than one Portuguese university, in collaboration with the University of Dili and Indonesian universities as well as other universities from other countries.

5.3 Translation and edition of the English and Indonesian versions

The translation of the Bulletin to English will initially be done in Portugal, with the help of a professional translator, and edited by the office in Portugal.

6. DISTRIBUTION

In order to distribute the multimedia version, computer workshops will be set up in Timorese and Indonesian cities, where there is no easy access to Internet for the collaborators of the Bulletin.

The collaborators will print the texts received through Internet, and then disseminate them. These collaborators will perform active role in the debate of ideas disseminated through the Bulletin and they will also give feedback.

The help and support of the Associação Terra à Vista will be asked in order to create the computer networks.

7. THE FORESSEEN EVOLUTION

Because this Bulletin's objective is to promote democratic debate specially among Timorese and between Timorese, Indonesian and Portuguese about essential and strategic issues during the phase of transition in course, the bulletin is open to all participants interested in spite of academic qualifications.

The NCTR (National Council of Timorese Resistance) and its members, as well as Timorese people and organisations interested in the debate on strategic options during the transitional phase of democratisation, should use the Bulletin and the computer centres to put forward their ideas and projects and to develop the dialogue among people.

During a second phase the issues will be approached in a more detailed and deeper way, requiring specialised and qualified knowledge. The demands on the quality of the articles and the debates will then be enhanced.

During a third phase there should be research on themes and problems identified as the most important and essential for the development of East Timor and to enhance Democratic consolidation in East Timor and in Indonesia. A Centre or University Institute will be created in which teachers, researchers, Indonesians, Portuguese and from other nationalities will collaborate together, and the results of the research will be published in the Bulletin. This may later become a review on studies about East Timor, Indonesia and South East Asia.

Porto, 20th October 1998

(Rui Pereira Marques)
President
of the Associação
12 de Novembro

(António Barbedo de Magalhães)
(Full Professor)
Coordinator
Of the Syposia on Timor
Of Oporto University

(José Lopes Baptista)
Vice President of
Associação Paz e Justiça
Para Timor-Leste



Amr

Fundação
Casa da Cultura de Língua Portuguesa (CCLP)
(Instituição de Utilidade Pública, D/L 469/77)
Comissão Organizadora das Jornadas de Timor
Da Universidade do Porto
R. dos Bragas - 4050-123 PORTO - PORTUGAL

RELATÓRIO DO

**SEMINÁRIO DE DEBATES PARA DISCUTIR
E AJUDAR A PREPARAR O FUTURO DE TIMOR-LESTE**

TIMOR-LESTE A CAMINHO DO AUTOGOVERNO E DA AUTODETERMINAÇÃO

3

Organização da:

Comissão Organizadora das Jornadas de Timor da Universidade do Porto

Com o apoio de:

Associação Paz e Justiça para Timor-Leste
Associação Doze de Novembro
Acção Jovem para a Paz (YAP – Youth Action for Peace)

e com o Patrocínio da

Fundação das Universidades Portuguesas

Realizado na

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

de 9 a 11 de Outubro de 1998

Coordenador: - Professor A. Barbedo de Magalhães

13 de Novembro de 1998

1. CONTEXTO E OBJECTIVOS DO SEMINÁRIO

Depois do fim da 2ª Acção de Formação para a Democracia (em Março de 1998), dois acontecimentos muito importantes marcaram a evolução da questão de Timor-Leste:

1º) A realização e o êxito da 1ª Convenção Nacional Timorense na Diáspora, realizada entre 23 e 27 de Abril de 1998, em Lisboa e Peniche, e a consolidação da unidade timorense com a consagração do líder máximo da Resistência Timorense e símbolo do seu Povo, Xanana Gusmão, e a sua eleição, por aclamação, como Presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorense;

2º) A queda do ditador Suharto, e a transição semi-revolucionária que a acompanhou e que continua, ainda tortuosa e mal definida, onde se misturam elementos de continuidade do regime anterior com aspectos claramente inovadores (nomeadamente nos capítulos da liberdade de expressão e dos direitos humanos).

Esta evolução traduziu-se num acordo estabelecido nas Conversações de Nova York, em 4 e 5 de Agosto passado, entre os Ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da Indonésia e o Secretário Geral da ONU. Este acordo abriu caminho a conversações sem pré-condições, e a uma autonomia alargada e perspectivada num quadro internacional, de que as Ilhas Cook ou o território de Aruba poderão ser o modelo.

É evidente que a Comunidade Internacional não pode aceitar a perpetuação da ocupação de Timor-Leste por uma potência estrangeira. Cabe-lhe, pelo contrário, continuar a exigir o fim dessa ocupação e, a criação de condições para uma genuína autodeterminação. É essa a obrigação estrita das Nações Unidas e a postura consistente de Portugal e da solidariedade internacional.

Tendo em conta a nova situação criada pela evolução recente, foram objectivos deste Seminário, discutir e potenciar saídas para o problema de Timor-Leste, identificando riscos e oportunidades, e perspectivando estratégias que pudessem ter resultados práticos, não apenas com vista à autodeterminação, a curto ou médio prazo, mas também com vista à construção de um quadro de vivência democrática a médio e a longo prazo, com os correspondentes desenvolvimentos políticos e económicos sustentados e viáveis no contexto geopolítico em que Timor-Leste se insere.

A vinda à Europa de alguns timorenses residentes em Timor-Leste ou na Indonésia, para participar noutras iniciativas a ter lugar na Finlândia em princípios de Outubro, determinou a data deste Seminário.

2- PROGRAMA DO SEMINÁRIO

O programa efectivo do seminário foi o que se segue

9 de Outubro de 1998 – 6ª fª

- 21h15 a 23h00 > **A SITUAÇÃO ACTUAL EM TIMOR-LESTE E NA INDONÉSIA E A PREPARAÇÃO PARA O AUTOGOVERNO**
- **A. Barbedo de Magalhães** (COJTUP) –*Contexto e Objectivos do Seminário:- As Questões da Hora Presente;*
 - **Joaquim Fonseca** (Timorense, estudante de Engenharia Florestal residente em, Dili Timor-Leste) –*A situação em Timor-Leste e os debates sobre a autonomia, a autodeterminação e a preparação para o autogoverno;*
 - **Demétrio Carvalho** (Timorense, estudante de Engenharia Ambiental em Jakarta, Indonésia) –*A situação na Indonésia, as contradições internas, os riscos de um eventual colapso económico, social e político e as suas consequências para Timor-Leste;*
 - **Dr.ª Paula Escarameia** (Prof.ª do ISCSP, ex-membro da Missão Permanente de Portugal junto da ONU) – *As diferentes modalidades possíveis do processo de autodeterminação e o caso de Timor-Leste;*
 - **Eng.º João Carrascalão**, Presidente da UDT e Membro da Comissão Política do CNRT– *Da autonomia à autodeterminação?*

10 de Outubro, Sábado

8h30 a 9h30 Pequeno almoço

- 9h30 a 10h30 > **DEBATE PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS DE REFLEXÃO E DE TRABALHO PRIORITÁRIAS.**
Presidido pelo Dr. Lucas da Costa , secretariado por Lurdes Bessa.

10h30 a 15h00 Almoço

- 15h00 a 16h30 > **TIMOR LESTE, UMA RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL – PAPEL DA ONU, DA UNIÃO EUROPEIA E DA POTÊNCIA ADMINISTRANTE.**

- **Dr. Miguel Santos Neves** em representação do Dr. Álvaro de Vasconcelos(Presidente do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais);
- **Deputada Manuela Augusto**, do Grupo Parlamentar do PS
- **Deputado Corregedor da Fonseca**, em representação do Sr. Presidente da Comissão Eventual da Assembleia da República para Timor-Leste e do grupo parlamentar do PCP.

16h30 a 17h30 Pausa para chá ou café

- 17h30 a 19h00 > **APOIO AO TRABALHO DOS QUADROS TIMORENSES E À SUA FORMAÇÃO, E A SUA IMPORTÂNCIA NA PREPARAÇÃO PARA O AUTOGOVERNO.**

- **Mateus Brito Ximenes**, (Jovem Timorense, residente em Portugal, membro da OJETIL);
- **Carlos da Silva Lopes**, (Jovem Timorense, residente em Portugal, membro da RENETIL);
- **Dr. José António das Neves** (Timorense, licenciado em Filosofia, residente em Surabaia, na Indonésia);
- **Dr. Roque Rodrigues**(Conselho Nacional da Resistência Timorense, CNRT);
- **Dr.ª Maria Helena Valente Rosa**, representante do Ministério da Educação, na Comissão Interministerial de Apoio à Comunidade Timorense

19h00 a 21h00 Jantar

21h00 a 22h30 > **PAPEL DA SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL, NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO.**

- **Maurício Giuliano**(OXFAM);
- **Teresa Cunha**(AJP-YAP);
- **Luís Paulo**, (CDPM);
- **Dr. Ivo Cruz**, em representação do Secretário de Estado da Juventude.

11 de Outubro, Domingo

8h30 a 9h30 Pequeno Almoço

9h30 a 11h00 - **DEBATE GERAL DIRIGIDO PELO CNRT**, dirigido pelo Eng.º João Carrascalão, coadjuvado pelo Dr. Alberto Araújo e o Dr. Lucas da Costa.

11h30 a 13h00 > **OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA EM TIMOR-LESTE**

- 3 - **Dr. Nunes da Silva** em representação do Prof. Fernando Cascais, Director do CENJOR;
- **Dr. Hernani Santos**, (Professor do Curso de Jornalismo para timorenses realizado em Julho e Agosto de 1998 no CENJOR.);
- **Sandra Martins** (aluna do Curso de Radiojornalismo);
- **Dr. Rui Marques**, (Associação 12 de Novembro e Grupo Forum);
- **Entrega de diplomas aos Alunos do Curso de Radiojornalismo.**

13h00 a 15h00 Almoço

15h00 a 16h15 > **PORTUGAL E O FUTURO DE TIMOR-LESTE**

- **Dr. Lucas da Costa** (timorense, doutorado em Economia da Educação, em Surabaia, Indonésia) - *A Cooperação de Portugal e da Indonésia para o Futuro de Timor-Leste;*
- **Professor Nuno Grande** (Pró-Reitor da U.P.) - *A Universidade do Porto, as Universidades Portuguesas, o processo de transição e o futuro de Timor-Leste;*
- Leitura da Intervenção do **Dr. Mari Alkatiri** (CNRT) (que não pode deslocar-se a Portugal) - *As necessidades de apoio à Resistência e ao processo de transição, e o futuro das relações entre Timor-Leste e Portugal;*

16h15 a 17h30 Intervalo para chá e café

17h30 a 19h00 > **RISCOS E DESAFIOS PARA O AUTOGOVERNO E A AUTODETERMINAÇÃO DE TIMOR-LESTE**

- **A. Barbedo de Magalhães**, Coordenador;
- **Eng.º Mário Carrascalão**, Membro do Conselho Superior Consultivo do Presidente da República da Indonésia;
- **Dr. José Ramos Horta**, Vice-Presidente do CNRT e Prémio Nobel da Paz - *Perspectiva internacional da questão de Timor-Leste, hoje;*
- **Embaixador António Franco**, Chefe da Casa Civil do Presidente da República, em representação de Sua Excelência o Senhor Presidente da República.

3- REUNIÕES E AUDIÊNCIAS ANTES E DEPOIS DO SEMINÁRIO

A realização do Seminário serviu, não só para facilitar a troca de informações e debate de ideias entre timorenses residentes em Portugal, mas também para levar a efeito encontros de alguns dos participantes timorenses vindos de tão longe com altos funcionários e assessores de órgãos de soberania portugueses .

Destas reuniões e encontros destacamos :

3.1 - Almoço oferecido pelo Dr. Carlos Gaspar, Consultor do Presidente da República para os Assuntos Políticos, na 6ª Fª., 9/10/98, aos seguintes timorenses vindos da Indonésia ou de Timor-Leste:

- Dr. Lucas da Costa (doutorado em Economia da Educação, feito desaparecer e torturado durante cerca de 20 dias entre finais de 1997 e Janeiro de 1998 ;
- Dr. José António das Neves, licenciado em Filosofia, ex-presos político(4 anos em Semarang) ;
- Demétrio Carvalho, estudante finalista de Engenharia Ambiental ;
- Joaquim Fonseca, estudante de Engenharia Florestal.

O coordenador também foi convidado a participar nesta reunião.

3.2 – Reunião dos quatro timorenses referidos em 3.1 e de alguns elementos da RENETIL (Carlos Lopes, Domingos Sarmento, Victor Tavares, Arlindo Freitas e Lurdes Bessa) em 9/11/98 com o Dr. Rui Marques, Presidente da Associação 12 de Novembro e com o Eng.º Roberto Carneiro (Ex-Ministro da Educação).

O projecto de uma estrutura promotora do debate estratégico entre timorenses – e o papel que pode ter um boletim a publicar pela COJTUP, conjuntamente com a APJTL (Associação Paz e Justiça para Timor Leste) – foram bastante debatidos nesta reunião e em muitas conversas informais.

3.3 – Reunião do Director do Serviço de Cooperação da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. Carmelo Rosa com o Dr. Lucas da Costa e alguns timorenses residentes em Portugal (Carlos Lopes e Domingos Sarmento) em que foram pedidas bolsas de estudo para estudantes timorenses.

3.4 – Reunião do Dr. Lucas da Costa e do Eng.º Mário Carrascalão com timorenses, a pedido do primeiro, com a participação do Coordenador das Jornadas, sobre a eventual criação de uma estrutura de estudos estratégicos .

Nesta reunião, realizada na manhã de 9/10/98, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, participaram mais de trinta timorenses, entre os quais o Dr. Lucas da Costa e o Eng.º Mário Carrascalão, que foram os principais intervenientes.

Os principais temas abordados foram :

- a) Criação de uma Centro de Estudos Estratégicos de Timor-Leste (CESTIL) ou similar e a necessidade de meios e de coragem para cada um manifestar abertamente as suas ideias .
- b) Fomento do debate de ideias e políticas estratégicas entre timorenses, utilizando a Internet;
- c) Publicação de um boletim de debate através da Internet e também com impressão em papel, em três línguas, Português, Inglês, e Bahasa Indonésia;
- d) Formação de quadros timorenses e papel que pode ter a Fundação D. Boaventura na atribuição de bolsas de estudos;
- e) Importância de apoiar a vinda a Portugal de estudantes timorenses (sem se tornarem refugiados) para estudar em universidades portuguesas;

3.5 - Audiências do Eng.º Mário Carrascalão (ex-Governador de Timor) com:

- 3.5.1 - Presidente da República ;
- 3.5.2 - Presidente da Assembleia da República;
- 3.5.3 - Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Estas audiências foram marcadas em cima da hora porque o Ministro dos Negócios Estrangeiros e muitos outros membros do Governo estiveram em Moçambique no dias do Seminário e anteriores. Ainda na própria 2ª feira, dia 12/10/98, foram alteradas as horas de algumas delas para evitar incompatibilidades. Surpreendente foi o facto, apesar do pouco tempo disponível, ter sido possível realizar todas as audiências previstas.

Todas as audiências decorreram num ambiente de grande cordialidade , tendo o convidado da COJTUP deixado uma muito boa impressão. De notar que as audiências com o Ministro dos Negócios Estrangeiros e mesmo o com o Presidente da República duraram mais de uma hora.

3.6 – Reunião do Eng.º Mário Carrascalão com o Dr. Carmelo Rosa , Director do Serviço de Cooperação para o Desenvolvimento, da Gulbenkian, em que os principais problemas abordados foram:

- a) – Ensino do Português em Timor, localmente e via Internet, rádio e televisão;
- b) – Apoio ao sistema de saúde ;
- c) – Bolsas de estudo para estudantes timorenses.

3.7 - Reunião do Eng.º Mário Carrascalão com a CDPM (Comissão para os Direitos do Povo Maubere), sobre a situação actual em Timor-Leste e na Indonésia.

4- CONCLUSÕES

O Seminário mostrou ser muito oportuno. O número de participantes timorenses, que excedeu as duas centenas e encheu completamente o auditório da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (com gente de pé e algumas pessoas sentadas nos degraus), serviu para mostrar que a comunidade timorense residente em Portugal sentia necessidade deste tipo de realizações. De facto ele teve lugar numa altura em que as esperanças são muito grandes. Mas as frustrações da população de Timor-Leste, por não ver avanços significativos – apesar das promessas, não cumpridas, do Governo Indonésio – nem esclarecimentos quanto às propostas da ONU, são, elas também, cada vez maiores.

Os temas tratados foram importantes, embora nem sempre tenham sido aprofundados tanto quanto seria necessário.

O diálogo entre timorenses vindos da Indonésia ou de Timor-Leste, com os residentes em Portugal, quer nas sessões quer fora delas, foi muito útil.

De salientar a forma excelente como foi acolhido , pela comunidade timorense, o Eng.º Mário Carrascalão . Apesar de ter sido o Governador nomeado pelo regime ditatorial do ocupante, vários timorenses recordaram o quanto deviam ao ex-Governador, desde bolsas de estudo par irem (terem ido) estudar para a Indonésia, até à própria vida, que o Eng.º Mário Carrascalão salvou nalguns casos de timorenses que estavam presos e em risco de serem torturados até à morte.

De notar que não se ouviu, durante todo o Seminário, uma única palavra ou, sequer, insinuação desagradável por parte de qualquer timorense relativamente ao ex-Governador.

A vinda a Portugal do Eng.º Mário Carrascalão, que os Órgãos de Soberania queriam conhecer foi, por estes, considerada muito útil e oportuna. A forma como foi recebido e como decorreram as conversas foi de molde a criar confiança e um interesse mútuo em futuros encontros.

O facto de o Eng.º Mário Carrascalão ser, neste momento, membro do Conselho Consultivo Supremo do Presidente e do Governo da Indonésia, torna este diálogo particularmente importante. Pelo cargo que ocupa, pelas funções que desempenhou, pelo respeito e apreço com que é visto por quase toda a comunidade timorense, pelas relações que mantém com líderes da resistência e pelo conhecimento que tem dos timorenses, dos indonésios e dos portugueses , pode bem vir a desempenhar um papel importante na transição que se avizinha.

A sua vinda a Portugal só pode concretizar-se depois de obtida a anuência do Presidente Jusuf Habibie e do Ministro dos Negócios Estrangeiros Ali Alatas.

De notar, também, a preocupação que quase todos os timorenses vindos do interior tiveram, sempre que possível de falar com o seu Presidente e de pedir instruções ao Comandante Xanana Gusmão, antes de virem para o Seminário.

Como habitualmente, o Coordenador das Jornadas teve o cuidado de consultar a Resistência Timorense ao programar e fazer a lista de convidados timorenses.

Am

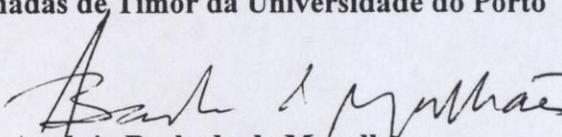
O diálogo entre líderes políticos timorenses das mais diversas organizações políticas, e de todos com o Eng.º Mário Carrascalão foi muito aberto, rico de conteúdo e extremamente cordial, como todos fizeram sentir ao Coordenador.

Criaram-se assim pontes para um mais profundo diálogo e cooperação entre timorenses do interior e do exterior, por um lado, e também se abriram caminhos para um diálogo informal entre timorenses, portugueses e indonésios, por outro lado.

Espera-se que próximas vindas a Portugal do Eng.º Mário Carrascalão, para reuniões à porta fechada e para conferências na Universidade do Porto e noutras universidades, consolide o diálogo e reforce a cooperação, para o bem dos timorenses, para a sua libertação e para a criação e consolidação de estruturas democráticas num país livre e com boas relações com o vizinho mais próximo e com Portugal.

Porto, 13 de Novembro de 1998

**O Coordenador
das Jornadas de Timor da Universidade do Porto**



António Barbedo de Magalhães
(Professor Catedrático)